



## **Mestrado em Administração e Gestão Educacional**

### **O ESPAÇO E O SEU IMPACTO EDUCATIVO:**

Quais as principais características da gestão e organização  
do espaço sala em Educação Infantil

Marta Sofia Carreiro Filgueiras

**Orientador: Prof. Doutor Luís Tinoca**

**Lisboa, Julho de 2010**

*“Tal como a expressão corporal e o gesto pretendem ilustrar e evocar situações próximas do universo da experiência e da compreensão das crianças, igualmente a utilização de alguns dos espaços deve (...) obedecer ao mesmo princípio, ou seja, induzir ao reconhecimento das suas funções e às conseqüentes noções de limites”.*

Amílcar Martins, 1998

## Resumo:

A presente investigação pretende consciencializar para a importância da gestão e organização do espaço sala, como condicionante do ambiente de aprendizagem.

As principais linhas orientadoras que surgem no quadro teórico conceptual assentam na gestão e organização do espaço sala, como questão central em educação pré-escolar, com o propósito de ser este o espaço onde se estabelece a intencionalidade educativa do educador. As características organizacionais das escolas são a questão mais abrangente, pois resultam do compromisso entre a estrutura formal e as interacções que nela se estabelecem. Sendo que, é necessário criar estratégias educativas que resultem da organização e gestão dos meios e recursos disponíveis.

O trabalho empírico resulta das opções metodológicas que julgamos serem adequadas a este tipo de estudo, de carácter qualitativo. Optámos por uma abordagem do tipo, estudo de caso, pois a sua orientação incidiu na observação directa, esforçando-se por ser naturalista na procura de saber como e porquê. Utilizou-se como técnica de pesquisa a observação participante e o inquérito por entrevista, que nos proporcionou um diálogo directo com as educadoras, a coordenadora e a directora. Efectuaram-se, também, registos de observação diária da utilização do espaço, por parte das educadoras e das crianças. Esta recolha de dados tornou-se a forma mais indicada para a compreensão do contexto escolar, em questão.

O tratamento de todas as informações recolhidas foi feito analiticamente, ou seja, efectuou-se a análise de conteúdo numa perspectiva exaustiva, representativa, homogénea e pertinente.

No final foi-nos possível concluir que a gestão e organização do espaço sala, é essencial para que se possa proporcionar aprendizagens significativas e diferenciadas que façam desenvolver as crianças globalmente. O espaço das

salas está estruturado por áreas de trabalho, para que se possam estabelecer relações pessoais e sociais, quando as crianças simulam situações da vida real.

O espaço sala deve ser estruturado de forma a contribuir para o sucesso da aprendizagem das crianças que o frequentam, e isto, tendo em conta a legislação em vigor.

**Palavras-chave:** espaço sala, estratégias educativas, gestão e organização, qualidade.

## Abstract:

The present investigation aims to raise awareness of the importance of management and organization of living space, as a condition of the learning environment.

The main lines that guide the conceptual theoretical framework are based on the management and organization of living space, as a central issue in pre-school education, being this the place where the educator performs its role. The organizational characteristics of schools are the broader question, as the result of a compromise between the formal structure and interactions in it established, since it is necessary to create educational strategies that result in the organization and management of the available means and resources.

The empirical work follows the methodological choices that we thought were appropriate for this type of study, qualitative in nature. We opted for a case study type approach, focused on direct observation, striving to be lead a naturalistic search of how and why. We also made use of the researcher's posture as a participant observer and of the interviews that enabled a direct dialogue with the educators, the coordinator and the director of the school. We also made daily recorded observations of the use of space, on the part of educators and children. This data collection become the most appropriate way to understand the school context in question.

The processing of all information gathered was done analytically, namely to make the content analysis perspective exhaustive, representative, homogeneous and relevant.

In the end we where able to conclude that the management and organization of living space is essential so that we can provide a meaningful learning environment and differentiated learning experiences fot the global development of the children. The room space should be dived by work areas so that it can

provide personal and social relationships, as children simulate real life situations.

The quality in all aspects appears as a priority factor when it comes to organizing a room that will accommodate small children. As such, the living space should be structured to contribute to the learning success of children who attend it and take into account the all law requirements.

**Keywords:** living space, educational strategies, management and organization, quality.

## Agradecimentos

A realização desta investigação tornou-se possível, desde o momento, em que a instituição Escola do Povo das Mercês se disponibilizou a colaborar. Importa referir que para a recolha de todos os dados necessários em muito contribuíram a coordenadora, as educadoras e a direcção, para elas o meu obrigado.

Para o Professor Doutor Luís Tinoca, o meu orientador, que me incentivou e se disponibilizou sempre para tudo, quero dedicar-lhe também, o meu obrigado.

Para a minha família directa, pai, mãe e marido, agradeço o apoio e incentivo.

Para a minha irmã e sobrinhas agradeço o tempo que disponibilizaram e o facto de estarem sempre ao meu lado, foi fundamental para que eu conseguisse chegar até aqui.

À minha filha Margarida que me acompanhou sempre, mesmo sem ter noção do que se estava a passar.

E a todas as outras pessoas que directa ou indirectamente me incentivaram.

Obrigado a todos por me ajudarem a conseguir...

Marta Filgueiras

# ÍNDICE

Resumo	3
Abstract	5
Agradecimentos	7
Índice	8
- Introdução	12
- Estrutura do trabalho	15
- Motivações	17
- Formulação da questão central	18
- Relevância do estudo	19
- Objectivos da investigação: gerais e específicos	20
- Limitações do estudo	21
<b>I- PARTE - Enquadramento Teórico Conceptual</b>	<b>22</b>
<b>Capítulo I: As concepções do espaço, sala, em educação infantil</b>	<b>23</b>
1 - A educação pré-escolar e a criança	23
1.1 – Aprendizagem e a Organização do Espaço	26
1.2 - Modelos Curriculares para a Educação de Infância	29
1.2.1 – A história evolutiva do currículo High-Scope	29
1.2.2 – A estrutura curricular High-Scope	32
1.2.3 - O espaço no currículo High-Scope – A organização do espaço e materiais de trabalho	34
1.2.4 – O tempo no Currículo High-Scope	
– A organização da rotina diária	36
1.3 – O Modelo Pedagógico Reggio Emilia	38
1.4 – O Movimento da Escola Moderna	44
1.5 - Características Organizacionais das escolas	48
1.5.1 - Organização e gestão dos espaços educativos	50
1.5.2 – Meios e recursos	56
1.5.3 – Áreas de trabalho	59

1.5.4 - As rotinas da sala (gestão: espaço/tempo)	62
1.6 – Qualidade em Educação Infantil	65
1.6.1 – A abordagem de Zabalza sobre a Qualidade	68
1.6.2 – A abordagem de Lilian Katz sobre a Qualidade	70
1.7 – Conceitos-chave	72
<b>II PARTE - Trabalho Empírico</b>	<b>74</b>
<b>Capítulo II: Metodologia</b>	<b>75</b>
2 – Opções Metodológicas	75
2.1- Investigação Qualitativa	75
2.2 – Estudo de Caso	77
2.3 – Inquérito por entrevista	81
2.4 – Observação Participante	83
2.5 - Análise de Conteúdo	84
2.6 – Seleção e descrição do contexto/amostra	85
2.7 – Instrumentos de Investigação (Observação Participante)	87
2.7.1 – Descritivo do Jardim-de-infância	87
2.7.2 – Observação da Organização do Espaço Sala (Descritivo)	88
2.7.3 – A Observação da utilização de um Espaço na Sala (Descritivo)	90
2.7.4 - As deslocções da educadora e das crianças no espaço sala	91
2.8 – Cronograma	92
<b>Capítulo III: Análise descritiva</b>	<b>93</b>
3 – Caracterização pessoal (entrevistas)	93
3.1 – A profissão de Educadora de Infância (entrevistas)	96
3.2 – Características Organizacionais da Instituição (salas)	97
3.2.1 – Aprendizagem e organização dos espaços	99

3.3.2 – Rotinas da sala (Gestão do espaço e tempo)	101
3.3.3 – Divisão do espaço sala em áreas de trabalho	102
3.3.4 – Meios e recursos	105
<b>Capítulo IV: Conclusões</b>	<b>108</b>
4 - Interpretação de dados	108
- Referências bibliográficas	117
<b>ANEXOS</b>	<b>121</b>
Anexo 1- Identificação do Jardim de Infância (descritivo)	122
Anexo 2- Legislação	128
Anexo 3 - Regulamento Interno da Instituição	131
Anexo 4- Projecto Educativo	141
Anexo 5 - Guião das Entrevistas realizadas às Educadoras	177
Anexo 6 - Guião da Entrevista realizada à Coordenadora Pedagógica	178
Anexo 7 - Guião da Entrevista realizada à Directora	181
Anexo 8 - Entrevistas realizadas às Educadoras	183
Anexo 9 - Entrevista realizada à Coordenadora Pedagógica	201
Anexo 10 - Entrevista realizada à Directora	205
Anexo 11 – Ficha Nº 1 – Observação da Organização do Espaço Sala	208
Anexo 12 – Observação da Organização do Espaço das Salas	211
Anexo 13 – A Observação da Utilização de um Espaço da Sala (Descritivo)	221
Anexo 14 – Deslocações da Educadora e das Crianças no Espaço Sala (Descritivo)	228
Anexo 15 – Autorização da Instituição para a realização da Investigação	238

## **ÍNDICE DE FIGURAS**

Figura nº 1 – As tarefas do educador enquanto actor central	56
Figura nº 2 – Características organizacionais das escolas	72
Gráfico 1 – Anos de serviço	93
Gráfico 2 – Anos de serviço na instituição	94
Gráfico 3 – Anos de serviço noutras instituições	94
Tabela 1 – Correspondência do nº de salas, educadoras inquiridas e faixa etária	95

## **ÍNDICE DE QUADROS**

Quadro 1 – Áreas de trabalho das salas	102
Quadro 2 – Recursos físicos das salas	105
Quadro 3 – Materiais existentes nas salas	106

## - Introdução

Educar implica valorizar vários aspectos que de uma forma equilibrada e contínua configuram as diferentes características, individuais, da criança dentro de um determinado grupo. Seria uma visão parcial, e como tal, insuficiente, se apenas os aspectos vinculados às áreas de conhecimento fossem objectivo das nossas inquietações.

É necessária a acção educativa para a consolidação de certos hábitos de comportamento individual e colectivo que, devidamente estruturados, poderão favorecer uma melhor organização de todo o ambiente educativo, o que, obviamente, se traduzirá numa melhor aprendizagem. Como tal, a gestão dos espaços disponíveis deverá, igualmente, contribuir para a qualidade global do ambiente de aprendizagem. Deste modo, importa reflectir sobre a gestão que se faz de todo esse ambiente onde a identificação objectiva das necessidades e recursos disponíveis, facilitará a regulação dos procedimentos e actuações a tomar. Segundo Machado (2002):

*A educação infantil, enquanto campo de conhecimento, de actuação profissional e de política educacional pública, vem ganhando contornos mais nítidos e com isso as discussões que emanam de seu interior adquirem maior visibilidade e consistência.*  
(p.9)

Actualmente o educador tem de adequar a organização do seu espaço tendo em conta os recursos existentes, o que por vezes não é feito da forma mais adequada ao grupo de crianças com que se trabalha, e isso, poderá ser um factor negativo para o desenvolvimento do grupo. A definição e caracterização dos espaços necessários ao desenvolvimento das actividades que ocorrem nos estabelecimentos adaptados para a educação pré-escolar, o seu dimensionamento e interligação, destinam-se ao desenvolvimento de actividades educativas a realizar pelas crianças. (Despacho conjunto nº 268/97 de 25 de Agosto - normas e instalações).

Numa tentativa de encontrar algumas linhas orientadoras surgem os objectivos desta minha investigação.

A presente proposta de investigação tem como objectivo geral a consciencialização para a importância da gestão e organização do espaço sala, como condicionante do ambiente de aprendizagem em educação infantil. Tentando perceber quais os critérios que facilitarão a organização e consequente gestão, do espaço sala, quando se trabalha, diariamente, com crianças pequenas. Importa ainda referir que os aspectos funcionais da escola e serviços destinados à infância terão de ser devidamente estudados de modo a que se possa proporcionar um ensino de qualidade.

A motivação que esteve na base desta escolha incide sobre interesses pessoais, isto porque, ao longo da minha experiência profissional tenho-me deparado com inúmeras instituições onde o aspecto organizacional do espaço sala tem-se revelado imprescindível, para que se possa proporcionar às crianças um ensino-aprendizagem de qualidade.

Como profissional de educação nesta valência considero relevante esta escolha, visto que é através da organização e a utilização do espaço que se expressam as intenções educativas. É pertinente que o educador se interrogue sobre quais as finalidades educativas dos espaços, assim como, de todos os recursos existentes na sala, de modo a poder planear e fundamentar as razões da sua organização. Espero que esta minha investigação ajude, de certo modo, alguns educadores a tomarem consciência que a gestão e organização do espaço sala, facilita na realização de aprendizagens significativas e diferenciadas. De acordo com Zabalza (1998):

*O termo, espaço, tem diversas concepções. da sua definição e sentido, ocupam-se diversos profissionais de diversas áreas: filósofos, sociólogos, economistas, arquitectos, pedagogos, etc.... (...) é necessário entender o espaço como um espaço de vida no qual, a vida acontece e se desenvolve: é um conjunto completo.(p.230)*

A escola tem a função de proporcionar oportunidades de aprendizagem e é nesta perspectiva que ela encontra um desafio que consiste, precisamente, em ser capaz de oferecer a cada criança a “ajuda” pedagógica que esta necessita, ajustando a intervenção educativa a cada uma delas.

## - Estrutura do Trabalho

O trabalho encontra-se estruturado da seguinte forma:

- Introdução, é apresentada a pertinência desta investigação e as razões que nos levaram a incidir sobre esta matéria. Referem-se ainda os objectivos que se pretendem alcançar ao longo deste estudo, todas as questões que levaram à formulação da pergunta de partida e as limitações que o estudo apresenta.

### - **I Parte**, Enquadramento Teórico Conceptual:

Capítulo I – As concepções do espaço, sala, em educação infantil, onde são apresentados os conceitos chave desta investigação. É feita referência a autores: Azevedo (2006), Freire (1986), Formosinho (1998), Machado (2002), Pinto (1989), Ribeiro (1990), Silva (1997), Zabalza (1992, 1998) que incidiram os seus estudos neste tema, pois deste modo posso fundamentar todas as minhas questões. É possível visualizar um quadro teórico conceptual consolidam as palavras-chave da minha pesquisa bibliográfica. Através de uma abordagem aos aspectos incidentes desta problemática, é feita uma síntese que serviu de modelo de análise.

### - **II Parte**, Enquadramento Empírico:

Capítulo II - A Metodologia apresenta toda a sequência metodológica da investigação. O método qualitativo como opção mais indicada a este tipo de investigação, onde se discriminam os instrumentos utilizados. É feita referência às opções e aos procedimentos técnicos de recolha e tratamento de informação, aos aspectos estruturais, à selecção e descrição do contexto de amostra. O cronograma apresentado serviu de controlo aos procedimentos tomados nesta investigação.

Capítulo III - A Análise dos resultados foi feita numa perspectiva descritiva que serviu de complemento aos dados recolhidos, fundamentando os objectivos propostos nesta investigação. Foram analisadas as entrevistas, assim como as observações de actuações diárias, por parte das educadoras e das crianças. Com o intuito de se estabelecer uma correlação

entre as mesmas, foram elaboradas tabelas e gráficos. A legislação em vigor, o regulamento interno e o projecto educativo da instituição analisada, serviram para complementar a descrição dos resultados obtidos.

Capítulo IV – Os Resultados e conclusões, onde é feita a referência a todas as considerações finais, tendo em conta a metodologia utilizada, as limitações do estudo e a recapitulação dos objectivos.

Referências bibliográficas do tema da investigação e referentes à metodologia aplicada.

## - Motivações

As motivações que estiveram na base desta minha escolha incidiram sobre interesses pessoais e profissionais. É relevante para a minha prática diária que cada vez mais se dê importância ao aspecto funcional do espaço e a toda a dinâmica envolvente, entre as crianças que o partilham diariamente. Isto, numa tentativa de perceber até que ponto a organização do espaço disponível contribui para a aprendizagem das crianças, não esquecendo o facto que cada vez mais se encontram nos dias de hoje, salas em que o número de crianças é muito superior ao permitido por lei. Zabalza (1998) diz-nos que:

*Seja qual for a organização da sala (...) será preciso que os espaços estejam dispostos em função das necessidades das crianças, tornando possível, junto à sua actividade autónoma, a acção partilhada em grupo. De qualquer forma, o professor deve ter consciência de que uma determinada estrutura da sala, favorece determinadas actividades. (p.262)*

O aspecto organizacional do espaço sala tem-se revelado imprescindível como factor a ter em conta no desenvolvimento da criança, em educação infantil. No ensino pré-escolar a organização e a utilização do espaço expressa as intenções educativas, assim como, toda a dinâmica do grupo.

Sendo assim, torna-se indispensável que o educador se questione sobre as finalidades educativas dos espaços disponíveis de modo a poder planear e fundamentar a organização desse espaço que tem disponível na sala.

Será que estamos a educar crianças, ou a ocupar o tempo delas em locais em que se podem fazer coisas que em casa os pais não permitem? Será que sendo eu profissional de educação não posso contribuir para que esta mentalidade seja posta em causa? Pessoalmente é este o meu grande desafio, profissionalmente é este o meu objectivo.

## - Formulação da questão central

No decorrer da minha pesquisa bibliográfica fui retirando algumas afirmações que me pareciam pertinentes no enquadramento do meu tema, e que me ajudaram a chegar à questão final que será o ponto de partida para esta minha investigação. Todas estas frases que aqui vou enunciar serviram de suporte à grande questão desta proposta de investigação.

- ❑ O espaço e o seu impacto educativo;
- ❑ A gestão e organização do espaço na sala em função dos materiais e recursos existentes (material educativo e disposição);
- ❑ Factores de qualidade em educação infantil;
- ❑ As necessidades das crianças pequenas em relação ao espaço;
- ❑ Espaço escolar condicionante da aprendizagem;
- ❑ Espaços escolares: caracterização e função no processo educativo;

Após várias leituras e pesquisas efectuadas, assim como, as minhas motivações, já enunciadas, consegui formular a minha questão desta proposta:

### **“ O ESPAÇO E O SEU IMPACTO EDUCATIVO:**

**Quais as principais características da gestão e organização do espaço sala, em Educação Infantil ”**

## - Relevância do estudo

Os aspectos funcionais da escola estão intrinsecamente ligados com os factores de qualidade em educação infantil. A acção educativa consolida certos hábitos de comportamento individual e colectivo que, devidamente estruturados, poderão favorecer uma melhor organização de todo o ambiente educativo. Pinto (1989) refere que:

*A função que a elaboração dos programas de estudos pode desempenhar para melhorar a qualidade do ensino tem sido descurada na maior parte dos países da O.C.D.E. Os edifícios constituem um elemento essencial de todos os sistemas de ensino. O seu arranjo e as suas instalações representam uma despesa fundamental nos orçamentos de ensino (p.104)*

A gestão dos espaços deverá, igualmente, contribuir para a qualidade global do ambiente de aprendizagem.

Importa reflectir sobre a gestão que se faz de todo o ambiente, onde a identificação objectiva das necessidades e recursos disponíveis, facilitará a regulação dos procedimentos e actuações a tomar. Para Pinto, M. (1989, p.104) as boas instalações contribuem, indiscutivelmente, para melhorar a qualidade, ao passo que as instalações inadequadas têm numerosas consequências negativas sobre os resultados no ensino. A influência exercida por esta singular combinação do volume, do estilo, do estado de conservação e de configuração dos espaços, que um estabelecimento escolar possui, é muitas vezes subestimada, por quem constrói (os arquitectos) e pelos teóricos do ensino (quem utiliza).

## - Objectivos da investigação

### Objectivos Gerais:

- Consciencializar para a importância da gestão e organização do espaço, sala, como condicionante do ambiente de aprendizagem;
- Perceber que critérios poderão servir de apoio à gestão e organização do espaço, numa sala de J.I;
- Relacionar a gestão e organização do espaço com a qualidade em educação.

### Objectivos Específicos:

Numa tentativa de encontrar algumas linhas orientadoras surgem outros objectivos nesta minha investigação, e são eles:

1. Relacionar a organização de um determinado espaço, tendo em conta os recursos e equipamentos;
2. Caracterizar experiências educativas que são proporcionadas às crianças, em função do espaço existente;
3. Enumerar alguns aspectos que caracterizam uma determinada organização.

## - Limitações do estudo

A investigação foi limitada geograficamente devido ao facto de ter pouco tempo disponível, como tal, foi efectuada próximo do local onde trabalho. Este facto fez com que obtivesse apenas uma perspectiva daquela instituição, sendo assim, os resultados serão apenas válidos para aquela realidade institucional.

## **I PARTE – Enquadramento Teórico Conceptual**

## Capítulo I – As concepções do espaço, sala, em educação infantil

### 1 – A Educação pré-escolar e a criança

Ao longo da história o conceito de criança tem vindo a sofrer algumas alterações. Inicialmente a criança era vista como um ser destruidor e sem qualquer interesse, não existia a percepção das suas necessidades, sendo esta, negligenciada pelos pais e sociedade em geral. Contudo, as mudanças inerentes à passagem de uma sociedade industrial, bem como, o desenvolvimento da psicologia e pedagogia (enquanto ciências cujo principal objecto é a criança) contribuíram para a construção de um novo conceito.

A criança passa a ser encarada como sujeito, com vida, e com identidade distinta do adulto. Tudo isto fez com que a criança passasse a ocupar um lugar privilegiado no seio da família. As entidades governantes, ao tomarem consciência, começaram a criar leis que as protegessem, emitindo direitos.

A criança com direitos na sociedade, passa a ter o privilégio do direito à educação. Segundo o Projecto da Divisão dos Direitos do Homem das Nações Unidas (1), o direito à educação era objecto dos Artigos 16º e 17º, assim formulados “a criança tem direito a uma educação, que deve ser gratuita e obrigatória (...) Os pais e o estado devem garantir à criança amplas condições para a realização destes direitos. (...) Reconhecem que a educação contribui para a promoção do pleno desenvolvimento da sua personalidade e o seu respeito dos direitos do homem e das liberdades fundamentais.”

A educação torna-se assim o alicerce da estrutura humana, e cada vez mais as famílias exigem do estado uma maior formação, e de melhor qualidade para os seus filhos. Perante isto, o estado tem vindo a emitir leis, regulamentos e

(1) Genebra, a 5 de Outubro de 1979 (E/CN, 4/1349)

reformas, na tentativa de encontrar programas escolares adequados à evolução da sociedade.

No sentido de promover a socialização das crianças pequenas, fora do primeiro agente de socialização que é a família, surgem espaços próprios para que a criança possa aprender diversas competências, juntamente com outras crianças, que serão fundamentais para a sua futura integração na sociedade.

A educação pré-escolar surge de forma a poder contemplar as crianças com idades compreendidas entre os três e os cinco anos de idade. Azevedo (1996, p.40) reforça a ideia de que ninguém dúvida da importância do acesso generalizado à educação pré-escolar, sobretudo para aquelas crianças que não dispõem de um meio familiar capaz de as apoiar nas várias actividades de despertar para a vida e para a integração social e cultural. As crianças que têm acesso a uma educação pré-escolar de qualidade vêm usufruir de benefícios pessoais e sociais assinaláveis.

O estado, em conjunto com as famílias, deverá assumir um papel responsável na forma como gere a educação das crianças, proporcionando condições educacionais de qualidade. Azevedo (1996) explica-nos que:

*Uma segunda e importante questão é o que se relaciona com o papel do estado e dos outros actores sociais, como as famílias, as associações de pais, as instituições de solidariedade social e as empresas de educação pré-escolar. (...) Em “articulação com o meio familiar” não-de ser prosseguidos os objectivos da educação pré-escolar, incumbindo ao estado de “assegurar a existência de uma rede” e “apoiar as instituições de educação pré-escolar integradas na rede pública”, subvencionando, pelo menos, uma parte dos seus custos de financiamento. (p.43)*

Actualmente é atribuído à criança um papel activo na construção do seu conhecimento, partindo das suas acções e pensamentos, sobre o contexto físico e social com que interage. Como tal, é fundamental que haja todo um ambiente educativo capaz de potenciar todo este crescimento à criança.

Portugal tem vindo a consciencializar-se da importância da educação pré-escolar. No ano de 1986 é publicada a Lei de Bases do Sistema Educativo (2) que reafirma a integração da educação pré-escolar dentro do sistema público da educação. Esclarecendo que a educação pré-escolar, no seu aspecto formativo, é complementar da acção educativa da família com a qual deve estabelecer estreita cooperação.

A partir do ano de 1996 foi visível o seu desenvolvimento e isso traduziu-se na expansão da rede pré-escolar pública e no aumento do número de crianças. Deve ser da responsabilidade do estado assegurar a existência de uma rede de educação pré-escolar (3). Desde então, a educação pré-escolar passa a ser vista como a primeira etapa da educação básica, visto que, cada vez mais se articula com o sistema nacional de ensino, nomeadamente, com o ensino básico. Silva (1997,p. 91) diz-nos que “a educação pré-escolar deverá ter favorecido atitudes que facilitam a transição (1º ciclo) e que estão na base de toda a aprendizagem, nomeadamente, a curiosidade e o desejo de aprender (...)”.

O termo educação pré-escolar, é utilizado para designar realidades nem sempre coincidentes. Toda a história da educação pré-escolar mostra que esta se desenvolveu em contextos sociais e educativos diversificados, inicialmente começou por ser lenta, para passar a ser cada vez mais rápida, tentando deste modo, acompanhar a evolução social.

(2) Lei nº 46/86 de 14 de Outubro de 1986

(3) Diário da República, nº de serie. Nº 237:3069

## 1.1- Aprendizagem e a organização do espaço

O espaço físico (da sala) enquanto ambiente educacional, é a primeira dimensão curricular, porque pode promover uma aprendizagem activa. Ribeiro (1990) “refere que numa acepção alargada, o desenvolvimento curricular define-se como um processo dinâmico e contínuo que engloba diferentes fases, desde a justificação do currículo até à sua avaliação e passando necessariamente pelos momentos de concepção-elaboração e de implementação”. (p.6)

O processo de aprendizagem é interactivo e dinâmico, pois resulta das intenções da criança, que aprende, e que estão orientadas para certas finalidades que decorrem num ambiente próprio. As metodologias e estratégias a utilizar deverão proporcionar à criança a oportunidade de realizar experiências de aprendizagens activas, significativas, diversificadas, integradas e socializadoras. Metodologias que levem à aquisição progressiva de conhecimentos numa perspectiva que valorize o desenvolvimento de capacidades de pensamento e de atitudes favoráveis à aprendizagem. De acordo com Freire (2005):

*(...) a educação para a sustentabilidade implica perspectivar uma nova orientação para a prática lectiva, enfatizando situações de aprendizagem activas, experienciais, colaborativas e dirigidas para a resolução de problemas a nível local, regional e global (p.125)*

A criança como ser único e “original” age e interage no espaço que contém objectos próprios, e através disso, consegue chegar à compreensão do mundo, aos seus interesses pessoais, às suas perguntas, às suas intenções, aos seus planos que conduzem à exploração e experimentação. Deste modo, leva à construção dos seus conhecimentos, nomeadamente, à compreensão da realidade física e social. Tudo isto, denomina-se como um processo mental que é complexo e muitas vezes, difícil de compreender e apoiar, como tal, torna-se indispensável criar as condições para que se dê o pensamento em acção.

A criança age através de erros e hipóteses que são importantíssimos para que se dê todo o processo de aprendizagem, e isto, é essencial para a percepção do seu pensamento. Segundo Alliprandi (1984, cit. em Zabalza 1992):

*O educador deve preparar um lugar em que todos, e cada um, sintam que podem estar a seu gosto, em que os objectos (...) não sejam mantidos à distância (...) um lugar que realmente permita o movimento, a expressão, o viver com serenidade, inclusivamente, a vida “bastante difícil” dos pequenos alunos da escola infantil (p.281)*

Uma das variáveis fundamentais da estruturação didáctica da escola infantil é a organização de contextos de aprendizagem, de espaços que promovam a alegria, o gostar de estar na escola, e que potenciem o desenvolvimento integral das crianças que neles vão passar grande parte do seu dia. Não se pode descuidar que foi no pré-escolar que se começou a quebrar os modelos rígidos de estruturação física e funcional das salas, e que passaram também a fazer parte de todos os outros níveis de ensino. Os espaços de educação pré-escolar podem ser diversos. A organização e a utilização do espaço são expressões das intenções educativas e da dinâmica do grupo. Silva (1997,p.37)

É necessário aceitar que existem fortes relações entre as pessoas e o seu meio, pois todo o meio ou contexto em que se produz a conduta possui as suas próprias estruturas (limites físicos, atributos funcionais, recursos disponíveis, etc...) que facilitam, limitam e ordenam a intenção dos sujeitos. Ou seja, diferentes ambientes, através de um jogo dinâmico de facilitações/limitações, darão lugar a diferentes intenções dos sujeitos. Segundo Zabalza (1992):

*O espaço na educação constitui-se como uma estrutura de oportunidades. É uma condição externa que favorecerá ou dificultará o processo de crescimento pessoal e o desenvolvimento das actividades instrutivas. Será facilitador, ou pelo contrário limitador, em função do nível de congruência relativamente aos objectivos e dinâmica geral das actividades postas em marcha ou relativamente aos métodos educativos e instrutivos que caracterizam o nosso estilo de trabalho. (p. 120)*

O espaço em educação é um local onde se constroem relações que permitem criar situações pedagógicas. Independentemente das diferentes concepções pedagógicas, o espaço nunca deixou de ser um factor presente no acto educativo. Quando se aborda o tema do espaço e da sua organização pedagógica, está-se a falar de um ambiente construído a pensar no decorrer da acção educativa em que se desenrola o trabalho pedagógico. Como nos refere Zanelli (1984, cit. Zabalza, 1992):

*É precisamente nessa relação figura/cenário que se gera o significado, isto é, o efeito da figura sobre nós mesmos (...) podemos dizer também que cada um dos nossos comportamentos, assim como cada actuação em que nos vemos implicados, adquire sentido para nós e, portanto, exerce os seus efeitos, segundo em que nos encontramos, se o contexto se modifica, modifica-se também o sentido do nosso comportamento e variarão os efeitos que a própria realidade produz sobre nós próprios (p.122)*

O espaço é também um contexto de significações, a distribuição e o equipamento do espaço escolar surgem como figuras das mensagens educativas. É onde se desenvolve o processo educativo, um importante contributo do espaço utilizado como instrumento educativo em educação infantil, consiste no facto de se converter num elemento de continuidade entre os diferentes momentos, conteúdos e experiências a desenvolver na sala. Zabalza (1992, p.123). Como tal, parece evidente que o trabalho com as crianças pequenas não deve ser estruturado de uma forma fechada.

Resumindo, podemos concluir que a forma como organizamos e utilizamos o espaço físico da sala, constitui uma mensagem curricular, isto é, reflecte o nosso modelo educativo e a nossa intencionalidade. Não nos podemos esquecer que tudo isso é a base do sucesso da aprendizagem das crianças. Este deverá ser flexível e aberto com vista a proporcionar as oportunidades de aprendizagem às crianças, onde elas possam ser sujeitos na construção dos seus saberes.

## 1.2 – Modelos curriculares para a educação de infância:

### 1.2.1 – A história evolutiva do currículo High-Scope (educação pré-escolar):

O currículo High-Scope enquadra-se numa perspectiva desenvolvimentista para a educação de infância. David era presidente da fundação de investigação Educacional High-Scope e tinha trabalhado como psicólogo, atendendo a crianças com necessidades educativas especiais, foi devido à sua experiência que o motivou a desenvolver um programa para a educação pré-escolar que preparasse as crianças para a entrada no 1º ciclo. Surgia, assim, as primeiras linhas orientadoras em 1962 (Projecto Perry) para o currículo High-Scope onde foram traçadas 4 fases de considerações gerais do que se pretendia do projecto:

A primeira fase: Educação compensatória onde o programa se centrava na questão do desenvolvimento intelectual e onde havia a necessidade de criar situações que promovessem a igualdade de oportunidades económicas e sociais. Inicialmente era dirigido a crianças com dificuldades.

A segunda fase: Tarefas Piagetianas / Tarefas de aceleração. Piaget emergia assim com o seu contributo, combinado com Smilansky, ao nível do desenvolvimento de uma rotina diária e de um ciclo (Plan-do-Review) sendo estas as principais fontes. Surge então o chamado “ Currículo de Orientação Cognitivista” que assentava na:

- a) Definição do desenvolvimento psicológico como a finalidade da educação;
- b) Definição do papel do professor como promotor do desenvolvimento psicológico da criança;
- c) Criação e utilização de tarefas e questões que promovam as estruturas próprias de cada estágio, permitindo que a criança passe para o estágio seguinte;

d) Criação de uma rotina diária estável com um ciclo central de planeamento-trabalho-revisão (Plan-do-Review).

A teoria de Piaget definia as finalidades do currículo, assim sendo, a sua inspiração era encarada de uma forma um pouco rígida e o programa organizava-se em torno da preparação das tarefas que permitiam “acelerar” o desenvolvimento da criança. O professor apresentava à criança tarefas como forma de trabalhar o seu estágio de desenvolvimento.

A terceira fase: as experiências-chave da aceleração à construção. Foi a partir da década de 70 que surgia esta fase.

A organização da actividade educacional em torno das “experiências-chave” e a reconceptualização do papel do adulto, formaram assim as características diferenciadoras desta terceira fase do currículo. O “adulto” criava as oportunidades no contexto do ambiente educacional que permitiam às crianças iniciar experiências de aprendizagem. A criança passava a ser a construtora do seu próprio conhecimento e o adulto assumia um papel menos directivo, e mais de apoio e suporte. O currículo passou a ser mais flexível e mais abrangente, e como tal, na década de 80 é alargado à escola primária e mais tarde à creche.

Até a esta fase existia um conjunto de aquisições que estiveram na base do desenvolvimento do currículo e são elas:

- 1) A centração no desenvolvimento intelectual da criança;
- 2) A opção pela aprendizagem activa;
- 3) O desenvolvimento dos processos subjacentes de pensamento como finalidade da educação;
- 4) O desenvolvimento de uma rotina diária com um ciclo de planeamento-trabalho-revisão;
- 5) Criação de experiências-chave;
- 6) A conceptualização do papel do adulto como menos directivo e mais autonomizante a acção da criança.

A quarta fase: A criança motor da aprendizagem no diálogo. Nesta fase foram seleccionados os instrumentos que permitiam ao educador/professor observar e apoiar, e posteriormente, analisar a observação da acção da criança. Isto é, a actividade do adulto é anterior à actividade da criança, preparando espaço, materiais, e experiências para que esta possa usufruir de actividades auto-iniciadas. Sendo assim, era claramente visível que o centro da acção educativa era a criança e não os estádios de Piaget.

Aprender a observar a criança exigia uma apropriação de instrumentos de observação sistemática. A acção educativa com base na observação da criança era a mais adequada, na medida em que servia de base para a planificação educativa. Tudo isto permitia que o adulto programasse a sua acção com base numa perspectiva curricular teoricamente sustentada no real interesse, necessidades, competências e possibilidades da criança. As experiências-chave eram outra fonte curricular para que a criança agisse autonomamente. Com tudo isto, se fundamentou esta quarta fase onde a criança se tornou o motor central do programa, que se clarificou o papel do adulto e a teoria no programa curricular.

## 2.2.2 – A estrutura curricular High-Scope:

A sua estrutura curricular assenta numa perspectiva fundamentadora, na organização do ambiente físico, na rotina diária, na concepção do papel do adulto e nos instrumentos de observação, são estas as intenções educacionais básicas que estão na origem da sua criação.

Existe um instrumento de avaliação do grau de consecução deste projecto, o PIP (Perfil de Implementação do Programa), que se organiza em quatro grandes princípios:

### 1) O ambiente físico:

Existe uma divisão claramente definida dos espaços, e esta é uma condição essencial para a criança se movimentar no espaço, fazendo-o de uma forma confiante. Podemos verificar que se procura através de vários meios criar um espaço nítido, condição fundamental para a criança não se “perder”, e assim poder ser independente do adulto. Formosinho (2007, p.65)

Todo o espaço é organizado em áreas, cada uma delas com os seus respectivos materiais, todos eles estão acessíveis às crianças e devidamente etiquetados, tudo isto a pensar na autonomia da criança que poderá experienciar tudo o que a envolve, e fazer dessa experiência uma aprendizagem activa (ela escolhe, usa e manipula).

Cada área específica criada na sala é pensada de modo a que a criança desenvolva papéis sociais, relações interpessoais e estilos de interacção, característicos da sociedade. A sala deve permitir à criança uma vivência plural da realidade, onde seja ela própria a construir essa mesma experiência. Segundo Formosinho (2007) no âmbito do currículo High-Scope, um amplo espaço educacional torna-se condição necessária para que a aprendizagem activa seja um suporte central das aprendizagens curriculares. (p.67)

## 2) A Rotina Diária (a organização do dia de trabalho):

Este princípio apela à auto-organização da criança, isto porque, ao interiorizar a sequência das rotinas, a criança começa a organizar o seu tempo de uma forma mais independente. Neste projecto o adulto e a criança contribuem, de formas diferentes, para toda a estruturação das actividades. O currículo High-Scope não acredita em actividades pré-estruturadas como processo de aprendizagem para as crianças pequenas.

O contexto espacial é essencial para o para o desenvolvimento das aprendizagens, ou seja, o espaço, os materiais e a organização do ambiente educacional, são vistos como áreas de intervenção curricular do educador. A acção educativa desenvolve-se com base no espaço. Por outro lado, a dimensão temporal surge como complemento essencial para a organização dos tempos de experimentação diversificada com os objectos, as situações e os acontecimentos. O tempo tem de permitir tipos diferenciados de interacção.

A rotina não é mais do que um conjugar destas duas vertentes, o espaço e o tempo, isto é, toda a dinâmica que envolve as acções criadas. Para Formosinho (2007, p.69) “criar rotina diária é basicamente isto: fazer com que o tempo seja um tempo de experiências educacionais ricas e interacções positivas”.

## 3) A interacção adulto-criança e adulto-adulto:

Esta interacção pretende que o adulto crie situações que desafiem o pensamento das crianças, para que deste modo, se provoque nelas um conflito cognitivo. Isto, fará com que elas se empenhem activa e individualmente, nas situações de aprendizagem que vão surgindo no seu dia a dia.

O dia a dia da aprendizagem está considerado no contexto organizacional particular, que é o centro educativo pré-escolar, este por sua vez está inserido num contexto comunitário. Tudo isto numa perspectiva temporal de presente, passado e futuro.

### 2.2.3 – O espaço no currículo High-Scope - a organização do espaço e materiais de trabalho:

Seguindo esta perspectiva de orientação construtivista, podemos encontrar nas salas de educação de infância áreas diferenciadas que proporcionem diferentes aprendizagens curriculares. Esta organização da sala em áreas proporciona situações pedagógicas de práticas diárias indispensáveis ao desenvolvimento das crianças enquanto grupo.

Nas salas de actividades organizadas como: área da casa, da expressão plástica, das construções, da biblioteca, e todas as outras que se poderão formar, existe um propósito real em que a criança pode vivenciar práticas simuladoras do seu seio familiar. Esta é uma imersão no quotidiano através da experiência de um papel social onde as relações interpessoais são amplamente trabalhadas de uma forma lúdica.

A forma como se organiza uma sala não deve ser fixa, muito pelo contrário, deverá ser (re)organizada consoante o desenrolar das aprendizagens diárias das crianças. Segundo Formosinho (2007):

*(...) depois de uma visita aos correios surge na sala essa nova área que vai possibilitar falar sobre as necessidades que se tem para montar a área, sobre como fazê-lo, sobre as sequências de realização permitindo, finalmente, o prazer da consecução sucedida e a sua avaliação. (p.67)*

Toda a realidade envolvente servirá de apoio e/ou suporte para a realidade do jardim-de-infância e todas essas aprendizagens tornam-se enriquecedoras para a criança. O espaço e os materiais deverão ser organizados de forma a permitir que a criança possa agir autonomamente na sala, facilitando assim, as escolhas desta perante as propostas do educador.

A organização do espaço em áreas e a colocação dos materiais, nessas áreas onde são utilizados, são a primeira forma de intervenção do educador ao nível

do currículo High-Scope e de um modo geral, ao nível dos currículos que se situam numa perspectiva construtivista. Formosinho (2007, p.68)

## 2.2.4 – O tempo no currículo High-Scope - organização da rotina diária:

Para o currículo High-Scope as actividades têm de ser estruturadas pelo adulto, onde a criança também contribui para a actividade educacional que deve ser espontânea. Tudo aquilo que tem de ser estruturado é decidido pelo adulto, e tudo o que pode ser flexível é dinamizado pelas crianças, assim nascem os contributos deste currículo.

Todo o contexto das aprendizagens tem uma dimensão espacial, onde o educador deve ter um papel activo e decisivo na organização do espaço e dos materiais. Como os explica Formosinho (2007):

*O educador High-Scope não prepara o contexto de qualquer maneira, mas para responder a um projecto no quadro do desenvolvimento e dos interesses das crianças, isto quer dizer que o espaço e os materiais, a organização do ambiente educacional, são já considerados uma área de intervenção curricular do educador.*  
(p.69)

O contexto espacial é tão importante quanto a dimensão temporal, ou seja, é necessário que o educador crie condições necessárias para que a criança vivencie interacções diferenciadas, ricas e estimulantes. Criar rotinas é fazer com que o tempo seja feito de experiências educacionais positivas, onde a criança joga com os seus pares, em ambientes diferenciados ao nível das potencialidades educativas.

A gestão do tempo faz parte do currículo High-Scope e é pensada pelo adulto, mas tem de ser progressivamente co-construída pela criança, e isso, vai permitir que ela se comece a tornar autónoma. Tudo isto oferece segurança à criança, pois ela sabe o que se vai passar a seguir em cada tempo diário vivido no jardim-de-infância, a isto chama-se rotinas, como nos afirma Formosinho, (2007) a criança vai, progressivamente, fazendo a sua apropriação da sequência dos tempos de rotina, e vai conquistando uma forma de viver cada

um desses tempos. Eles são pontos de referência para ajudar a variar as suas actividades e os seus materiais, a desenvolver uma gama variada de experiências. As rotinas diárias permitem ao educador criar oportunidades de aprendizagens, iguais, para todo o grupo de crianças.

## 2.3 – O modelo pedagógico Reggio Emília:

Este modelo desenvolve-se em torno da construção da imagem da criança que, segundo esta perspectiva, é vista como sujeito de direitos, competente, aprendiz activo, e que continuamente, constrói e testa teorias acerca de si próprio e do mundo que a rodeia. O seu fundador e impulsionador foi Loris Malaguzzi que orientou todo o seu trabalho em torno da reconceptualização da imagem da criança.

Neste modelo procura-se promover as relações, as interacções e a comunicação entre as crianças, os pais, os professores e a comunidade em geral, onde acredita-se que todo o conhecimento surge através de uma construção pessoal e social. A criança tem assim um papel activo na sua socialização que é construída com base nas suas interacções. A ênfase não é colocada na criança individual, mas na criança situada numa rede de relações e interacções com as outras crianças, com professores e com pais, tendo em conta a sua própria história, o seu contexto social e a sua cultural envolvente

A pedagogia das relações é o elemento crucial de todo o processo educativo, pois é fundamental que todos os intervenientes percebam as vantagens da colaboração para a construção do conhecimento e para o desenvolvimento individual e do grupo. Segundo Lino (2007):

*A aprendizagem é um trabalho de grupo realizado através de projectos comuns. A educação é considerada uma actividade comum, uma partilha de cultura, que se processa através da discussão, da exploração e experimentação em torno de temas, ou tópicos, que dão origem a trabalhos de projecto e que são realizados em conjunto por crianças e adultos. (p.102)*

As acções da criança não devem ser consideradas apenas como resposta ao meio social, mas sim como o desenvolvimento das estruturas mentais e isto através da sua interacção social.

Existem 5 características que estão subjacentes a toda a organização curricular deste modelo, a quem são chamadas de dimensões pedagógicas, Lino (2007) apresenta-nos:

#### 1 – O espaço como terceiro educador:

A organização do espaço é cuidadosamente organizado por pais e educadores de forma a recriar uma estrutura idêntica às cidades italianas, de modo a criar um ambiente agradável que possa reflectir as ideias, os valores, as atitudes e o património cultural. Em todas as escolas existem espaços iguais, que são criados com o mesmo propósito, e que se dividem em: o atelier, a biblioteca, o arquivo, a sala de música, o refeitório, a cozinha, diversas casas de banho e a piazza. Em torno deste último existem três salas de actividades que estão divididas em áreas, e que têm características adequadas a cada faixa etária. Em todas elas os materiais são cuidadosamente escolhidos pelos adultos de acordo com o contexto cultural da comunidade em que se encontra inserida a escola.

Existem grandes superfícies de vidro que tornam possível uma certa continuidade entre os espaços e isso beneficia a envolvência, a interacção e a comunicação entre toda a comunidade educativa.

O ambiente é criado de forma a transmitir calma, bem-estar e relaxamento, pois só desta forma se poderá apelar ao envolvimento das crianças.

Existe uma preocupação constante com a sensibilidade estética e com a acessibilidade dos materiais às crianças isso é visível em todos os espaços existentes. Os materiais existentes nos vários espaços que compõem a escola são diversificados no que se refere à forma, cor e textura. Como nos refere Lino (2007. p. 105) “depois de seleccionados, os materiais são colocados em

recipientes transparentes e dispostos em armários e prateleiras ao alcance das crianças.”

Devem ser colocados em recipientes transparentes e dispostos de forma lógica e acessível às crianças nos armários e prateleiras, são eles que, juntamente com as produções das crianças e com algumas réplicas de obras de arte, que dão cor ao espaço das salas e do centro educativo.

O atelier é um espaço com uma componente pedagógica muito importante, pois é um espaço de expressão e desenvolvimento das potencialidades das crianças, ou seja, das “cem linguagens” das crianças. Tudo aquilo que as crianças reproduzem ou documentam, é exposto nas paredes de forma a reflectir toda a história da comunidade educativa. Para Rabitti (1994, cit. por Lino, 2007):

*.Arte significa ter mais linguagens e mais linguagens significa diferentes formas de ver e representar o mundo. Queremos que as nossas crianças tenham mais do que uma imagem acerca de uma coisa...Quantas mais formas de linguagens se introduzirem (música, danças, drama e pintura, etc.) mais rica a escola será.(p.108)*

Também os espaços exteriores são organizados e planeados de forma a criar uma complementaridade com o espaço interior, ou seja, existe a mesma preocupação estética e funcional em ambos os espaços.

Pelo importante papel educacional que desempenha, o espaço é considerado o 3º educador.

## 2 – O tempo educacional:

O tempo está organizado de forma a poder-se contemplar diferentes tipos de interacção, ou seja, as crianças trabalham juntas, separadas, em pequenos grupos, consoante o objectivo de determinada actividade.

Existe uma preocupação constante com os horários que estão organizados de forma a proporcionar às crianças um equilíbrio entre todas as actividades. Este tempo diário permite às crianças a fazer múltiplas escolhas acerca da interacção que pretendem fazer em determinado tempo do seu dia. Tudo isto é pensado de forma a poder-se desenvolver situações de construção social por parte das crianças e que deste modo, facilitam o seu desenvolvimento cognitivo, verbal e simbólico. Segundo Lino (1998, p.109) “dentro de cada sala e de cada centro educativo as crianças partilham com os adultos a responsabilidade por algumas tarefas do quotidiano do jardim-de-infância.”

### 3 – As interacções educativas e a pedagogia da escuta:

As crianças desde muito cedo evidenciam necessidade de escutar e ser escutadas, e é através disso que elas vão construindo as suas teorias. Como tal, é importante que os adultos proporcionem às crianças as condições necessárias para que sejam elas próprias a fazer a sua constante procura, investigação de sentidos e significados sobre a sua vida quotidiana. Escutar as crianças significa observar, documentar e interpretar.

A interacção adulto-criança é de extrema importância nesta perspectiva, e cabe ao professor criar um contexto educacional baseado na confiança para que a criança se sinta motivada para interagir de forma a desenvolver as suas múltiplas capacidades.

### 4 – O currículo contextualizado e o trabalho de projecto:

Reggio Emília desenvolve um currículo contextualizado com ênfase no trabalho de projecto, ou seja, nunca tiveram um currículo ou programa educativo pré-definido. O conceito de currículo predefinido subentende uma organização educacional que conduz as crianças a efectuar um ensino sem aprendizagem através da acção e sem partilha de controlo com os adultos, os professores e os pais.

A planificação é feita a curto e longo prazo, e é construída, tendo por base os conhecimentos das crianças e da comunidade onde está inserida cada escola.

Os temas ou tópicos que venham a constar no projecto são minuciosamente escolhidos e sustentam-se nos recursos humanos, materiais, técnicos e culturais que cada escola possui. O trabalho de projecto e toda a documentação da equipa educativa são componentes essenciais do currículo. Todos trabalham colaborativamente com vista a identificar os recursos necessários para a construção do currículo. Malaguzzi (2001, cit. por Lino, 2007) afirma que:

*(...) discutir, propor, aprofundar e apresentar ideias novas não é só um instrumento profissional, é também um dispositivo que dá sentido de pertença a uma cultura, dá valor à solidariedade interpessoal e reforça a autonomia necessária para elaborar bons projectos. (p.112)*

##### 5 – A documentação pedagógica como sustentação da planificação educacional e da avaliação da criança:

No âmbito da pedagogia Reggio Emilia a documentação desempenha 3 funções chave: a primeira, onde se usam imagens e palavras como ponto de partida para explorar conhecimentos prévios e construir conhecimentos acerca de temas investigados. Tudo isto para permitir que a criança crie uma memória das experiências realizadas; a segunda, onde a documentação favorece o processo de aprendizagem pois permite que cada professor reflecta sobre os direitos das crianças no âmbito do contexto institucional. Deste modo, favorece-se o sentido crítico dos professores e constitui-se um processo de aprendizagem para as crianças visto que existem uma constante reconstrução da prática; a terceira, tudo aquilo que acontece nas escolas tem de ser informado aos pais e comunidade em geral com vista a solicitar o seu apoio.

Nesta pedagogia a documentação assume um papel importante que tem como principal função criar um contexto de escuta, onde se escuta e é escutado, proporcionando assim, oportunidades de observação. Documentar é produzir documentos do que se observa, é tornar visíveis as experiências realizadas, é criar cultura. O processo de documentação requer observar, escutar, seleccionar, interpretar documentos e projectar. Para Rinaldi (1998)

“documentar as actividades, os diálogos, as experiências das crianças é um acto de amor e de emoção. A educação é um acto de amor.”

Todos os intervenientes no processo educativo de Reggio Emília constituem o núcleo central da educação das crianças, ou seja, existe uma interacção bastante forte e activa, a que se dá o nome de “pedagogia das relações”. Para sustentar esta teoria este modelo pedagógico apresenta um conjunto de estratégias específicas, quer na perspectiva de formação das crianças, como na formação dos adultos que com elas interagem. Neste modelo todos os elementos participam activamente no processo educativo, educadores, pais, e crianças.

## 2.4 – O movimento da Escola Moderna:

Assenta num projecto democrático de autoformação cooperada entre docentes, onde existe uma transferência de procedimentos para um modelo de cooperação educativa nas escolas. Para os docentes é nas salas que se iniciam as práticas de cooperação e de solidariedade de uma vida democrática. Segundo Niza (2007)

*(...) os educandos deverão criar com os seus educadores as condições materiais, afectivas e sociais para que, em comum, possam organizar um ambiente institucional capaz de ajudar cada um a apropriar-se dos conhecimentos, dos processos e dos valores morais e estéticos gerados pela humanidade no seu percurso histórico-social. (p.127)*

É no seguimento da concepção de escola encarada como uma comunidade de partilha de experiências culturais da vida real, que surgem as três finalidades formativas deste movimento, e são elas:

1. a iniciação às práticas democráticas;
2. a reinstituição dos valores e das significações sociais;
3. a reconstrução cooperada da cultura;

São as três dimensões, interdependentes, que dão um sentido constante ao acto educativo.

É através dos projectos de trabalho que as crianças, em conjunto com os educadores, constituem as normas do grupo, onde se clarificam aos valores e as significações que decorrem da interacção social.

Existem ainda sete princípios de estruturação da acção educativa:

1. Os meios pedagógicos veiculam, em si, os fins democráticos da educação, ou seja, é uma estratégia democrática que orienta o desenvolvimento educativo;
2. A actividade escolar, enquanto contrato social e educativo;
3. A prática democrática da organização partilhada por todos institui-se em conselho de cooperação;
4. Os processos de trabalho escolar reproduzem os processos sociais autênticos;
5. A informação partilha-se através de circuitos sistemáticos de comunicação, com todos os intervenientes;
6. As práticas escolares darão sentido imediato às aprendizagens dos alunos, devido ao facto de existir uma partilha constante de saberes e das formas de interagir com a comunidade;
7. Os alunos intervêm ou interpelam o meio social e integram na sala “actores” comunitários como fonte de conhecimento para os seus projectos.

Os grupos de crianças são constituídos de forma vertical, ou seja, são heterogêneos, tanto ao nível etário, como ao nível cultural. Este facto faz com que haja um respeito mútuo pelas diferenças de cada um, levando as crianças a fomentar entre si exercícios de inter ajuda e colaboração.

As crianças expressam-se livremente e são valorizadas publicamente pelas suas experiências de vida, opiniões e ideias, cabe ao educador registar todas as mensagens descritas pelas crianças, e isso estimula-as a falar, a comunicar e a desinibirem-se perante o grupo.

#### A) O espaço educativo...

Todo este sistema desenvolve-se a partir de seis áreas de actividades que estão distribuídas em volta da sala. As áreas básicas desenvolvem-se: num espaço para a biblioteca e documentação; numa oficina de escrita e reprodução; num espaço de laboratório de ciências e experiências; num

espaço de carpintaria, construções, actividades plásticas e outras expressões artísticas; num espaço de brinquedos, jogos e “faz de conta”.

Existe também uma área polivalente que serve para todo o tipo de encontros colectivos do grande grupo, servindo também de suporte para outras actividades e de apoio ao educador.

Em todos estes ambientes evita-se a educação em miniaturas, ou seja, tudo é reproduzido tendo em conta uma aproximação bastante idêntica à organização das sociedades adultas. O ambiente deverá ser agradável e estimulante, onde as paredes servem de expositores permanentes para todas as produções das crianças.

As crianças participam na elaboração da planificação, gestão e avaliação das actividades educativas, que são desenvolvidas por projectos. Estes são caracterizados por uma cadeia de actividades que surgem de uma forma natural nas interacções, conversas ou notícias que as crianças desenvolvam na, e para a sala. Segundo Niza (2007):

*O plano de actividades, a lista semanal dos projectos, o quadro semanal de distribuição das tarefas de manutenção da sala e de apoio às rotinas, o mapa de presenças e o diário de grupo. Este conjunto de instrumentos de monitorização da acção educativa poderá ser completado por outros, se a sua utilização puder ser participada pelos educadores e pelas crianças. (p. 133)*

#### B) A distribuição das actividades no tempo...

Nestes jardins de infância existem duas etapas que marcam o dia, a etapa da manhã que se centra no trabalho ou na actividade eleita pelas crianças, com o apoio do educador, e a etapa da tarde que reveste a forma de sessões plenárias de informação e de actividade cultural, dinamizadas por convidados, dos alunos e dos educadores.

A organização do dia apresenta-se em nove momentos distintos:

- 1 – Acolhimento;
- 2 – Planificação em conselho;
- 3 – Actividades e projectos;
- 4 – Pausa;
- 5 – Comunicação (de aprendizagens feitas);
- 6 – Almoço;
- 7 - Actividades de recreio (canções, jogos tradicionais e movimento orientado);
- 8 – Actividade cultural colectiva;
- 9 – Balanço em conselho.

Cada grupo sai uma vez por semana, meio-dia, com o educador para procurar recolher informações decorrentes de problemas, ou temas tratados.

Toda esta organização da estrutura educativa proporciona às crianças uma estabilidade e segurança indispensáveis para o seu desenvolvimento harmonioso.

Os educadores que adoptam este método de ensino aprendizagem, nas salas deverão ter o perfil de promotores da organização participada e da cooperação, assim como, serem auditores activos para provocarem a livre expressão e a atitude critica. Para Niza (2007) “(...) mantêm e estimulam a autonomização responsabilização de cada educando no grupo de educação cooperada.”

Todo este modelo de trabalho requer uma forte participação das famílias e da comunidade em geral.

## 2.5 – Características organizacionais das escolas:

Os modelos políticos introduziram uma série de conceitos - poder, disputa, ideologia, conflito, interesse, controlo, regulação, que enriqueceram a análise dos organismos escolares. Os modelos simbólicos vieram acentuar o significado que alguns actores dão aos acontecimentos no carácter incerto e imprevisível dos processos organizacionais mais decisivos. Como nos explica Nóvoa e Schriewer (2000):

*Para o melhor e para o pior a (“desigualdade”) entende-se que a educação está em estreita interdependência com o funcionamento político e económico das sociedades. Sociedades aperfeiçoadas produzirão melhores sistemas educativos e melhores sistemas educativos aperfeiçoarão a sociedade. (p.17)*

O funcionamento de uma organização escolar resulta de um compromisso entre a estrutura formal modelos pedagógicos e elementos contextuais (macrocontexto e micro contexto) as interacções que nela se produzem (elementos pessoais, educador e alunos) e planeamentos didácticos (métodos), nomeadamente, entre membros com interesses distintos. De acordo com Delgado (2005):

*A participação nas actividades escolares deveria idealmente traduzir-se na participação dos órgãos de gestão escolar, no apoio em casa, à realização das tarefas escolares (...) (p.75)*

Nesta perspectiva Zabalza (1998) salienta as três grandes áreas que estão na base das características organizacionais das escolas:

- 1- A estrutura administrativa: gestão, direcção, controlo, etc.
- 2- A estrutura social: relações humanas entre todos os seus intervenientes (professores, pais e alunos).

**3- A estrutura física da escola: dimensão da escola, recursos materiais e organização dos espaços.**

Existe uma procura constante na identificação das características organizacionais, que são determinantes para a eficácia das escolas, e que poderão servir de apoio à regulação das organizações escolares, assim como, à compreensão das suas características dinâmicas: autonomia da escola, liderança organizacional, articulação curricular, optimização do tempo, participação dos pais, apoio das autoridades e reconhecimento do público.

A educação está cada vez mais, profundamente institucionalizada, sendo que o seu valor é um dado adquirido. Nóvoa e Schriewer (2000).

Para a presente investigação faz todo o sentido fazer referência ao ponto 2 e 3, referido por Zabalza, na medida em que engloba todos aqueles conceitos que julgo serem cruciais para a obtenção dos objectivos propostos, nesta investigação.

## 2.5.1 – Organização e gestão dos espaços educativos (sala):

Na vida escolar a organização possui um papel determinante, isto porque, permite a estruturação de todos os elementos que directamente influem na aprendizagem dos alunos. Pretende-se, assim, que o espaço sala seja organizado de forma a regular a atitude educativa. Para Zabalza (1998):

*O ambiente é um educador à disposição tanto da criança, como do adulto. Mas só será isso se estiver organizado de um certo modo. Só será isso se estiver equipado de uma determinada maneira. (p.19)*

A gestão dos espaços disponíveis deverá contribuir para a qualidade global do ambiente de aprendizagem, deste modo, é importante reflectir sobre essa gestão:

- Que tipo de actividades vamos desenvolver?
- Que espaço temos disponível?
- Que necessidades de espaço existem para determinadas actividades?
- Qual a melhor gestão do espaço disponível para a realização das actividades escolhidas?

Ao identificarmos estes aspectos estamos a facilitar a regulação dos procedimentos e a introdução de ajustamentos, sempre que estes se revelem necessários e/ou possíveis. Em termos práticos os espaços onde se desenvolvem as actividades educativas devem assumir certas características que irão contribuir para níveis mais eficazes de utilização. Se as crianças forem sujeitos activos neste processo de gestão e organização do espaço, isso facilitará, significativamente, a sua adesão e conseqüente interesse tornando mais afectiva a organização. Como nos refere Silva (1997, p.19) “admitir que a criança desempenha um papel activo na construção do seu papel desenvolvimento e aprendizagem, supõe encará-la como sujeito e não como objecto do processo educativo.”

Hoje em dia dá-se muita importância à organização da actividade educativa e são os educadores que têm a responsabilidade de encaminhar a educação das crianças, com vista o seu desenvolvimento global. Para Zabalza (1998):

*O espaço jamais é neutro. A sua estruturação, os elementos que o formam, comunicam ao indivíduo uma mensagem que pode ser coerente ou contraditória com o que o educador(a) quer fazer chegar à criança. O educador(a) não se pode conformar com o meio tal como lhe é oferecido, deve comprometer-se com ele, deve incidir, transformar, personalizar o espaço onde desenvolve a sua tarefa, torná-lo seu, projectar-se, fazendo deste espaço um lugar onde a criança encontre o ambiente necessário para desenvolver-se. (pp.235, 236)*

A diversidade manifesta-se sobre diferentes perspectivas e uma delas é a capacidade que a criança tem para aprender, os educadores têm de criar situações em que ela encontre a motivação adequada para que tal aconteça. É nesta vertente que na organização das actividades infantis, deve-se ter em consideração as especificidade do espaço, bem como o tempo das actividades, a distribuição das crianças, dos materiais e recursos disponíveis.

Em educação infantil deverá ter sempre em consideração: o grupo de crianças, a distribuição do tempo e do espaço. Esta distribuição deverá favorecer a criança, valorizando todos os aspectos importantes inerentes ao seu desenvolvimento motor, cognitivo, perceptivo e afectivo.

Existem algumas condições que uma escola de educação infantil deve contemplar:

O ambiente, como conjunto do espaço físico e das relações que nele se estabelecem que deverá ser rico, estimulante, acolhedor e sugestivo. A organização do espaço deve proporcionar, também, a actividade experimental e exploratória, sem que isso signifique dispersão. Deve igualmente favorecer autonomia pessoal e intelectual da criança, mas para que isso aconteça é necessário organizar pontos de referência claros para qualquer criança.

Segundo Zabalza (1998):

*O ambiente da sala é muito mais do que um lugar para armazenar (...).Cuidadosamente e organizadamente disposto, acrescenta uma dimensão significativa à experiência educativa (...) facilitando as actividades de aprendizagem, promovendo a própria orientação, apoiando e fortalecendo, o desejo de aprender. (p. 237)*

A capacidade imaginativa deverá também ser favorecida para que as crianças possam intervir de forma criativa nas possíveis mudanças com vista a alcançar melhores resultados, para Zabalza (1992) o nosso papel tem de ser mais do que deixar que a criança olhe só numa direcção, mas sim multiplicar os estímulos, as perspectivas, as paisagens e os detalhes. Ao nível de espaços, isso significa enriquecer e diversificar esses estímulos e as formas que formos capazes de dar aos espaços. Tudo isto, influenciará, de maneira clara o desenvolvimento perceptivo-sensorial, motor e intelectual das crianças.

O planeamento de espaços e de materiais deverá contemplar a realidade de cada criança, considerando todas as suas necessidades: afectivas, de autonomia, de movimento, de socialização, fisiológicas, de descoberta, de exploração e conhecimento. Segundo Silva (1997):

*(...) os espaços de educação pré-escolar podem ser diversos, mas o tipo de equipamento, os materiais existentes e a forma como estão dispostos condicionam, em grande medida, o que as crianças podem fazer e aprender. (p.37)*

A distribuição dos espaços na sala de J.I., tem de ser feita de uma forma pensada e, conseqüentemente, organizada, isto porque, cada faixa etária, exige um planeamento característico específico. A estrutura pedagógica a ser contemplada no momento de organizar as unidades educativas visa uma educação integral. Como nos refere Zabalza (1998):

*A idade condiciona fortemente o nível de autonomia e o seu equipamento de (aquilo que são capazes de fazer). Em função disso, teremos que adaptar os espaços e os materiais de forma tal, que sejam acessíveis para elas, que sejam de fácil utilização, que ofereçam segurança e que estimulem a sua actividade. (p.252)*

No segundo e terceiro ano de vida da criança o objectivo básico é que esta consiga desenvolver a autonomia tornando-a capaz de organizar tudo o que o educador ponha ao seu alcance, com vista a desenvolver uma linguagem que possibilite a sua comunicação e expressão. Desta forma a organização das salas deverá disponibilizar espaços que favoreçam a conquista dessa autonomia.

Deverá existir uma área lúdica para que nela possam exercitar a capacidade criativa e imaginativa, assim como um espaço que facilite a manipulação de materiais que ajudam a criança a desenvolver-se cognitivamente. Zabalza (1998) explica que:

*(...) as necessidades das crianças pequenas são muito variadas, desde as afectivas até às biológicas, como tal, é preciso organizar os espaços de maneira que permitam o descanso e, ao mesmo tempo, os espaços que permitam uma actividade intensa e enérgica. Espaços para estar com os outros e espaços para estar sozinho ou isolado., ainda espaços que sejam muito semelhantes ao lar e com muitos elementos familiares, para que não notem tanto a “ruptura afectiva”, e espaços que “rompam os seus esquemas”, que despertem a sua curiosidade por serem diferentes. (p.252)*

Nos anos seguintes, e na etapa chamada de idade pré-escolar, o espaço deverá ser organizado de forma a contribuir, em cada uma das diferentes actividades, para um desenvolvimento pessoal e social, já que é nestas idades que as crianças começam a vincar a sua personalidade. Segundo Piaget (1990, citado por Simula 1990)

*O principal objectivo da criança é o de adaptar-se ao meio, os estímulos dele recebido são fundamentais. Sendo assim, aquilo que determina o desenvolvimento é a inteligência (através da capacidade para pensar de maneira lógica) a acção (através do modo de reagir ao ambiente) e o próprio ambiente (através de estímulos que este proporciona ao individuo). Esses factores interagindo mutuamente formam os esquemas (padrões de acções organizadas) através dos quais, cada vez mais, a criança deixa de agir através de reflexos para substituí-los por comportamentos inteligentes. Em novas perspectivas na educação infantil. (p. 174)*

As actividades cognitivas tornam-se mais positivas quando contêm elementos de investigação, organização e programação. Como tal, quando uma criança escolhe um trabalho que quer realizar ela está, aleatoriamente, a desenvolver as suas potencialidades intelectuais, afectivas e sociais.

É importante que a criança realize actividades em grupo, pois deste modo, irá trabalhar valores relevantes para o seu desenvolvimento, como pessoa e futuro cidadão. Silva (1997) diz-nos que:

*Promover o desenvolvimento pessoal e social da criança com base em experiências de vida democrática numa perspectiva de educação para a cidadania. Fomentar a inserção da criança em grupos sociais diversos, no respeito pela pluralidade das culturas, favorecendo uma progressiva consciência como membro da sociedade. (p.20)*

Podemos concluir que todas as actividades realizadas pelas crianças ajudarão a transformar (gradualmente) as experiências adquiridas, que passarão de um ritmo desordenado e disperso, sem qualquer tipo de intencionalidade, para um ritmo ordenado e construtivo. Tudo isto irá reflectir-se no enriquecimento e melhoria dos processos cognitivos, de sensações e percepções, memória, raciocínio, imaginação e linguagem da criança.

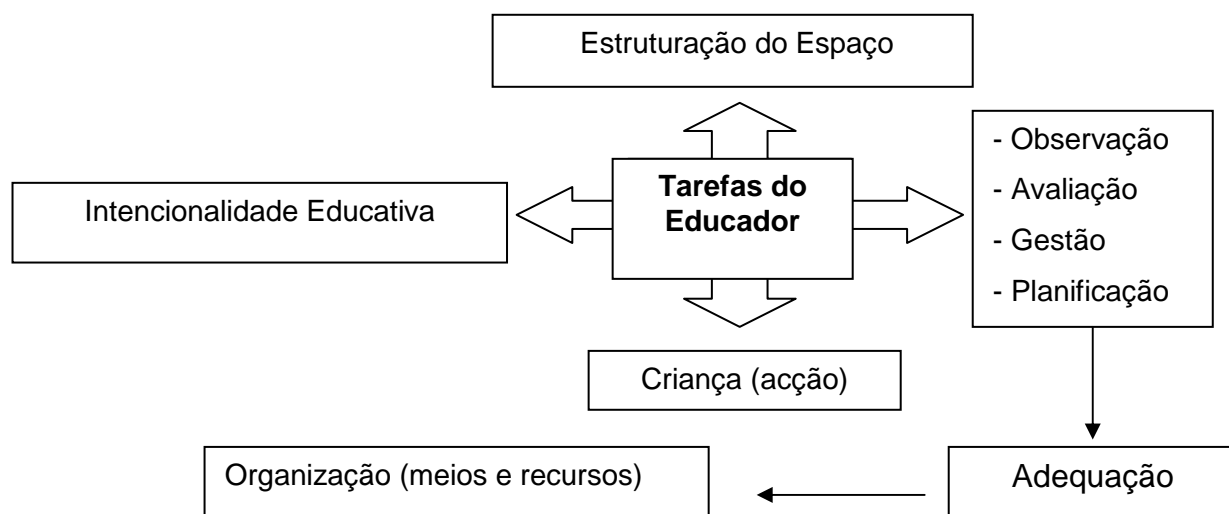
## 2.5.2 – Meios e Recursos

Quando falamos de materiais/recursos, estamo-nos a referir a tudo aquilo que, de forma operacional, nos ajudará na consecução dos fins que pretendemos alcançar. O educador deve definir prioridades na aquisição do equipamento e do material, de acordo com as necessidades das crianças e o seu projecto pedagógico, tendo em conta critérios de qualidade. Silva (1997,p.38)

Todos os meios servem para tentar alcançar a eficácia no processo ensino-aprendizagem, e é nesta perspectiva, que qualquer um dos diferentes elementos, que configuram o modelo didáctico, se podem converter em meios.

Todas as instituições deverão possuir meios que, por si só, estejam em consonância com a realidade a partir da qual a criança irá iniciar as suas observações e consequentes aprendizagens. Como tal, a função que se atribui a esses meios, será a de que eles deverão actuar como intermédio, entre a acção e a criança, facilitando a possibilidade de esta poder intervir e agir de uma forma activa, na sua própria aprendizagem.

*Figura 1 – As tarefas do educador enquanto actor central (adaptado de Zabalza, 1998, p.262):*



A figura 1 representa, de uma forma sintetizada, o educador como actor central, que deverá adoptar alguns procedimentos na sua prática de modo a poder estruturar toda a sua dinâmica diária. Cabe ao educador observar todos os recursos disponíveis, avaliar esses mesmos recursos, geri-los, para assim poder planificar toda a sua acção. Deste modo, faz todo o sentido proceder à adequação que dita toda a organização dos meios e recursos existentes, visto que se tem a percepção real do que é adequado numa determinada sala.

Todos estes procedimentos devem basear-se na intencionalidade educativa do educador, sem nunca esquecer o facto de que a acção das crianças poderá levá-las, também, a agir activamente na adequação/estruturação do espaço.

O valor pedagógico dos meios deve de estar inserido no contexto metodológico em que se pretende trabalhar, como tal, qualquer educador deverá atender a uma dupla questão quando se trata da escola dos meios/recursos a utilizar:

- Escolha adequada dos materiais para a realização das actividades;
- Os critérios de utilização dos materiais devem de estar de acordo com o Projecto Educativo de forma a contribuir para o desenvolvimento da criança.

Esta contextualização metodológica é que confere o valor real dos meios, atribuindo-lhes, ou não, possibilidades técnicas para a consecução de determinados objectivos, ou seja, uma funcionalidade diferente para cada situação didáctica. Zabalza (1992, p.122) diz-nos que ao configurar cada novo Projecto Educativo, temos de pensar em como vamos estabelecer e organizar os espaços de maneira a que se convertam, adequadamente, facilitando tudo o que podemos fazer. Ao mesmo tempo criando uma estrutura de estímulos e oportunidades de expansão experiencial para as crianças.

Existe uma dependência evidente entre a organização e gestão dos recursos e materiais, e as opções de natureza estratégica e metodológica de cada educador, que acentuam o papel importante que esta dimensão assume no processo educativo.

A função dos meios em educação de infantil, será de apresentar a realidade, às crianças, tal como ela é, por isso, é importante que estes sejam o mais “ real “ possível (imagens, fotos, filmes, passeios, teatro, etc). Silva (1997) define que:

*(...) o conhecimento do espaço, dos materiais e das actividades possíveis é também condição de autonomia da criança e do grupo. (...) O educador define prioridades na aquisição do equipamento e do material, de acordo com as necessidades das crianças e o seu Projecto Pedagógico, tendo em conta critérios de qualidade. (...) a escolha de materiais (...) atenderá a critérios tais como variedade, funcionalidade, durabilidade, segurança e valor estético. (p.38)*

Em suma, a escolha dos materiais deverá atender a critérios de variedade, para que possa abranger os diferentes interesses da cada criança; a funcionalidade, para que seja fidedigna a sua utilização; a durabilidade, para que possa ser usado diversas vezes com o mesmo objectivo; a segurança, para que não ponha em risco a integridade física da criança; e o valor estético, para que se possa fazer despertar na criança este valor, que a irá acompanhar para o resto da sua vida.

### 2.5.3 – Áreas de trabalho:

Segundo Silva (1997, p.47) “área, é o termo habitual na educação pré-escolar para designar formas de pensar e organizar a intenção do educador e as experiências proporcionadas às crianças.”

A organização por áreas corresponde ao facto de que os espaços têm funções específicas, e que os mesmos, serão organizados em função das actividades a desenvolver e da faixa etária. Para Fabboni (cit. por Zabalza, 1992) “a estrutura da sala deve ser construída de modo a que os espaços organizados possuam elasticidade e flexibilidade.” (p.138)

As áreas correspondem a uma estruturação do espaço da sala, em J.I., que reúne o dinamismo e a plasticidade de que as crianças necessitam. O seu principal objectivo é potenciar a autonomia da criança, pois é ela que organiza, decide e planeia a actividade. O papel do educador é fundamental no momento de organizar as áreas, pois depende dele, a forma como estrutura o espaço e os materiais, e disso depende a forma de interacção das crianças, agindo estas activamente, ou não. O espaço é valorizado devido ao seu poder de organização, de promoção e de relacionamentos agradáveis entre as pessoas. Deve facilitar as escolhas das actividades com todo o seu potencial para iniciar a aprendizagem social, efectiva e cognitiva, visto que, tudo isto contribui para uma sensação de bem-estar e segurança nas crianças.

A organização do espaço sala por áreas de interesse bem definidas, permite uma multiplicidade de acções, muito variadas, que reflectem um modelo educativo centrado na riqueza dos estímulos e na autonomia da criança. Os objectivos e a natureza de cada área ditam o tipo de actividades que aí devem ser realizadas. Com vista a uma melhor organização do espaço torna-se necessário seleccionar as áreas fundamentais, que podem ser alteradas durante o ano, com vista a evitar sobrecarregar as salas.

Para identificar as diferentes áreas é importante que se utilizem símbolos e nomes escritos, pois deste modo, estamos a desenvolver outras apetências na criança, como a leitura e a escrita.

A descodificação de diferentes códigos simbólicos pode também ser trabalhada na educação pré-escolar, quer através do reconhecimento de símbolos convencionais (...) quer através da criação de símbolos próprios, convencionados, para a identificação e substituição das palavras Silva (1997, p.68)

As crianças devem ter oportunidade de expressar as suas necessidades em termos de adequação do espaço disponível, e é nessa perspectiva que o educador deve criar situações para que sejam as próprias crianças a participar nessa organização. Formosinho (2007) diz-nos que:

*(...) a pedagogia da participação centra-se nos actores que constroem o conhecimento para que participem progressivamente, através do processo educativo, (...) a participação implica a escuta, o diálogo e a negociação, o que representa um importante elemento de complexidade deste modo pedagógico. (p.21)*

O elemento fundamental do processo educativo, são as crianças (com os seus interesses e opiniões).

É necessário organizar e distribuir os espaços da sala para que as aprendizagens possam ser significativas. Cada uma das formas de organização irá corresponder a uma determinada filosofia sobre os princípios dessa mesmas aprendizagens. Naturalmente que tudo isso irá depender do Projecto Educativo da escola que ao ser elaborado por todos os intervenientes no processo educativo, terá de contemplar todas essas aprendizagens.

Segundo Silva (1997):

*(...) o planeamento do ambiente educativo permite às crianças explorar e utilizar espaços, materiais e instrumentos colocados à sua disposição, proporcionando-lhes interacções diversificadas com todo o grupo, em pequenos grupos e entre pares, e também a possibilidade de interagir com outros adultos.(p. 26)*

Até há relativamente pouco tempo, o espaço sala, era um local onde conviviam apenas educadores e crianças, mas essa concepção mudou, pois vemos que a sala transformou-se num espaço motivador, e em que por vezes, é o ponto de partida para novas experiências, que passou a acolher diversas actividades de jogo, onde se podem organizar pequenas festas, com pais e restante família.

A sala deverá possibilitar que todas as crianças conheçam os objectos, materiais e utensílios, que ela contém, todos eles deverão ter uma finalidade concreta e que elas deverão conhecer. Os materiais/utensílios, devem de estar à disposição e/ou alcance da criança, já que é desta forma, que ela aprende a organizar as suas actividades e a idealizar esses materiais que irá precisar para a realização das mesmas. Deste modo estará a desenvolver a sua autonomia.

A sala deverá ser um lugar de estímulo e de motivação, de forma a potenciar as capacidades de todas as crianças. O processo de aprendizagem implica também que as crianças compreendam como o espaço está organizado e como pode ser utilizado. É importante que as próprias crianças participem nessa organização e nas decisões sobre as mudanças a realizar. O conhecimento do espaço, dos materiais e das actividades, é também, condição de autonomia da criança e do grupo. Silva (1997, p. 38)

#### 2.5.4 – As rotinas da sala (gestão do espaço/ tempo):

Existem inúmeras formas de organizar e gerir as rotinas na sala, cabe ao educador, canalizar o desejo e motivação das crianças para a aprendizagem, para que deste modo, aumentem o seu grau de participação, autonomia e interesse.

No momento de organizar a sala, é preciso ter em conta que as crianças, nestas faixas etárias, necessitam duma certa intimidade, de segurança emocional e de estabilidade. Como tal, o educador tentará organizar a sala de forma a contemplar essas necessidades básicas das crianças, nesta fase, fazendo com que elas se sintam protegidas num espaço que é delas. Para que elas possam adquirir a própria identidade, necessitam de viver num ambiente estável e familiar. Zabalza (1992) refere que:

*Talvez o aspecto mais saliente das crianças pequenas seja da necessidade de autonomia. Encontram-se num processo de construção da sua identidade individual, de conquista da sua autonomia operativizada em termos de movimentos, de actividade física de relação com as coisas e com os outros (...) assegurar as exigências de segurança física e afectiva que tornem possível que a criança enfrente esse processo de autonomização sem riscos. (p. 125)*

Numa perspectiva de fomentar a sua curiosidade, desejo de comunicar e experimentar tudo o que está a ao seu redor, a criança precisa de estímulos para a realização de actividades livres e organizadas, em grupo, ou individualmente. Será mediante directrizes de conduta e de comportamento, que a crianças aprenderá a respeitar e a utilizar todo o espaço que caracteriza a sua sala. A nível de espaço, isso significa espaços abertos e livres para movimentos, onde haja liberdade para fazer coisas e para ter a oportunidade de contacto com os outros. (Zabalza, 1992,p.125)

Em educação infantil todos os aspectos estão intimamente relacionados e deste modo, podemos verificar que a própria gestão dos espaços relaciona-se,

também, com a forma de gerir o tempo. Tendo em conta as palavras de Craidy e Kaercher (2001, p.74) “o espaço é uma construção temporal que se modifica de acordo com necessidades, usos, etc.”

O primeiro paralelismo surge com a necessidade de estabelecer, temporalmente, rotinas diárias que conferem à criança pontos de referência indispensáveis ao seu desenvolvimento. Todos estes pontos de referência marcam o ritmo no espaço que a criança utiliza diariamente. Esta união espaço /tempo, pode ser contemplada do ponto de vista da diversidade, onde entendemos, que a maior diversidade e alternância de espaços e tempos, enriquecem e fomentam o desenvolvimento/ aprendizagem das crianças. Segundo Silva (1997):

*A distribuição do tempo relaciona-se com a organização do espaço pois a utilização do tempo depende das experiências e oportunidades educativas proporcionadas pelos espaços. O tempo, o espaço e a sua articulação, deverão adequar-se às características do grupo e necessidades de cada criança. (p.40)*

O ambiente é um sistema vivo e em transformação. Mais do que o espaço físico, inclui o modo como o tempo é estruturado e os papéis que devemos exercer, condicionando a forma como nós nos sentimos, como pensamos e como nos comportamos.

A função do espaço é de dar opção à iniciativa da criança. A função do educador é a de providenciar um clima de segurança e de reconhecimento que estimule as crianças e lhes ajude a combater a inibição. Zabalza (1992, p.127)

As crianças vivenciam diariamente rotinas marcadas pelo tempo e vividas no espaço, que lhes transmite segurança e conseqüentemente, as faça sentir confiantes. O facto de se prever o que se vai passar a seguir, potencia nas crianças a sua auto-confiança e isso irá beneficiar todo o seu processo de ensino-aprendizagem.

Resumindo, a criação de espaços harmoniosos e que estimulem valores como, a sensibilidade, a auto-estima, tendo em conta, as formas e cores, deverá ser um factor primordial para a criação de uma identidade própria na sala. A criança tem de se sentir livre, autónoma e segura no espaço em que se desloca.

## 2.6 – Qualidade em educação infantil

O termo qualidade pode assumir vários sentidos. Estes variam consoante a perspectiva em que está a ser estudado, será mais descritivo, ou normativo, ou poderá apenas evocar uma simples característica ou atributo. É tão amplamente usado que o assumimos como certo, e quando se fala de um problema relacionado com a qualidade salienta-se o facto de que existe um problema no sentido técnico: como definir e medir qualidade? Segundo Moss (2002 cit. por Machado, 2002) “Trabalhar o conceito de qualidade é uma opção, não uma necessidade”.(p.17)

O conceito de qualidade é construído socialmente, ou seja, é o produto de uma maneira particular de entender o mundo. Este termo não é de toda uma palavra neutra. O conceito de qualidade corporifica os valores e crenças da modernidade e tem um significado muito específico: que existe um padrão objectivo, conhecido e universal que pode ser definido, medido e assegurado por especialistas com base num conhecimento inquestionável. Para Moss (2002 cit. por Machado, 2002) a qualidade é o tem sido chamado de tecnologia de distância. (p. 23)

O conceito de qualidade, é sem dúvida, polifacetado, difícil de definir e complexo, como tal, existe uma certa dificuldade em estabelecer formas de a medir. Esta dificuldade acresce na importância quando se fala do ensino. A qualidade no contexto do ensino diz respeito à forma de como é levado a cabo todo o processo de ensino-aprendizagem.

De acordo com o relatório sobre a reforma universitária Espanhola elaborado em 1987 pelo International Council for Development, a qualidade é o resultado conjunto de uma combinação de factores estreitamente relacionados entre si, incluindo, sobretudo, as características e preparação dos alunos e professores. Inclui, ainda, a natureza dos currículos de estudo e dos métodos de ensino, a

relação existente entre a investigação e ensino, o clima institucional global das relações humanas, atitudes e motivações em que decorre o processo de ensino-aprendizagem.

Actualmente conhecer a qualidade da escola é uma das maiores preocupações dos órgãos de gestão. A constante procura do bem, do melhor, preocupa todos os intervenientes no processo educativo. Mas, não existem meios que, de uma forma rápida, nos permitam melhorar a qualidade, visto que esta não depende só de uma única tomada de atitude. De acordo com o relatório da OCDE (1989, cit. por Amante, 2003) a noção de qualidade dá lugar a interpretações tão diversas que quando queremos analisar uma determinada escola é quase impossível. Contudo é o conhecimento da qualidade, de uma determinada escola, que constitui para essa escola, uma das principais dificuldades e, ao mesmo tempo, um dos principais objectivos.

Em todos os casos, a qualidade na educação, depende da selecção dos elementos apropriados do método adoptado para avaliar as suas características e da importância que se dá a cada uma delas. Deste modo, poderá dizer-se que a qualidade é complexa e assenta sobre juízos de valor.

A educação precisa de enfrentar desafios na procura de qualidade, e um dos principais quando se fala de educação infantil, é no que diz respeito à organização dos espaços.

A educação infantil, possui características muito particulares, no que se refere à organização dos espaços: precisa de espaços amplos, de fácil acesso e especializados (facilmente identificáveis pelas crianças, tanto do ponto de vista da sua função, como das actividades que se realizam nos mesmos).

É nesta perspectiva que a qualidade surge, já que, ela está relacionada com o próprio funcionamento das instituições e das pessoas que fazem parte delas, como tal, torna-se fundamental inserir a acção institucional num processo de melhoria da própria instituição e dos serviços que a mesma nos oferece.

A qualidade é vista como um processo de construção partilhada, colaborativa, situada e sistémica, indispensável para o desenvolvimento sustentado da educação.

A qualidade depende muito da reflexão, permanente, que se faz perante a funcionalidade e adequação do espaço, às potencialidades educativas e dos materiais. Isto porque, a conjugação dos mesmos é que permite que a sua gestão e organização, vá sendo modificada de acordo com as necessidades, e evolução, das crianças. De acordo com OCDE (2000, cit. por Amante, 2003):

*(...) a entidade responsável pela definição dos critérios de qualidade de educação pré-escolar é o Ministério da Educação, através do departamento de educação Básica. Os parceiros privilegiados neste nível de educação são os directores de estabelecimento de educação pré-escolar, educadores de infância em exercício, associações profissionais e patronais, sendo a elaboração de legislação ou de normativo realizada em diálogo com todas as entidades envolvidas. (p.53)*

Podemos concluir que é nesta perspectiva que esta questão assume uma natureza política, complexa e difícil de resolver, mas existem alguns autores que têm procurado definir alguns parâmetros que nos permitam criar alicerces sobre este conceito.

### 2.6.1 – A abordagem de Zabalza sobre a qualidade:

A escola infantil como escola para as crianças pequenas, deverá estar orientada para o desenvolvimento de três vertentes, que na perspectiva da criança deverão ser tidas em conta: a autonomia, onde se considera a capacidade de agir e interagir com os outros; a identidade, onde há um amadurecimento no sentido de uma auto imagem positiva e um sentimento de confiança em si mesmo e nas próprias capacidades e as competências onde se considera a construção da capacidade de interiorizar e utilizar adequadamente, os sistemas simbólico-culturais, segundo Zabalza (1998,p.99)

Zabalza definiu, ainda, três dimensões básicas da qualidade na educação, que designa como conteúdos da qualidade educativa: a *qualidade vinculada aos valores*, onde a qualidade se atribui consoante aquilo que representam os valores vigentes; a *qualidade vinculada à efectividade*, onde se atribui a qualidade ao tipo de instituição, ou ao processo que alcança os bons resultados; a *qualidade vinculada à satisfação dos participantes* no processo e dos usuários do mesmo que depende daquilo que se entende como qualidade de vida, com a satisfação dos empregados Zabalza (1998)

Para Zabalza (1998, p. 43) importa salientar que, quando se fala em educação, surge uma outra dimensão relevante da qualidade, que se refere aos processos e funções. Esta desempenha um papel fundamental, por dois motivos:

- 1) Um deles prende-se com o facto de ser justamente nos processos em que ocorrem os dois sub-processos fundamentais da educação: o ensino e a aprendizagem.
- 2) Outro deles é porque a dimensão é que faz variar a acção directa dos professores, como tal, é este o aspecto que mais importa salientar, pois é nele que podemos otimizar as nossas condições

Toda a acção educativa tem de ser equilibrada, procurando atender da melhor forma possível às necessidades de todas as crianças. A qualidade depende

essencialmente do funcionamento das instituições e dos seus actores e é nesta perspectiva que Zabalza orienta toda a sua abordagem sobre a qualidade.

## 2.6.2 – A abordagem de Lilian G. Katz sobre a qualidade:

Para Katz (1997) a qualidade dos programas de educação pré-escolar é hoje uma das questões mais relevantes a considerar, como tal, considera cinco perspectivas na abordagem que faz sobre a qualidade da educação pré-escolar:

1. *A perspectiva Orientada de Cima para Baixo*: as características (qualificação e estabilidade da equipa, interacções entre os adultos e as crianças, qualidade e quantidade dos equipamentos, dos materiais e do espaço disponível para cada criança, condições de higiene e segurança, etc) do contexto são factores que influenciam decisivamente a previsão da qualidade dos programas de educação pré-escolar.

2. *A Perspectiva Orientada de Baixo para Cima*: dá ênfase ao ponto de vista da criança, tendo em conta a forma como esta experiênci o programa no seu quotidiano, avaliando os seus efeitos. Deste modo, requer-se a avaliação da perspectiva das crianças através de referências sobre respostas dadas, pelas crianças, a algumas perguntas formuladas por elas próprias.

3. *A Perspectiva Exterior – Interna*: destaca-se o facto de que a avaliação da qualidade tem de considerar as características das relações entre os pais e os educadores, assim como, os restantes membros da equipa do J.I., de modo a que se consiga caracterizar a natureza dessas mesmas relações.

4. *A Perspectiva Interior*: focaliza-se nas relações entre colegas, a relação do J.I. com os pais, relações com a direcção, propondo-se algumas questões com vista a avaliar este parâmetro. Defende-se a teoria de que um programa de boa qualidade é aquele onde todos se sentem bem.

5 . *A Perspectiva exterior*: Considera a forma como a comunidade e sociedade em geral avalia a qualidade do programa, visto que é nela que se reflectem os benefícios de uma educação pré-escolar de qualidade, ou pelo contrário, os custos de uma educação pré-escolar deficiente. Como tal, faz todo o sentido que os cidadãos se pronunciem sobre os aspectos que condicionem esses programas.

Este modelo focaliza a necessidade de contemplar a multiplicidade de perspectivas que se colocam perante a avaliação da qualidade e o modo específico com que cada uma delas contribui para essa avaliação.

## 2.7 – Conceitos – chave

Pretende-se, desta forma, contribuir para uma leitura mais sintetizada desta problemática. Como tal, seleccionei alguns conceitos que, de uma forma mais específica, nos vão ajudar a clarificar algumas questões que nos foram surgindo ao longo deste estudo. Através da *figura nº 2* que se segue sob a forma de quadro, apresentarei as palavras-chave desta investigação:

*Figura nº 2* – Características Organizacionais das escolas:



Como questão mais abrangente, as características organizacionais da escola, aparecerem no topo deste quadro, e isto porque, o funcionamento da organização escola resulta do compromisso entre a estrutura formal e as interações que nela se estabelecem.

Importa salientar que um estudo desta natureza necessita sempre de uma contextualização, para que se possa perceber quais as causas que estão por detrás de certas questões relacionadas com as características organizacionais das escolas.

Seguidamente, estruturei três grandes blocos:

- A Organização e Estratégias Educativas: que diz respeito a tudo o que envolve a distribuição dos espaços, assim como, a organização e gestão dos recursos/ meios existentes.
- Organização do espaço sala: que especifica toda a rotina numa sala de J.I. e toda em função disso, a gestão dos espaço/tempo.
- O ambiente e distribuição dos espaços, onde faço uma breve abordagem ao facto de que, é importante para as crianças a criação de espaços com identidade que lhes transmitam harmonia e relaxamento.

Tudo isto converge para o termo organização que é a grande questão desta investigação, pois diz respeito a todo o espaço escolar, como ambiente de aprendizagem, especificando, as relações pessoais, o planeamento didáctico, os elementos contextuais e os modelos pedagógicos.

Como forma de conclusão, e como não poderia deixar de ser, o ambiente (como o conjunto do espaço físico e as relações que nele se estabelecem) e o espaço (como local para a actividade, caracterizado pelos seus objectos, pelos materiais didácticos e pelo mobiliário) sendo os conceitos integradores desta problemática, surgem como palavras base quando se aborda esta questão. Todos estes conceitos estão inter-relacionados, e é nesta perspectiva, que faz todo o sentido serem estudados de forma complementar.

## II PARTE – Trabalho Empírico

### 2 – Opções Metodológicas:

#### 2.1- Investigação Qualitativa

A investigação em educação tem vindo a modificar-se, um campo que era dominado pelas questões da mediação, das definições operacionais, das variáveis, da testagem de hipóteses e da estatística, alargou-se com vista a contemplar uma metodologia de investigação que acentua a descrição, a indução, a teoria fundamentada e o estudo das percepções pessoais; tudo isso designa-se como sendo um estudo de carácter qualitativo. A vertente filosófica que está subjacente à investigação qualitativa baseia-se na visão de uma realidade que é construída pelos indivíduos em interacção com o seu meio social. Os investigadores interessam-se mais pelo processo do que com os resultados obtidos. Carmo e Ferreira (1998, p. 180)

A designação da investigação qualitativa é utilizada como um termo genérico que agrupa diversas estratégias de investigação e que partilham determinadas características. De uma forma geral a metodologia qualitativa centra-se na compreensão de situações singulares e complexas.

O propósito desta investigação insere-se na Metodologia Qualitativa que foi considerado o método que melhor se adequa à reflexão e interpretação desta questão relacionada com a importância da gestão e organização do espaço sala, em educação infantil. Como tal, faz todo o sentido que uma das características desta investigação seja a fonte directa com os dados no seu ambiente natural, onde o investigador se assume como instrumento principal.

A recolha dos dados foi feita em diversas situações onde depois serão contempladas pelas informações que daí vão resultar, através do contacto directo, como referem Bodgan e Binklen (1994, cit. por Carmo e Ferreira, 1998) “a preocupação central não é a de saber se os resultados são susceptíveis de

generalização, mas sim a de que, outros contextos e sujeitos, podem ser generalizados.”(p.181)

Esta investigação leva-nos a um envolvimento directo, a um processo de questionamento sistemático da nossa prática educativa, isto porque, a nossa reflexão passará a ser feita de uma forma mais sistemática e intensiva, de forma a compreender aquilo que lhes é implícito, o ambiente natural é a fonte directa de dados e o investigador constitui o instrumento principal Bodgan e Binklen (1994, cit. por Carmo e Ferreira, 1998). Como tal, qualquer projecto que se pretenda construir, tem de incluir algumas características, como: a reflexão, a sistematicidade e intervenção; satisfazendo alguns critérios:

- Incidir sobre uma prática social;
- Ser situacional, colaborativo, auto-avaliativo e orientado por um interesse emancipatório.

Toda esta metodologia permite-nos manter a pesquisa numa dinâmica de abertura e reformulação quase permanentes, ao mesmo tempo que nos proporciona leituras sob inúmeros ângulos sem impor nem legitimar a ênfase de qualquer um deles.

Este tipo de metodologia tem vindo a mostrar as suas virtualidades em diversos patamares do ensino, incluindo a própria educação pré-escolar.

Para além da importância de acedermos ao significado construído pelas crianças pequenas e pelos adultos, que com elas trabalham, a investigação qualitativa é também relevante na medida em que permite aos profissionais reconhecerem-se nesses estudos, tornando a investigação acessível a estes sujeitos da investigação e não algo que apenas os especialistas controlam através da utilização de métodos que se revelam “obscuros” aos profissionais do terreno.

## 2.2 - Estudo de caso

Depois de analisar a diversidade de abordagens metodológicas e a pluralidade de processos, técnicas e instrumentos, que são possíveis de utilizar numa investigação, optou-se por uma abordagem do tipo, estudo de caso, isto porque, está orientado para o que se passa no terreno, esforçando-se por ser naturalista. A sua ênfase centra-se em coisas observáveis incluindo as observações feitas pelos informadores, existe ainda, uma preferência relativa pela descrição em linguagem natural, desdenhando às vezes de grandes idealizações Stake (2007,p.62).

Um estudo de caso é uma abordagem empírica em que se estuda um contexto real quando os limites entre determinados fenómenos, e o seu contexto, não são claramente evidentes, e no qual são utilizadas muitas fontes de dados.

O estudo de caso é um tipo de investigação utilizado quando se pretende saber como, ou porquê. Como nos refere Yin (1986):

*A Case Study is an empirical inquiry that: (...) investigates a contemporary phenomenon within its real-life context (...) the boundaries between phenomenon and context are not clearly evident (...) multiple sources of evidence are used (...) (p. 23)*

O investigador não pode exercer controlo sobre os acontecimentos e o estudo focaliza-se na investigação de um fenómeno actual no seu próprio contexto.

Existem alguns processos de intervenção nos estudos de caso, caracterizados por dois momentos, **A** e **B**:

<p><b>A - Determinação dos elementos da caracterização: que identifica os elementos da estrutura (recolha, análise e síntese dos dados)</b></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Estabelece interacções entre fenómenos e define funções (recolha, análise e síntese de dados dinâmicos);</li> <li>• Constrói as interpretações (recolha, análise e síntese de dados de organização).</li> </ul>
<p><b>B – Definição de estratégias de intervenção e avaliação</b></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Tomar decisões de intervenção;</li> <li>• Avaliação da situação.</li> </ul>

Segundo Merriam (1998, cit. por Amante, 2003) existem algumas características inerentes a um estudo de caso qualitativo, e que ele resumiu:

Particular – porque se focaliza numa determinada situação, acontecimento, programa ou fenómeno.

Descritivo – Porque o produto final é uma descrição “rica” do fenómeno que está a ser estudado.

Heurístico – Porque conduz à compreensão do fenómeno que está a ser estudado.

Indutivo – Porque a maioria destes estudos tem como base o raciocínio indutivo.

Holístico – Porque tem em conta a realidade na sua globalidade. É dada uma maior importância aos processos do que aos produtos, à compreensão e à interpretação.

Um estudo bem sucedido dará uma ideia tridimensional e ilustrará relações, questões e padrões de influências num contexto particular. Os investigadores que trabalham individualmente, com um prazo bem definido e curto, têm de ser muito cuidadosos na selecção do estudo do caso.

Os estudos de caso podem ter diferentes correntes teóricas, diferentes paradigmas e diferentes técnicas de investigação. No entanto, tendo em conta o propósito desta investigação, o estudo de caso baseado em metodologias qualitativas é o que melhor se enquadra, na medida em que, está intimamente ligado com a observação dos seus contextos.

O investigador num estudo de caso observa as características do seu alvo específico, tendo como objectivo aprofundar e analisar intensivamente a multiplicidade de fenómenos que nele têm lugar. Segundo Cohen, Manion, e Morrison (2007):

*Case studies can establish cause and effect, indeed in real contexts, recognizing that context is a powerful determinant of both causes and effects (...) are set in temporal, geographical, organizational, institutional and other contexts that enable boundaries to be drawn around the case. (p. 253)*

A escolha pelo estudo de caso, na presente investigação, tem como objectivo uma maior compreensão da acção educativa, e neste caso específico, na organização do espaço sala em jardim-de-infância. Com o intuito de obter uma realidade o mais aberta possível, é necessário reunir um conjunto de ferramentas conceptuais e práticas, que simultaneamente, e devidamente estruturadas, permitam atingir os objectivos traçados. Nesta perspectiva serão utilizadas técnicas de recolha de dados que nos permitam atingir os objectivos propostos.

Este estudo de caso apresenta-se predominantemente associado a metodologias com características de investigação-acção, e isto porque, é apropriada ao desenvolvimento de conhecimento específico, sobre um

problema específico, numa situação específica. Ou seja, enquadra-se numa abordagem em que se desenvolve a procura na compreensão duma realidade.

Existem um conjunto de características neste estudo, que se relacionam com os processos de investigação-acção, e são eles:

- A natureza colaborativa e investigadora;
- Ser situacional e aberto a mudanças;
- Ser participativo, onde os próprios elementos participam directa/indirectamente na pesquisa;
- Ser formativo e reflexivo, visando a produção de conhecimentos a vários níveis.

Toda esta metodologia organiza-se em redor de três objectivos (Esteves, 1986):

1. Objectivos da investigação (produzir conhecimentos sobre a realidade);
2. Objectivos de inovação (introduzir transformações na realidade tendo em vista a solução de problemas nela identificados);
3. Objectivos de formação de competências (desenvolver um processo de aprendizagem social que envolva todos os participantes).

Para Cohen, Manion, e Morrison, (2007, p. 256) “case studies are “a step to action” they begin in a world of action and contribute to it”

## 2.3 - Inquérito por Entrevista:

O objectivo de um inquérito é obter informações que possam ser analisadas, extrair modelos de análise e fazer comparações. Na maioria dos casos, este tipo de procedimento visa obter informações a partir de uma selecção representativa da população, alvo do estudo, e partir daí tirar conclusões consideradas da população como um todo. Existe uma interacção directa que é a questão-chave na técnica da entrevista, onde o seu objectivo é proporcionar um diálogo livre entre dois interlocutores. Como nos explica Grawitz (1993):

*(...) constitué par le fait qu'il s'agit dans les deux cas d'un tête-a-tête et d'un rapport oral entre deux personnes, don't l'une transmet à l'autre, (pp. 560, 561)*

Sendo vista como uma componente integrante da observação participante, a entrevista, como técnica de pesquisa deverá ter em conta alguns propósitos. Um dos quais é que poderá ser usada como principal forma de recolha de informação, directamente relacionada com os objectivos da pesquisa; outro, é nos permite testar, ou até mesmo sugerir, novas hipóteses que nos podem levar a resultados, até então, inesperados; por ultimo, é que poderá ser usada simultaneamente com outros métodos de investigação, que poderão servir de suporte à sua credibilidade, validando outros métodos e permitindo aprofundar as motivações dos inquiridos. Para Grawitz (1993) “(...) elles dépendent de deux facteurs, qui modifient l'element fondamental de l'entretien: la communication (...).” (p. 571)

O inquérito por entrevista deverá ser utilizado em certos contextos específicos, um deles é no caso em que o investigador tem questões relevantes, cuja resposta não poderá encontrar na documentação disponível, ou tendo-a, não lhe pareça fiável. Ou por sua vez, em situações em que o investigador deseja ganhar tempo e economizar energias recorrendo a informadores qualificados como especialistas no campo da sua investigação.

Existem diversas categorizações nos tipos de entrevista, e como tal, é necessário existir um estudo prévio de modo a seleccionar o que melhor se adequa à investigação, segundo Grawitz (1993, cit. por Carmo e Ferreira, 1998) existem seis tipos de entrevistas depende da função e da liberdade que é concedida ao entrevistado para se expressar, e do grau de profundidade dos dados obtidos por meio desta técnica, nomeadamente as entrevistas clínicas livres, centradas com perguntas abertas e com perguntas fechadas. (p.130)

Independentemente do tipo de entrevista a realizar importa atender a padrões de actuação que devem de ser adoptados antes, durante, e depois da sua realização.

A escolha dos entrevistados deve ser adequada aos objectivos da pesquisa. Deverá iniciar-se uma entrevista após uma breve síntese enquadradora, lembrando as informações já partilhadas no contacto prévio, tornando-se importante escolher uma questão inicial que coloque o entrevistado no tema da conversa e que o ajude a criar um ambiente relacional.

O planeamento de uma entrevista deve sempre começar por integrar a explicitação dos objectivos que se pretendem alcançar. Segundo Grawitz (1993):

*(...) on peut considérer la technique de l'entretien in abstracto, mais en fonction du type de communication et d'information qu'elle vise et de la recherche dans laquelle s'insère. (p. 571)*

Depois da entrevista é sempre útil registar as observações sobre o comportamento verbal e não verbal do entrevistado, assim como, o ambiente em que a mesma decorreu, tudo isto permitirá levantar hipóteses mais seguras sobre a autenticidade das respostas obtidas e sobre o grau de liberdade com que foram dadas.

## 2.4 - Observação Participante

A observação por parte dos actores sociais, no seu contexto natural de acção (observação participante) está intimamente ligada à investigação, e constitui uma das formas mais cruciais na recolha de dados, “pois compreender o contexto é essencial para uma perspectiva holística” Patton (1990, cit. por Amante, L., 2003)

A observação participante é uma estratégia global que combina diferentes tipos de recolha de dados – entrevistas, observação, reflexão, análise documental. Estes deverão ser adequados ao propósito da investigação, como tal, torna-se necessário experimentar o ambiente como elemento de observação e de participação.

Esta pesquisa implica a recolha de dados de natureza estrutural (dados que permitem conhecer os elementos do jardim-de-infância, neste caso a sala, no seu aspecto estáticos – mobiliário, disposição do mesmo, material de desgaste, material de consumo) e dados de natureza dinâmicos (que estão relacionados com opiniões e comportamentos de intervenientes na situação pedagógica, onde são registados factos, opiniões e interpretações), como tal, impôs-se a utilização de instrumentos e processos adequados à obtenção dos mesmos.

Neste estudo foram usados instrumentos e processos metodológicos que julgo serem bastante pertinentes para este contexto, e são eles: ficha de identificação do jardim-de-infância., observação da organização do espaço sala, observação da utilização do espaço sala e deslocações da educadora e das crianças no mesmo espaço. Todos estes instrumentos foram elaborados tendo em conta trabalho similares desenvolvidos por Estrela (1990), e que nos permitem obter indicadores susceptíveis de esclarecer a estruturação do espaço pedagógico desenvolvido na sala. Por outro lado, o aspecto estrutural e dinâmico que está contemplado nas salas, ao ser minuciosamente decifrado, vai permitir-nos enquadrar todos os objectivos que estão inerentes a esta investigação.

## 2.5 – Análise de Conteúdo

A análise de conteúdo enquanto técnica de tratamento de informações incide sobre dados recolhidos através de diferentes formas – documentação, observação e entrevistas. Pressupõe uma atitude interpretativa, que tem subjacente, processos técnicos de validação.

Berelson (1952/1968, cit. por Carmo e Ferreira, 1998) definiu “a análise de Conteúdo como uma técnica de investigação que permite fazer uma descrição objectiva, sistemática e quantitativa do conteúdo, manifesto das comunicações, tendo por objectivo a sua interpretação.” (p. 251)

Como qualquer outra técnica de investigação, esta implica também, que sejam definidos objectivos.

O investigador deverá proceder à escolha dos documentos que vão ser sujeitos à análise depois irá proceder à análise de conteúdo. Esta escolha deverá ser feita tendo em conta certas regras, tais como, a exaustividade, a representatividade, a homogeneidade e a pertinência.

A Análise de Conteúdo pode ainda corresponder a uma abordagem directa, ou, indirecta, que se encontra associada à análise qualitativa porque, procura uma interpretação do que se encontra por detrás de uma linguagem expressa. Como nos explica (Carmo e Ferreira, 1998) a análise de conteúdo implica que sejam definidos objectivos e um quadro de referências teórico.

## 2.6 – Selecção e Descrição do contexto/amostra:

Tendo em conta as perguntas de investigação a que se pretende reportar, optou-se por uma metodologia assente no estudo de caso. A selecção do caso a investigar foi feita por conveniência, isto porque sendo aquela onde trabalho, há mais facilidade/disponibilidade em conseguir recolher os dados importantes para este estudo.

Todos os docentes do jardim-de-infância, coordenadora e directora foram alvo da minha investigação. Realizei-lhes entrevistas no sentido de perceber em que perspectiva, possuem espaços adequados ao desenvolvimento do processo educativo, e como é feita a sua gestão e organização, ou seja, que critérios estão subjacentes à forma como se organiza o espaço na sala. Desta forma, foram recolhidos dados que permitiram identificar e caracterizar a estrutura global em que decorre o trabalho pedagógico.

Todas as salas, excluindo a creche, foram alvo do meu estudo visto que, não possuem as mesmas dimensões, nem o mesmo número de crianças e não estão dispostas da mesma forma. Através da elaboração de grelhas, fichas e descrições, espero recolher dados imprescindíveis, no que diz respeito aos estímulos a que as crianças estão sujeitas diariamente, ou seja, como é feita a envolvimento no ambiente onde elas se deslocam.

A observação, permite assim, a recolha de dados úteis e fidedignos, na medida em que, a informação obtida não se encontra condicionada pelas opiniões e pontos de vista dos sujeitos, como acontece, nas entrevistas e questionários. Será feita a observação directa, às crianças e às educadoras, com vista a perceber como se movimentam na sala, qual a relação que têm com o espaço e que dificuldades, se as houver, encontram.

Após a aplicação destas técnicas será feita a análise do seu conteúdo, com vista a retirar os elementos significativos e pertinentes, de forma a atingir os objectivos propostos inicialmente.

Esta análise será realizada numa perspectiva de interpretação dos resultados obtidos.

## 2.7 – Instrumentos de investigação (observação participante):

Os instrumentos de investigação utilizados nesta investigação foram elaborados tendo em conta trabalhos realizados por Estrela (1990) e Esteves (2002).

### 2.7.1 – Descritivo do jardim-de-infância

Com vista à obtenção de dados acerca do Jardim-de-infância, foi criado um instrumento de trabalho – descritivo do jardim-de-infância, de modo a poder agrupar os dados globais acerca desta instituição, onde vou incidir a minha pesquisa, enquanto instância onde decorre o trabalho pedagógico.

Este instrumento pretende revelar os dados de carácter estrutural onde decorre toda a dinâmica que se pretende analisar, foi elaborado numa perspectiva directa e naturalista, mas tendo sempre presente que todos os dados recolhidos têm de ser articulados e organizados, com vista a contextualizar-se com outros instrumentos, também, utilizados.

Foram seleccionados alguns aspectos que julgo serem importantes referir, são eles, a designação, a localização, a criação (historial) e funcionamento, o estatuto (legislação), os recursos físicos (instalações) e os recursos humanos (adultos e crianças) e) o aspecto organizacional (normas de funcionamento, projecto educativo).

## 2.7.2 - Observação da organização do espaço sala:

A recolha de dados relativos à natureza estrutural é importante para caracterizar o J.I., contudo, é necessário recolher dados que nos permitam contextualizar o trabalho pedagógico, e que nos ajudem a perceber como decorre toda a organização no espaço.

Existem espaços que são adequados ao desenvolvimento do trabalho pedagógico, mas existem outros que necessitam de ser apropriados tendo em conta aquilo que se pretende desenvolver. Como tal, julgo que é de extrema importância a criação deste instrumento de pesquisa, que visa captar uma realidade, que se traduz na organização e estruturação dos espaços dados – Observação da organização do espaço sala. Cada espaço dado, visa determinados objectivos funcionais, mas cabe ao educador criar condições para o desenvolvimento da actividade pedagógica – *espaço construído*. Ou seja, este espaço construído é um espaço que se inscreve no espaço dado e que resulta da acção do educador. Faz todo o sentido perceber que tipo de estrutura do espaço influi com a dinâmica decorrente de toda a acção pedagógica do educador.

Os dados dinâmicos e os dados estruturais complementam-se, pois são o culminar de uma acção exercida por actores sobre um determinado espaço.

A criação destes instrumentos visam a recolha e organização dos dados através da observação directa, que em conjunto com outras técnicas a ser implementadas, vão ser extremamente úteis na formação de um quadro descritivo sobre a forma como o espaço está organizado.

A ficha de organização do espaço sala, visa essencialmente, obter dados sobre a transformação do espaço com vista à realização do trabalho pedagógico. Deste modo, será possível obter dados relativos ao seu contexto específico, na medida em que se efectua um levantamento dos espaços organizados existentes as salas.

Este instrumento foi estruturado tendo em conta os trabalhos realizados por Estrela (1990) e Esteves (2002) foram criados alguns itens importantes com vista à obtenção de dados que nos possam ser úteis, e são eles: (1) Nome do J.I; (2) Identificação da sala; (3) Organização da zona/área: (3.1) Localização, indica-nos a zona/área considerada, relativamente às outras zonas/áreas organizadas, tendo em conta a cor que está identificada na planta da sala; (3.2) Identificação da zona/área existente na sala, ou seja, identificar qual a área/zona que essa sala contempla; (3.3) Recursos: (3.3.1) Físicos existentes na sala, abrange o mobiliário existente (ex: mesas, cadeiras, quadro, etc.); (3.3.2) Materiais abrange todo o tipo de materiais que servem para o uso e/ou consumo (ex: cestos, caixotes, etc.); (3.3.3) Painéis, indicar se existe, ou não, algum local propício à colocação de trabalhos elaborados pelas crianças; (3.3.4) Materiais de uso e consumo, designam-se por todos os tipos de recursos destinados ao diário por parte das crianças (ex: plasticina, canetas, lápis); (3.4) Acessos da sala para o exterior, (4) Configuração, onde se procederá à elaboração da planta da sala que facilitará a visualização de, uma forma sintética, do espaço existente.

### 2.7.3 - A Observação da utilização de um espaço na sala (descritivo):

A observação feita em cada um das salas vai complementar o instrumento anteriormente utilizado, permitindo assim, fazer um eixo de ligação entre a utilização do espaço e os seus actores, tendo em conta, o trabalho pedagógico que é desenvolvido nesse mesmo espaço. O facto de ser utilizado em cada sala vai permitir-nos comparar dados, e deste modo, clarificar o significado curricular da organização do desenvolvimento do trabalho pedagógico.

Na sequência da desta observação julguei ser pertinente, a especificação de certos itens, que considereei, para esta técnica: a) Recursos temporais: tempo; b) Recursos espaciais: zonas/áreas; c) Recursos humanos: nº de crianças, nº de adultos; d) Recursos técnicos: actividades livres, actividades direccionadas e actividades impostas.

#### 2.7.4 - As deslocações da educadora e das crianças no espaço sala:

Como forma de complementar todos os dados recolhidos pretendo, através de um instrumento de registo das deslocações da educadora e das crianças no espaço sala, criar um eixo de ligação entre as deslocações destes dois actores tão importantes para o desenvolvimento do processo educativo.

É necessário criar itens que especifiquem as deslocações das crianças e da educadora no espaço sala, e são eles:

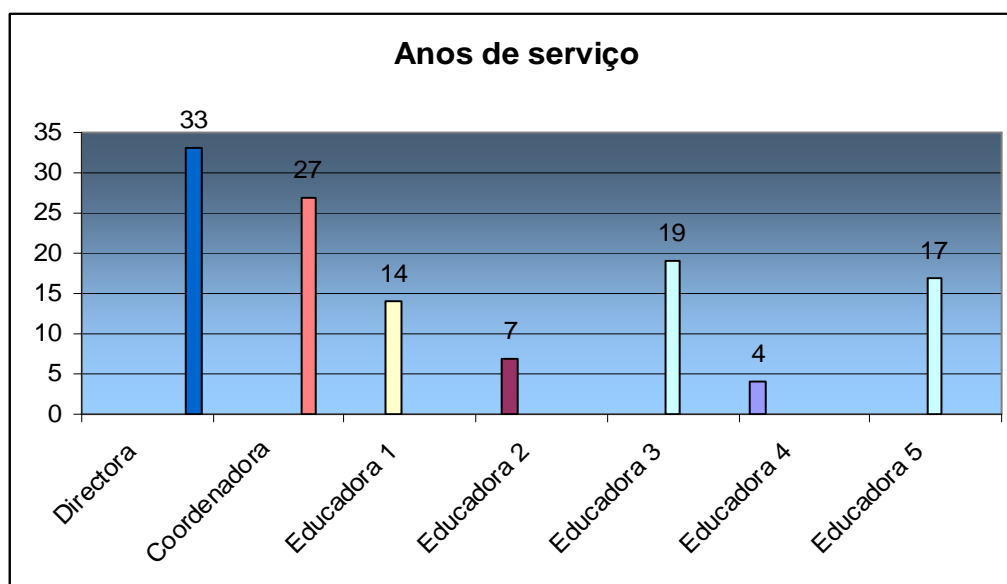
- As deslocações da educadora no espaço sala (zonas/áreas), no tempo, em que actividades e a forma como o fazem (modo de trabalhar); Ou seja, verificar se existe, ou não, uma intervenção presencial por parte da educadora, para com as crianças, e determinar os momentos dessa mesma intervenção.
  
- As deslocações das crianças no espaço sala (zonas/áreas), no tempo, em que actividades e a forma como o fazem (modo de se relacionar com os outros). Com que motivações, as crianças, se deslocam no espaço, o que mais lhes suscita interesse, e se o espaço construído está adequado a elas.

## 2.8 – Cronograma:

Dados de Estrutura						Dados de dinâmica					
DATA	Entrega de dissertação de mestrado	Recolha de dados e pesquisa bibliográficas	Entrevistas a informantes qualificados	Elaboração de entrevistas semi-dirigidas	Dados de campo, entrevistas e contactos	Relatório de progresso	Tratamento de dados	Redacção de críticas	Redacção final	Preparação e impressão, correcção e reimpressão	Entrega do relatório final de dissertação
Nov. 2007	9										
Dez. 2007		Ver anexos: 1,2,3,4	X								
Jan. 2008		Ver anexos: 1,2,3,4	X								
Fev. 2008		Ver anexos: 1,2,3,4									
Março 2008					Ver anexos: 8,9,10						
Abril 2008					Ver anexos: 8,9,10						
Maio 2008					Ver anexos: 8,9,10,11 12,13,14						
Junho 2008											
Maio 2009						X					
Junho 2009							X				
Julho 2009							X				
Jan. 2010							X				
Fev. 2010									X		
Março 2010									X	X	
Abril 2010											21

### 3 – Caracterização pessoal (entrevistas):

Realizei entrevistas às educadoras, coordenadora e directora (ver anexos 8, 9 e 10), com o intuito de perceber como gerem a organização do espaço sala, e como isso contribui para o sucesso da aprendizagem das crianças, nomeadamente como influi na qualidade da educação prestada às mesmas. Considerou-se pertinente registar os anos de serviço que prestam à actividade profissional, o *Gráfico 1* indica-nos os anos de serviço que cada uma das inquiridas possui.



*Gráfico 1* – Anos de serviço na categoria profissional a que pertencem.

As educadoras E1,E2,E3,E5 possuem mais de 5 anos de serviço, nomeadamente 14, 7, 19 e 17 anos, sendo que apenas uma têm 4 anos de serviço. A coordenadora tem 27 anos de serviço e a directora tem 33 anos.

O *Gráfico 2* abaixo demonstra-nos os anos que cada uma das inquiridas possui ao serviço desta instituição

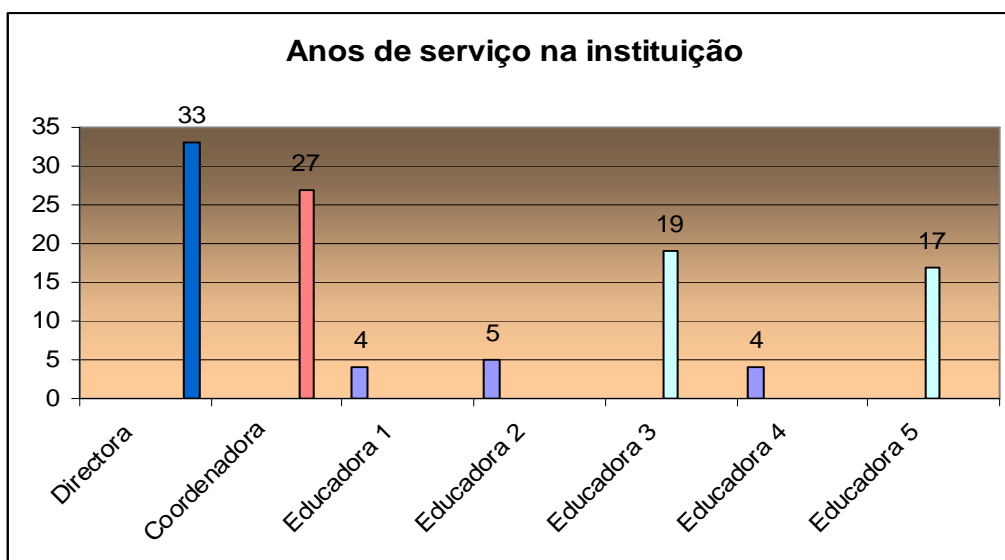


Gráfico 2 – Anos de serviço na instituição.

Três das educadoras, E3 E4, E5 apresentam os anos totais de serviço nesta instituição, as outras duas, E1, E2, possuem 10 e 2 anos de serviço, respectivamente, de outras instituições.

A coordenadora, dos 27 anos de serviço que possui, 6 meses foram adquiridos noutra instituição. A directora tem 33 anos de serviço nesta instituição, mas a sua designação na segurança social não foi sempre a mesma, começou por ser auxiliar e neste momento é chefe de compras.

O Gráfico 3 demonstra as três docentes que têm outros anos de serviço noutras instituições.

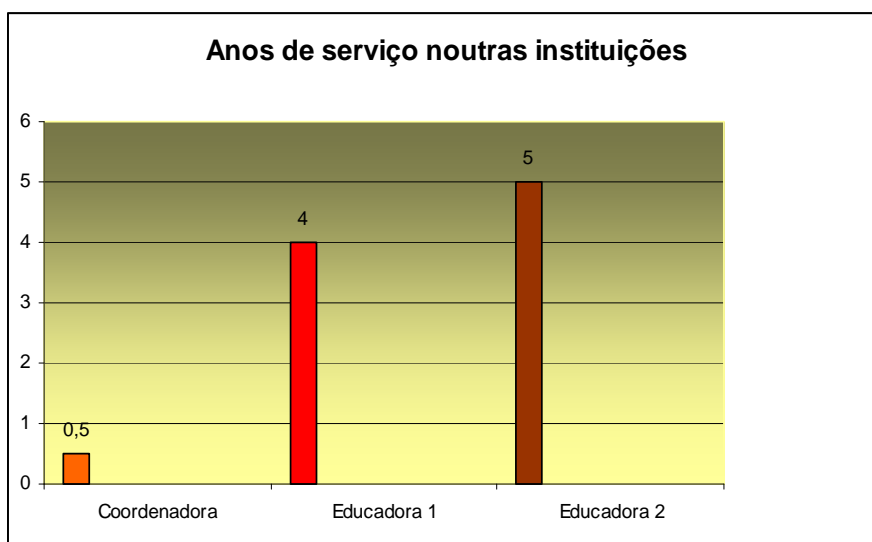


Gráfico 3 – Anos de serviço noutras instituições.

A *Tabela 1* abaixo descrita demonstra-nos a correspondência entre o número de salas, educadoras inquiridas e a faixa etária.

Nesta instituição existem duas salas de 3 anos, duas salas de 4 anos e duas salas de 5 anos, sendo que apenas numa delas se efectuei a minha pesquisa, pois a outra sala de 5 anos é aquela em que eu me encontrava a exercer funções de educadora.

Sala 1	Educadora 1 (E1)	3 anos
Sala 2	Educadora 2 (E2)	3 anos
Sala 3	Educadora 3 (E3)	4 anos
Sala 4	Educadora 4 (E4)	4 anos
Sala 5	Educadora 5 (E5)	5 anos

*Tabela 1* – Correspondência do número de salas, educadoras inquiridas e a faixa etária;

### 3.1 – A profissão de Educadora de Infância (entrevistas):

Quando questionadas sobre, a opinião que têm formada acerca da profissão de educadora três das educadoras responderam que ao longo dos tempos têm notado uma boa evolução na profissão, uma delas diz-nos que dantes eram vistas como “amas” que ajudavam as crianças a passar o tempo fora dos pais, mas agora já nota que existe mais respeito para com elas. “ (...) eu penso que tem evoluído, a mentalidade das pessoas ao longo destes anos, (...) a opinião que têm sobre nós tem sido diferente, ao principio consideravam-nos tipo amas, tipo quem toma conta de crianças, só depósito, agora já não, consideram um bocadinho melhor, já pensam que temos uma profissão importante (...). (ver anexo 8)

A opinião geral é que devido ao facto de os pais serem cada vez mais permissivos, as crianças têm menos regras em casa, tornando-as assim mais desobedientes para com os adultos, e isso, torna a profissão mais desgastante. Uma das inquiridas diz que tem vindo a piorar, este facto associado à falta de regras em casa. Segundo a educadora 3 “ (...) em relação às crianças, cada vez têm menos regras, ah cada vez, obedecem menos à figura do adulto, e os pais não incutem isso, mas que nós dizemos, ensinamos umas coisas, mas depois em casa é o inverso.” (ver anexo 8)

### 3.2 – Características organizacionais da instituição (salas):

Cada uma das salas possui amplos espaços com 52m<sup>2</sup>, para os 3 anos, 54m<sup>2</sup>, para os 4 anos e 56m<sup>2</sup>, para os 5 anos (ver anexo 12). As salas foram concebidas tendo em conta os m<sup>2</sup>, por criança, e que estão adequados ao número de crianças que as frequentem. Isto é, à medida que as crianças vão passando de sala, vão usufruir de um espaço maior, mas também vão ter mais 2 ou 3 crianças para dividir esse espaço.

A directora também refere que o espaço (m<sup>2</sup>), das salas, foi concebido de forma a que, houvesse 2m<sup>2</sup>, por criança, ou seja, existiu essa preocupação quando ampliaram a instituição em 2003. Revelou-nos, ainda, que foi pedido a um projectista que criasse um certo número de salas com um certo tamanho que tivesse em conta a legislação em vigor. (ver anexo 10). Surgiu assim o que têm e apresenta-se satisfeita com isso, pois está tudo de acordo com o Ministério da Educação e a Segurança Social.

A coordenadora pedagógica especifica que os recursos físicos, nomeadamente, materiais, para uso/consumo e mobiliário, foram pensados, (conjuntamente com a direcção) tendo em conta a faixa etária e a qualidade os mesmos. Refere ainda que a distribuição desse mobiliário, nos espaços das salas, teve em conta a faixa que iria servir. Diz-nos ainda que o espaço, em m<sup>2</sup>, disponível é o suficiente pois foi propositadamente pensado de forma a ser funcional. (ver anexo 9)

Nas salas de 3 e 5 anos existe portas de acesso ao pátio exterior da instituição, mas isso não acontece nas salas dos 4 anos, onde existe apenas uma janela para o exterior, que permite a entrada de muita luz natural, mas não permite a entrada e saída de pessoas.

Todas as salas possuem um lavatório para uso das crianças e/ou adultos e dois painéis que servem para expor trabalhos realizados pelas crianças.

Três das educadoras inquiridas referem que o espaço disponível é bastante bom, mas para uma delas é insuficiente. A educadora 2 considera que o espaço é razoável, segundo ela “ (...) o meu ideal era ter um espaço enorme”. ( ver anexo 8)

Quando questionadas sobre a relação espaço/número de crianças, as educadoras têm opiniões um pouco divergentes. Para algumas o espaço está adequado à faixa etária, mas para outras seria necessário fazer uma adequação do espaço para certas actividades de mesa, onde se pudesse realizar actividades com o grupo todo ao mesmo tempo.

Por outro lado referem que o espaço das salas é adequado, mas o grupo é que se apresenta exagerado, e isso influi negativamente na qualidade das actividades direccionadas. Uma das educadoras sugeriu que se criasse um espaço próprio para as crianças dormirem, para que não fosse necessário colocar diariamente as camas nas salas, para a hora da sesta.

### 3.2.1 – Aprendizagem e organização dos espaços:

As educadoras inquiridas dão muita importância à organização do espaço nas salas visto que é nele que estabelecem a sua intencionalidade educativa, segundo a educadora 4 “ As razões têm a ver com aquilo que pretendo fazer com o grupo”.(ver anexo 8)

Referem que os espaços devem conter áreas organizadas para que as crianças se possam orientar, deste modo, planeiam e prevêm o seu dia-a-dia. Uma das educadoras, refere ainda, a importância dos espaços livres que também devem ser contemplados na organização das salas, visto que, é muito importante que as crianças se possam deslocar livremente na sala, “ para não se atrapalharem umas às outras”. (ver anexo 8)

Segundo a educadora 2, a organização das salas deve ser abrangente, ou seja, deve ser organizada nos grandes e nos pequenos pontos. Um espaço deve ser organizado de forma a cativar as crianças, pois isso faz com que elas tenham a oportunidade de fazer despertar os seus interesses, e isso, repercutir-se-á no seu bom desenvolvimento. A oportunidade que é dada às crianças para se exprimirem, através de espaços organizados criados nas salas, proporcionará um ensino-aprendizagem de qualidade. A educadora 2 refere ainda que, “ o espaço tem de ser algo que cativa, que ensine, que desenvolva e que fascine um pouco as crianças (...)” (ver anexo 8)

São as educadoras que organizam o espaço nas salas tendo em conta as áreas de “brincar” e as de “trabalho”. Algumas delas vão alterando, no decorrer do ano lectivo, a organização das salas tendo em conta as necessidades do grupo, em questão, e as aprendizagens que vão efectuando. Essa gestão também contempla o projecto educativo da instituição. Esta organização é ao nível estrutural, ou seja, mobiliário e seus componentes, mas existe na instituição a oportunidade de se acrescentar, ou reduzir, por exemplo o número de mesas por sala. Segundo a educadora 2 “ (...) se estamos a estudar um

tema que podemos utilizar e criar um novo espaço na sala, então vamos fazê-lo”. (ver anexo 8)

As crianças mais pequenas necessitam de mais espaço livre e de realizar actividades mais básicas onde não exista excesso de estímulos que podem influenciar negativamente o seu desenvolvimento. (ver anexo 13) “ (...) a auxiliar alertou para o facto de estarem a sair fora do espaço que está destinado àquela área, visto que estavam quase no espaço da casinha das bonecas (...)”.

Cada sala oferece às crianças a oportunidade para realizar actividades livres, direccionadas, em grande grupo, ou em pequenos grupos. (ver anexo 14) “ A educadora levantou-se e escolheu 5 crianças para a área das mesas de actividades, (...) A educadora distribuiu as outras crianças pelas outras áreas (...)”.

### 3.2.2 – Rotinas da sala (gestão do espaço e tempo):

Todas as educadoras referiram a importância que atribuem às rotinas na sala, isto porque, segundo elas, “ são essas mesmas rotinas que oferecem segurança às crianças” (ver anexo 8). É através delas que as crianças se orientam no espaço pois prevêem o que se vai passar a seguir.

A rotina gera estabilidade e faz com que a criança se saiba orientar no espaço, desenvolvendo, deste modo, a sua independência e/ou autonomia segundo a educadora 1 “ (...) eles gostam de ter tudo certo e saberem que a seguir a isto vão fazer algo”. (ver anexo 8). É desta forma que a criança age em seu benefício, pois promove a sua própria responsabilidade, e mais tarde usufruirá disso, pois ser-lhe-á útil pela sua vida fora, “ a criança vai incutir no seu dia-a-dia, no futuro tem que ter rotinas, para elas já irem com isso (...)” (educadora 3, ver anexo 8).

É através do espaço organizado que a criança experimenta, aprende, brinca com fundamento e objectivos, desenvolvendo assim, as suas capacidades.

Para uma das inquiridas as próprias crianças criam a intencionalidade educativa dos espaços, “ que podem resultar, ou não, sendo deste modo alterados” (educadora 2, ver anexo 8). Todas as crianças das salas conhecem tudo aquilo que cada área tem para lhes oferecer e elas agem em função disso.

Segundo a educadora 4 é importante que as crianças mantenham rotinas para se habituarem a ter responsabilidade, para ela é importante a criança saber desde cedo, que tudo na vida obedece a uma ordem e isso deve começar na escola. Tudo na vida tem uma razão de ser, como tal, as rotinas existem para dar a conhecer às crianças este facto.

Para outra educadora a rotina beneficia a qualidade do nosso trabalho, pois “ naquela hora, eles já conseguem, eles próprios, fazer as coisas de tal maneira a que sejam independentes”. (educadora 5, ver anexo 8)

### 3.2.3 – Divisão do espaço sala em áreas de trabalho:

Na instituição em questão verifiquei que todas as salas estão dispostas e organizadas por áreas de trabalho.

Áreas	Casinha	Cozinha	Garagem e construções	Mercearia	Manta/biblioteca	Mesa de actividades	Jogos de mesa	Outros espaços
Sala 1 (3anos)	X	X	X		X	X	X	Zona de dormir
Sala 2 (3 anos)	X	X	X		X	X	X	Zona de dormir
Sala 3 (4 anos)	X	X	X	X	X	X	X	Zona de dormir
Sala 4 (4 anos)	X	X	X	X	X	X	X	Zona de dormir
Sala 5 (5 anos)	X	X	X	X	X	X	X	Zona do coelho

*Quadro 1 – Áreas de trabalho das salas.*

Existem em todas as salas seis áreas de trabalho iguais (ver anexo 12), a casinha, a garagem, a cozinha, os jogos de mesa, a manta/biblioteca e a mesa de actividades. Nas salas dos 3 anos não existe a área da mercearia, só nas salas de 4 e 5 anos. Por outro lado, apenas nas salas dos 3 e 4 anos é que observei a zona de dormir, pois nos 5 anos não existe este espaço, devido à faixa etária. Este espaço foi contemplado com uma gaiola com um coelho (animal de estimação) que achei relevante referir como espaço ocupado e usado pelas crianças. Todas as zonas/áreas de trabalho estão identificadas com símbolos e bem delimitadas no espaço total existente nas salas.

Através de observação directa foi elaborada a planta de cada uma das salas (ver anexo 11) o que torna possível visualizar que as áreas estão distribuídas por todo o espaço disponível.

Através desta observação da organização do espaço sala verificou-se que as áreas estão criteriosamente distribuídas e organizadas nos m2 disponíveis em cada sala. A disposição das salas está feita de forma a permitir a entrada de bastante luz solar o que favorece o estado de espírito das crianças e adultos, que diariamente usufruem desses espaços. Segundo a educadora 3 “ (...) os desenhos têm de ser feitos num sítio onde esteja luz, com bastante luz...tudo em virtude da sua função.” (ver anexo 8)

Ao observar cada um dos grupos das salas verifiquei que as crianças podem usufruir dos espaços organizados por áreas e tirar o máximo partido deles. Na observação da educadora 2, verificou-se que ela dirigiu as crianças para as áreas e distribuiu-as pelas áreas existentes na sala, depois referiu que a actividade dirigida é sempre realizada tendo em conta as dificuldades de algumas crianças do grupo, ou seja, ela coloca as crianças que são mais distraídas com aquelas que são mais aplicadas, para realizar a actividade. (ver anexo 14)

Através das brincadeiras das crianças, que me foram possíveis observar, constatei que elas se encontram familiarizadas com as áreas disponíveis na sala, sendo que estes espaços lhes proporcionam aprendizagens significativas. Depois de se observar as crianças da sala 3 verificou-se que quando as crianças acabaram de construir o puzzle ao se darem conta que faltava 2 peças chamaram a auxiliar para lhe comunicar, depois de acabar essa construção, pediram à educadora se podiam trocar de jogo. (ver anexo 13)

Depois de contemplados os espaços divididos por áreas de trabalho verifiquei que existem espaços livres que servem, por um lado, para as crianças se movimentarem, mas por outro para a realização de actividades variadas que incluem o grupo todo (actividades de expressão corporal, musical, etc). Estes espaços permitem à criança explorar outro tipo de expressões. É através deste espaço que é possível realizar actividades com todo o grupo ao mesmo tempo. A educadora 2 diz-nos que “ (...) o espaço para mim é livre, quer dizer que os meninos usufruem de todo o espaço, consoante as regras desse espaço,

consoante aquilo que se quer ensinar nesse espaço e fazer com que eles aprendam.” (ver anexo 8)

A educadora 1 refere que por vezes faz actividades, na sala, com o grupo todo em conjunto, fazendo danças de roda, mas por vezes ao fazer dramatizações divide o grupo, uns servem de espectadores e os outros participam, depois trocam.

São as educadoras que separam as áreas de “brincar” (actividades livres) das áreas de trabalho (actividades dirigidas intencionalmente a um propósito pedagógico) - (educadora 5, anexo 8).

### 3.2.4 – Meios e recursos:

Através da observação directa que fiz em cada sala foi-me possível catalogar todos os recursos físicos, materiais e de uso/consumo, existentes nas salas (ver anexo 12).

Recursos	Móvel com fogão, lavatório e forno	Mesinha	Bancos	Cadeiras	Mesas	Mercearia	Móvel biblioteca	Armários	Quadro	Camas
Sala 1 (3 anos)	1	1	2	9	2	0	1	2	1	24
Sala 2 (3 anos)	1	1	2	9	2	0	1	2	1	24
Sala 3 (4 anos)	1	1	2	18	4	1	1	2	1	27
Sala 4 (4 anos)	1	1	2	18	4	1	1	2	1	27
Sala 5 (5 anos)	1	1	2	18	4	1	1	2	1	0 *

\* Zona do coelho

#### *Quadro 2* – Recursos físicos das salas.

Em todas as salas existem os mesmos recursos físicos à excepção das camas que só há nas salas de 3 e 4 anos, nesse espaço existe uma gaiola com um coelho, na sala dos 5 anos.

Os recursos físicos variam apenas em número, de sala para sala, sendo que nos 3 anos existe em menos número as cadeiras e as mesas (9 cadeiras e 2 mesas) nos 4 e 5 anos já existem 4 mesas e 18 cadeiras em cada uma das salas observadas.

O número de recursos físicos, nomeadamente cadeiras e mesas, foi pensado de forma a satisfazer as necessidades específicas de cada faixa etária, ou seja, as crianças mais pequenas que brincam mais, necessitam de ter mais espaço pois conseguem despende menos tempo na realização de tarefas direccionadas (área da mesa de actividades) que exigem estar sentadas.

As mesmas crianças de 3 anos não têm área da mercearia pois não se conseguem, ainda, organizar quando têm à sua disposição materiais diferentes e em grandes quantidades, isto porque, depois de observar a sala 2 verifiquei que a auxiliar alertava, constantemente, as crianças para o facto de estarem a espalhar a loiça no chão, e no final seria mais difícil arrumar. (ver anexo 13)

No que diz respeito aos recursos materiais constatei a existência de variadíssimos materiais em cada uma das salas.

Tapetes/Manta	<b>Salas: 1,2,3,4 e 5</b>
Almofadas	<b>Salas: 1,2,3,4 e 5</b>
Caixas com roupas e utensílios para bonecas	<b>Salas: 1,2,3,4 e 5</b>
Caminhas de bonecas	<b>Salas: 1,2,3,4 e 5</b>
Carrinhos de bonecas	<b>Salas: 3 e 4</b>
Cadeira para bonecas	<b>Sala 5</b>
Caixas: legos, carros e outros brinquedos	<b>Salas: 1,2,3,4 e 5</b>
Loiças, panelas e talheres de plástico	<b>Salas: 1,2,3,4 e 5</b>
Jogos: de encaixe, puzzles, de raciocínio, de madeira e de lógica.	<b>Salas: 1,2,3,4 e 5</b>
Cordeiro de roupa e molas	<b>Sala 2</b>
Tábua de passar a ferro	<b>Sala 2</b>
Livros	<b>Salas: 1,2,3,4 e 5</b>
Embalagens vazias de iogurtes, cereais e champôs	<b>Salas 3,4 e 5</b>
Bonecos	<b>Salas: 1,2,3,4 e 5</b>

\* Gaiola com coelho de estimação, sala 5

### *Quadro 3 – Materiais existentes nas salas*

Depois de registar todos os materiais das salas verifiquei, que na sua grande maioria, existem os mesmos materiais em todas as salas, à excepção dos carrinhos de bonecas (Sala 3 e 4) da cadeira para bonecos (sala 5) da corda de roupa, tábua e molas que só existe na sala 2.

Devido ao facto de não existir na sala dos 3 anos a área da mercearia não existem as embalagens vazias de iogurtes, cereais e champôs, reaproveitadas da casa das crianças.

Os materiais de uso/consumo existentes nas salas, são: folhas, canetas, lápis de cor, pincéis, guaches, plasticina, fita-cola, cola, agrafador, furador e lápis de cera. Em todas as salas verificou-se a existência destes mesmos materiais que só variam em número, de sala para sala.

Nos 4 anos as salas estão organizadas com recursos idênticos à sala dos 5 anos visto que à medida que as crianças vão tendo mais idade começam a ter menos necessidade de explorar o espaço livre, e pelo contrário, necessitam de explorar espaços mais organizados e com objectivos específicos. Ao observar a sala 5 verificou-se que as 3 crianças que brincavam na área da biblioteca simularam que contavam uma história, agindo como se 1 fosse a educadora, e as outras 2 as crianças que, atentamente, escutavam a história.

(ver anexo 13)

Esta existência de variadíssimos materiais proporciona às crianças um bom desenvolvimento, na medida em que, estas começam já a conhecer tudo aquilo que as rodeia. Na observação das salas verificou-se a existência de vários materiais que estavam disponíveis para a realização da actividade dirigida, na sala 3, a educadora foi buscar ao armário cola, pincéis, lãs, cortiça, papel crepe, papel de lustro, folhas coloridas, papel autocolante e tesouras. (ver anexo 14)

### 4 – Interpretação de dados:

Tendo em conta os objectivos que foram traçados para esta dissertação pode-se concluir que ao longo de toda a minha pesquisa foram recolhidos dados que se revelaram bastante úteis para a minha vida profissional. Apesar de fazer parte da instituição, onde feito o estudo, ter estado a observar directamente as rotinas diárias de cada sala fez com que pudesse visualizar outras práticas diferentes da minha. Por outro lado, isso também se revelou uma limitação, mas que, felizmente, não influiu negativamente na minha pesquisa. Aconteceu ter que me distanciar do papel de colega quando realizei as entrevistas, e de trabalhadora, com uma opinião já formada sobre tudo aquilo que foi observado e registado.

Segundo a Lei-Quadro para a educação pré-escolar (lei nº5 /97) esta primeira etapa da educação básica deve consagrar a intrusão das famílias, do estado e das autarquias locais. Isto porque, as famílias são o primeiro agente de socialização das crianças, mas quando as crianças ingressam nos jardins-de-infância essa tarefa passa a ser conjunta com as educadoras. Estas, por sua vez, têm o dever de contribuir para o desenvolvimento pessoal e social da criança, não esquecendo a vertente humana, intelectual e expressiva.

A criança tem de usufruir de experiências que a façam desenvolver a vida democrática, visto que, elas são já encaradas como futuras cidadãs. A criança tem direitos e um dos principais é o direito à educação. Como nos refere Monteiro (2002)

*A declaração dos direitos da criança (1959) refere a educação em vários dos seus princípios, nomeadamente no princípio 7: A criança tem o direito a uma educação que deve ser gratuita e obrigatória, pelo menos nos níveis elementares. Deve beneficiar de uma educação que contribua para a sua cultura geral e lhe permita,*

*em condições de igualdade de oportunidades, desenvolver as suas faculdades, o seu juízo pessoal e o seu sentido das responsabilidades morais e sociais, (...) (p.135)*

Cabe ao estado (Ministério da Educação) tutelar as instituições de ensino pré-escolar pois é necessário estabelecer regras de composição e organização funcional das instalações que vão servir as crianças.

Os próprios espaços têm de ser equilibrados, aprazíveis e seguros para que, deste modo, se possa proporcionar às crianças boas condições de habitabilidade e segurança. Estes devem, igualmente, criar a oportunidade de realizarem actividades educativas, individuais e em grupo. As salas têm de ter comunicação fácil com outros espaços essenciais para a satisfação das necessidades básicas das crianças, assim como, bastante claridade (luz natural). Devem existir, pelo menos, 2 m<sup>2</sup> por criança, com o número máximo de 25 crianças, por sala, áreas de trabalho entre 40 a 50 m<sup>2</sup> e um pé direito de 2,60 a 3 metros, (ver anexo 2 - Legislação)

Esta instituição possui um Regulamento Interno (ver anexo 3) que se divide por temas que especificam as normas e regras inerentes ao seu funcionamento: natureza da instituição, as valências, a organização funcional e administrativa da instituição: pessoal docente, não docente e direcção, as participações, os pagamentos, a alimentação, o “enxoval” para as crianças, as situações de doença, os medicamentos, o seguro escolar e a praia. Estes itens foram criados para que se possa conhecer o funcionamento interno desta instituição. Isto porque, antes de as crianças serem admitidas na instituição é dado aos pais o regulamento interno para eles analisarem, só então decidem se querem inscrever os filhos/as.

Esta instituição Escola do Povo das Mercês é uma IPSS (Instituição Particular de Solidariedade Social) com 33 anos de existência, possui um corpo docente estável, visto que, existem pessoas que fazem parte dela desde a sua criação. Em 2003 o espaço inicial foi ampliado e surgiram mais 6 salas que foram, criteriosamente, concebidas para as faixas etárias a que estavam destinados. A instituição tem valência de creche e jardim-de-infância onde, nomeadamente,

frequentam crianças com idades compreendidas entre os 2 e os 6 anos de idade.

Existem 7 educadoras e uma coordenadora que, também, já foi durante muitos anos, educadora de infância, mas actualmente só exerce funções de coordenação. Há 3 directores que foram os fundadores da mesma, sendo que, 1 deles exerce funções de “chefe de compras” e está presente diariamente, com horário laboral. Funciona 11 meses por ano, encerra o mês de Agosto e abre às 7 horas da manhã e encerra às 19 horas.

As admissões são feitas, inicialmente, com uma pré-inscrição e só serão admitidas as crianças para o número de vagas existentes, o critério de admissão, é a ordem de chegada.

Existe um Projecto Educativo (ver anexo 4) que é elaborado todos os anos lectivos e são as educadoras, em conjunto com a coordenadora, que o elaboram em função dos temas que pretendem trabalhar com as crianças. Esses temas procuram desenvolver-las globalmente, com o intuito de despertar nelas o interesse por tudo aquilo que as rodeia. O projecto é elaborado para os 11 meses do ano em que a instituição está aberta. Também faz referência ao historial do Jardim-de-infância e a tudo aquilo que se pretende que este proporcione às crianças. Especifica, igualmente, o perfil do educador e o desenvolvimento padrão de cada faixa etária das crianças.

Através da metodologia utilizada foi possível recolher dados que consideramos serem fundamentais, como tal, fiz entrevistas às educadoras, à coordenadora e à directora, com o intuito de saber toda a envolvimento dos espaços das salas, o número de crianças e gestão/organização das mesmas.

O que pudemos constatar é que para todas as inquiridas o espaço das salas é sempre visto como condicionante do ambiente de aprendizagem e como um elemento curricular a contemplar no projecto educativo. Para Silva (1997, p.95) “ situação num tempo e espaço determinados – (...) o sentido de projecto decorre do contexto específico em que se desenvolve (...)”. Isto porque, as salas são organizadas e/ou modificadas pelas educadoras tendo em conta a

faixa etária das crianças e os temas a desenvolver no projecto educativo. Todos os espaços das salas são potenciadores de actividades que vão ajudar a desenvolver as crianças em todas as suas vertentes. Como nos explica Silva (1997):

*“ O contexto institucional de educação pré-escolar deve organizar-se como um ambiente facilitador do desenvolvimento e da aprendizagem das crianças (...) – e à gestão dos recursos humanos e materiais que implica a prospecção de meios para melhorar as funções educativas da instituição. Por todas estas razões se considera que a organização do ambiente educativo constitui o suporte do trabalho curricular do educador.” (p.31)*

A instituição foi ampliada no ano de 2003, e como tal, na criação de novas salas houve a preocupação, por parte da direcção, em criar espaços amplos com muita luz natural em que houvesse 2 m<sup>2</sup> por criança, segundo a legislação em vigor. Segundo o despacho conjunto nº 268/97 de 25 de Agosto (normas instalações) Anexo nº 1, Os espaços destinados ao desenvolvimento de actividades educativas, a realizar pelas crianças individualmente ou em grupo, deve ser concebido de forma a ter 2 m<sup>2</sup> por criança.

Todo o equipamento mobiliário e recursos disponíveis nas salas foram, criteriosamente, escolhidos em função do número de crianças e da faixa etária que iria servir cada uma das salas, tendo em conta a qualidade dos mesmos.

Ao nível de práticas diárias de cada educadora foi possível constatar que todas elas dispõem as salas por áreas de trabalho (a casinha, a garagem, a mesa de jogos, a mesa de actividades, a mercearia, a biblioteca e a zona de dormir) deixando também alguns espaços livres para a realização de actividades em grande grupo (expressão corporal, musical e outras) e para as crianças se poderem deslocar livremente. Em termos de organização identifica-se com estrutura curricular High-Scope, pois como nos refere Formosinho (2007, p. 66) as áreas diferenciadas de actividade permitem diferentes aprendizagens curriculares, pois esta organização da sala em áreas, além de ser uma

necessidade indispensável para a vida em grupo, contém mensagens pedagógicas quotidianas.

Existe, nesta instituição, uma clara divisão dos espaços, como forma essencial para as crianças se deslocarem, fazendo-o de uma forma confiante. O contexto espacial é essencial para o desenvolvimento das aprendizagens. Para Zabalza (1992):

*O espaço na educação pré-escolar constitui-se como estrutura de oportunidades. (...) sendo facilitador, ou pelo contrário, limitador, em função do nível de congruência relativamente aos objectivos e dinâmica geral das actividades postas em marcha ou relativamente aos métodos educativos e instrutivos que caracterizam o estilo de trabalho.(p.120)*

O espaço, os materiais e a organização do ambiente educacional, são vistos como áreas de intervenção curricular do educador, sendo as próprias crianças que são encaradas como elemento fundamental e activo, na gestão/organização dos recursos disponíveis. Tudo isso potencia as suas actuações diárias onde se tenta ao máximo recriar situações reais na interacção adulto-criança e criança-criança, esta interacção pretende que o adulto crie situações que desafiem o pensamento das crianças.

Através da observação feita às crianças pode-se constatar a existência de interacções entre os intervenientes no processo educativo. A criança tem um papel activo na sua socialização que é construída com base nessas interacções.

Na generalidade os espaços e recursos que a instituição disponibiliza satisfazem plenamente as “ambições” de cada uma das educadoras das salas.

Através de registos diários de observação da actuação das educadoras e das crianças, no espaço sala, verificou-se que existe uma boa interacção social entre adulto/criança e criança/criança.

Para a faixa etária dos 3 anos a utilização do espaço ainda é muito espontânea e isso é visível pois estas crianças ainda não conseguem restringir uma brincadeira a um determinado espaço que está pré-destinado. Ou seja, apesar de agirem livremente as crianças de 3 anos não têm, ainda, definido o que é uma delimitação do espaço, isso nota-se quando espalham tudo pelo chão sem obedecer a “regras” de utilização.

Na faixa etária dos 4 anos isto é já muito menos visível, só em situações pontuais é que as crianças transpõem o espaço delimitado de uma dada área. Nesta fase as crianças já se encontram bastante mais familiarizadas com os espaços criados nas salas e o próprio desenvolvimento das crianças faz com que elas ganhem mais auto-confiança para os explorar. (ver anexo 8 – entrevistas realizadas às educadoras).

Nos 5 anos as crianças exploram o espaço de uma forma bastante autónoma e independente, demonstram gosto e empenho em cuidar desse mesmo espaço, que lhes oferece uma enorme variedade de recursos. As crianças observadas agem livremente nas áreas criadas por cada uma das educadoras. E é através destas que as crianças têm a oportunidade de recriar situações reais de interação social (brincar ao faz de conta). (ver anexo 8 – entrevistas realizadas às educadoras).

Através desta observação pudemos constatar que as crianças tinham à sua disposição um espaço multidisciplinar dividido por áreas adequadamente estruturadas no espaço sala. Como nos explica Martins (1998):

*Estes espaços faz-de-conta pretendem recriar, na maioria dos casos, o espaço familiar e alguns universos dos espaços sociais públicos, permitindo à criança a sua utilização lúdica espontânea. Estes cantinhos induzem à recreação espontânea de personagens ligadas aos contextos espaciais a que eles fazem alusão. (p. 287)*

Em todas as salas as crianças procuraram recriar situações vividas na escola e/ou até fora dela, copiando o modelo do adulto, e isso ajuda-as a

desenvolverem a sua independência. Silva (1997, p.53) explica-nos que o processo de construção de um auto-conceito positivo supõe um apoio ao processo de crescimento em que cada criança se vai tornando, progressivamente, mais independente e autónoma, assim como todo o grupo.

Foi ainda possível observar que existia, por parte das crianças, uma boa capacidade de escolha e decisão; e a todas elas era dada a oportunidade para exprimir as suas escolhas.

As educadoras, assim como as crianças, deslocam-se no espaço sala de uma forma bastante autónoma. Isto acontece devido ao facto de existirem as rotinas que já estão interiorizadas nesta instituição. Isto é, a educadora planeia as actividades em função do espaço e do tempo que lhe é proporcionado. Nesta instituição os adultos das salas agem de acordo com as necessidades das crianças. (ver anexo 14 – deslocações das crianças e educadoras no espaço sala).

Nas salas dos 3 anos e dos 4 anos é a educadora que distribui o material de desgaste que as crianças vão utilizar. Na sala dos 5 anos são as crianças que procedem à distribuição do material pelos colegas. Desta forma trabalha-se a sua responsabilidade.

Podemos assim concluir que as rotinas de cada sala oferecem à criança a segurança essencial para que estas possam explorar os espaços disponíveis nas salas, aproveitando-os ao máximo. Os espaços criados permitem que as crianças criem situações reais, interagindo umas com as outras, e com os adultos da sala, desenvolvendo competências linguísticas, afectivas e cognitivas. Como nos explica Zabalza (1992):

*O espaço físico exerce sempre um papel activo no processo educativo. A única resposta didacticamente válida é aproveitar essa capacidade de influência para potenciar um desenvolvimento integrado (...) (p.122)*

Existem vários aspectos positivos que se salientam em toda a pesquisa, sendo o principal o facto de que um espaço bem gerido numa sala (que diariamente acolhe crianças com idades compreendidas entre os 3 e os 6 anos) é fundamental para que se proporcionem aprendizagens significativas e diferenciadas, que dêem oportunidade à criança de se desenvolver globalmente.

É visível, por parte das educadoras e coordenadora, uma preocupação constante e conjunta, em “oferecer” às crianças recursos físicos de qualidade que despertem nelas interesse e entusiasmo. Tudo isto, só se consegue pois o trabalho conjunto entre todo o pessoal docente é visível. Também existiu, por parte da direcção, a preocupação em construir espaços que estivessem de acordo com as leis vigentes para a educação pré-escolar.

Tendo em conta os conceitos-chave desta dissertação e os resultados obtidos na podemos concluir que nesta instituição existe uma grande preocupação em criar espaços ricos e estimulantes, para as crianças, que se repercutirão no bom ambiente educativo. Ou seja, através da criação de espaços organizados e adequados às características dos seus intervenientes, é possível obter bons resultados ao nível das aprendizagens. Como nos diz Zabalza (1992):

*É muito importante criar um planeamento didáctico (métodos) que se adegue à característica de quem, diariamente, vai usufruir deles, neste caso as crianças. O espaço que criamos na sala deve salvaguardar a possibilidade de comportamentos individuais, em paralelo com as actividades em grupo. (p.126)*

As educadoras inquiridas demonstraram uma constante preocupação em organizar o espaço sala por áreas de trabalho que fazem despertar interesse nas crianças da sala. Esta distribuição de espaços é gerida e reorganizada em função daquilo que se lhes propõe trabalhar no projecto educativo da instituição.

Para futuros estudos (tendo em conta esta dinâmica de salas) será interessante que se observem, também, outras instituições da localidade com o intuito de perceber qual a intenção organizacional dos espaços nas salas.

Seria, também, pertinente optar-se por uma investigação quantitativa, na medida em que se pudesse fazer uma descrição estatística sobre a opinião que os pais têm acerca dos espaços em educação pré-escolar, dentro da localidade. Como nos explica Carmo e Ferreira (1998, p. 178) o objectivo é a generalização dos resultados, a uma determinada população alvo, da amostra, o estabelecimento de relações causa-efeito e a previsão de fenómenos.

Por outro lado um estudo etnográfico com vista a analisar outras perspectivas da educação pré-escolar. Neste caso, num espaço de um ano lectivo recolher dados no ensino público e privado, de educação pré-escolar, onde se possa perceber as diferenças existentes entre estes dois tipos de instituições. Carmo e Ferreira (1998) referem “ (...) o investigador procura “imersão” na organização e tenta compreender os comportamentos dos sujeitos, não através dos seus pontos de vista, mas do ponto de vista daqueles que observa. (...) a interpretação e aplicação dos resultados do seu estudo serão realizadas numa perspectiva cultural.” (p.220)

## – Referências Bibliográficas

- ACTAS DO 1º ENCONTRO, (1999), *O Sentir, o Pensar e o Agir na evolução das crianças e dos jovens*, Centro Doutor João dos santos, Casa da Praia, Câmara Municipal de Lisboa, Imprensa Municipal, Lisboa;
- ALLIPRANDI, G. (1984), Organização dos espaços, in. ZABALZA. M. A., (1992), *Didáctica da Educação Infantil*, Coleção Horizonte da Didáctica, Edições Asa;
- AMANTE, L., (2003), *A Integração das Novas Tecnologias no Pré-escolar: Um estudo de caso*, (vol.I), Tese de Doutoramento, Universidade Aberta, Lisboa;
- ARRIBAS, T. L., e colaboradores, *Educação Infantil – Desenvolvimento, currículo e Organização* (5ª edição), Editora Artmed;
- AZEVEDO, M., Teses, 5ª edição (2006) *Relatórios e trabalhos escolares – Sugestões para a estruturação da escrita*, Universidade Católica Portuguesa, Lisboa;
- BARDIN, L., (1979), *Análise de Conteúdo*, Lisboa, Edições 70;
- BASSEDAS, E. e HUGUET, T. (1999), *Aprender e Ensinar na Educação Infantil*, Editora Artmed;
- BELL, J., 3ª edição (2004), *Como realizar um projecto de investigação*, Gradiva, Lisboa;
- BERELSON, (1952), Aprofundamento temático, in CARMO, H. e MALHEIRO, M. F., (1998), *Metodologia da Investigação – Guia para Auto-aprendizagem*.Lisboa, Universidade Aberta;
- BOGDAN, R. e BIKLEN, S., (1994), *Investigação Qualitativa em Educação*. Porto, Porto Editora;
- BOSKER, R.J., BRUNET, L., CANÁRIO, R., GLATER, R., GOOD, T.L., HUTMACHER, W., NÓVOA, A., SCHEERENS, J. e WEISTEIN, R.S., (1992), *Organizações Escolares em análise (Coordenação de António Nóvoa)*, *Temas de Educação*, Instituto de Inovação Educacional, Publicações D. Quixote, Nova Enciclopédia;

- CARMO, H. e FERREIRA, M. M., (1998), *Metodologia da Investigação – Guia para Auto- aprendizagem*. Lisboa, Universidade Aberta;
- COHEN, L., MANION, L., e MORRISON, K. (2007) *Research Methods in Education*, (six edition) Companion Website, London and New York;
- CRAIDY, C. e KAERCHE, G. E. (2001), *Educação Infantil – Para que te quero?* Artmed Editora, Porto Alegre;
- DELGADO, P., (2006), *Os Direitos das Crianças: da participação à responsabilidade; O sistema de protecção e Educação das Crianças e Jovens*, Profedições, Porto;
- De VRIES, R., e ZAR, B. (1998), *A Ética na Educação Infantil, O ambiente sócio- moral na escola*, Artmed Editora;
- DOTTENS, R., (1974), *A classe em acção – Técnicas de Educação*, Editorial estampa;
- ERASMIE, T. e LIMA, L: (1989), *Investigação e Projectos de Desenvolvimento em Educação*. Braga, Universidade do Minho;
- ESTEVES, M., (2002), *A investigação enquanto Estratégia de Formação de Professores*, (1ª edição), Instituto de Inovação Educacional, Políticas de Educação 10, Lisboa;
- ESTRELA, A., (3ª edição) (1990), *Teoria de Observação de Classes: Uma estratégia de Formação de Professores*, Instituto Nacional de Investigação Científica, Pedagogia 2, Lisboa;
- FERNANDES, A. J., (1995), *Métodos e Técnicas para a Elaboração de Trabalhos Académicos e Científicos*, Porto, Porto Editora;
- FERREIRA, J., (1989), *A Organização do Espaço no Jardim-de-infância: subsídios para a explicitação do currículo de educação pré-escolar*, (vols.I, II) Dissertação de Mestrado em Ciências da Educação (Análise e Organização do Ensino), Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Lisboa;
- FORMOSINHO, J. (org.), KATZ, L., MACCLELLAN, D. e LINO, D. (1996), *Educação Pré-escolar: A construção social da moralidade*, Texto Editora (Educação Hoje), Lisboa;
- FORMOSINHO, J. (org.), LINO, D. e NIZA, S., (1998), *Modelos Curriculares para a Educação de Infância*, (3ª edição), Colecção Infância, Porto Editora, Porto;

- FREIRE, M., (org.) (1986), *Dois olhares ao espaço-acção na pré-escola, I. Espaço e vida*, in MORAIS, R., (org.) *Sala de aula. Que espaço é esse?* Papyrus, Campinas, S. Paulo;
- GARDNER, H., (1994), *A criança pré-escolar: Como pensa e como a escola pode ensiná-la*, Artmed Editora;
- GRAWITZ, M. (1993) *Méthods des sciences sociales* (9<sup>o</sup> edition), Précis Dalloz, Paris;
- KATZ, L., RUIVO, J., Silva, M. e VASCONCELOS, T., , (1997) *Qualidade e Projecto na educação pré-escolar*, Ministério da Educação, DEB, Lisboa;
- LESSARD-HÉRBERT, M., GOYETTE, G. e BOUTIN, G., (1990), *Investigação Qualitativa: Fundamentos e Práticas*. Lisboa, Intitulo Piaget;
- MACHADO, M., (org.), (2002), *Encontros e Desencontros na Educação Infantil*, Câmara Brasileira do livro, Cortez editora, S.Paulo, Brasil;
- MARFAN, M., (org.), (2002), *Congresso Brasileiro de qualidade na Educação: formação de professores*, Brasília;
- MARTINS, A., (1998) *Actividades Dramáticas nos jardins-de-infância Luso-Chineses de Macau*, Tese de Doutoramento, Direcção dos serviços de educação e juventude, Fundação Macau, Estudos Orientais, Macau;
- MONTEIRO, A., (2002), *A revolução dos Direitos da Criança*, Lisboa, Porto e Coimbra;
- MORGADO, J. (1997), *A Relação Pedagógica – Ensinar e Aprender*\_(2<sup>a</sup> edição), Editorial Presença;
- MORGADO, J. (2004), *Qualidade da Educação – Um desafio para os professores*, Editorial Presença;
- MOSS, P. (2002), *Para além do problema com a qualidade*, in MACHADO, M., (org.), (2002), *Encontros e Desencontros na Educação Infantil*, Câmara Brasileira do livro, Cortez editora, S.Paulo, Brasil;
- PIAGET (1990), *A teoria Piagetianas e suas implicações no Mundo actual*, in. SIMULA, S. (1990), *Novas perspectivas na Educação Infantil*, Proton Editora, Lda., S.Paulo, Lisboa, Estocolmo;

- PINTO, M. (trad.), (1989), *As escolas de Qualidade*, (1ª edição), Colecção Biblioteca Básica da Educação e Ensino, Edições Asa, Lisboa;
- RIBEIRO, A. (1990), *Desenvolvimento Curricular*, (7ª edição), Educação Hoje, Texto Editora, Cacém;
- SILVA, M., (1997) *Orientações Curriculares para a Educação Pré-escolar*, Ministério da Educação, Lisboa, DEB;
- SIMULA, S. (1990), *Novas perspectivas na Educação Infantil*, Proton Editora, Lda., S.Paulo, Lisboa, Estocolmo;
- STAKE, R. (1995), Fundação Calouste Gulbenkian (2007) (trad.), *A arte de investigação com Estudos de Caso*, Lisboa;
- VASCONCELOS, T., (1997) *Legislação*, DEB, Ministério da Educação, Lisboa;
- YIN, R. (1986) *Case Study Research Design and Methods*, volume 5, Sage Publications, London, New Deli, Beverly Hills
- ZABALZA, M. A., (1992), *Didáctica da Educação Infantil*, Colecção Horizonte da Didáctica, Edições Asa;
- ZABALAZA, M. A., (1998), *Qualidade em Educação Infantil*, Porto Alegre, Artmed;
- ZANNELLI, J. (1984), *Organização dos Espaços*, in. *Didáctica da Educação Infantil*, Colecção Horizonte da Didáctica, Edições Asa;

## **Anexos**

## ANEXO I - Identificação do jardim de infância (descritivo)

### - Identificação do jardim-de-infância (descritivo):

Para elaborar este instrumento de identificação seleccionei alguns aspectos que são relevantes para a identificação do J.I, seguidamente vou especificar:

1.1) - A designação, pretende identificar o J.I. no sistema educativo de acordo com os estatutos, aprovados pelo decreto-lei.

1.2) - A localização, pretende localizar os espaços administrativos onde já se inseriu, e onde se insere actualmente, esta instituição (concelho e distrito).

1.3) - A criação (historial) e funcionamento, indicação de todo o historial, onde se dê relevância às datas de criação e entrada em funcionamento.

1.4) - O estatuto, se é de carácter particular, publico ou instituição de solidariedade social (IPSS), e qual a entidade que responsável pela sua gestão.

1.5) – Os recursos físicos, nomeadamente, as instalações onde é importante considerarmos o conjunto de equipamentos, de edifícios e de áreas exteriores, foram concebidas como complemento do trabalho pedagógico a desenvolver, tendo em conta as suas áreas. Contemplei alguns subitens:

- Espaços interiores e exteriores (áreas em m<sup>2</sup>), pretende referir o aspecto descritivo dos espaços existentes (interiores e exteriores), assim como as respectivas áreas.
- Características gerais, neste item pretendo referir as datas de edificação das instalações, o propósito da sua construção (adaptadas ou não), e o seu estado de conservação que terá uma escala de valor (bom, regular, mau).
- Vedação, como é a delimitação do espaço desta instituição.
- Serviços, que tipo de serviços apresenta disponíveis a toda a população pré-escolar.
- Horários, pretende-se saber como é distribuída a componente lectiva e não lectiva durante o tempo em que a instituição está aberta.
- Utilização, que tipo de valências existem no espaço considerado.

1.6) – Os recursos humanos:

- Adultos, identificação do número de pessoas (pessoal docente e não docente) que trabalham neste espaço.
- Crianças, o número de crianças que frequentam esta instituição especificando a distribuição das mesmas por salas, atendendo ao género e faixa etária.

1.7) - O aspecto organizacional:

- Normas de funcionamento, contemplar outros aspectos importantes no que diz respeito ao funcionamento desta instituição, além daqueles que a legislação em vigor prevê.
- Projecto educativo, a sua existência, ou não, a periodicidade, no que diz respeito à sua elaboração, e com que propósito é criado.

Este instrumento é de fácil utilização e serve o propósito de identificar a instituição. Todos os dados recolhidos, são de extrema relevância para o decorrer da investigação.

### Identificação do jardim-de-infância (descritivo)

O Jardim-de-infância tem a designação de Escola do Povo das Mercês, e localiza-se no concelho de Sintra e distrito de Lisboa.

Esta instituição possui um historial bastante vasto, visto que ao longo dos anos tem vindo a ser alterado/ajustado às necessidades da população que serve.

Por volta do ano de 1975 a carência de uma instituição nesta freguesia era uma necessidade absoluta, em virtude de até ao momento existir, unicamente, uma escola de ensino básico, cujas instalações funcionavam numa loja dos correios da localidade.

Tudo começou quando um grupo de moradores, sensíveis a toda esta problemática, conseguiram, através de uma forma um pouco arrojada, ocupar

uma residência que se encontrava devoluta, e dentro dos trâmites legais para a época, activar a dita residência. A população ao ser informada do que se estava a passar, aderiu ao projecto com entusiasmo, disponibilizando alguns artigos para a instituição, que começava nesse dia, 5 de Abril de 1975, a dar os primeiros passos, em conjunto com a Escola Básica da localidade, que outrora carecia também de instalações dignas.

O Jardim-de-infância começou a sua actividade como se fosse uma instituição de caridade, visto que as crianças que a frequentavam não pagavam qualquer prestação para a frequentar. O pessoal que lá trabalhava também o fazia sob a forma de voluntariado.

Devido a uma ausência de estratégia inicial ao projecto, que começava a despontar, as crianças no período do almoço tinham de ir para casa fazer a refeição do almoço, voltando novamente, no período da tarde.

O J.I. começa a receber um subsídio para pagar ao pessoal docente: duas educadoras do Centro Regional da Segurança Social, o pessoal auxiliar recebia as verbas que sobrassem. Assim este J.I. funcionou durante 6 anos, com 40 crianças, altura em que celebrou os estatutos no dia 6 de Abril de 1981. A partir desta data, o Centro Regional, começou a enviar um subsídio por criança e as condições começaram a melhorar.

Em 1 de Outubro de 1987 mudou-se para as actuais instalações, nas quais se encontrou melhores condições de espaço, e conseqüentemente, de trabalho. Estas instalações foram subsidiadas pelo Centro Regional de Segurança Social de Lisboa em terreno cedido pela Câmara Municipal de Sintra.

Devido ao trabalho de qualidade que os profissionais desta instituição prestaram no seu dia-a-dia, a procura por parte da população local, foi de tal ordem que em 1998 a direcção, para satisfazer essas necessidades, candidatou-se ao programa de desenvolvimento e expansão da educação pré-escolar, do M.E (Ministério de Educação), concurso este, que veio a ganhar. Por este motivo as instalações foram ampliadas.

Após conclusão das obras em questão, no dia 17 de Novembro de 2003, a instituição abriu as portas ao novo espaço infantil, que aumentou significativamente a sua capacidade. Até ao momento são estas as instalações que servem toda a população.

Funciona com o estatuto de IPSS, ou seja, Instituto Particular de Solidariedade Social, de acordo com os estatutos aprovados pela Direcção Geral da Segurança Social sob o nº72/81 no Livro de associações de Solidariedade Social e publicados no Diário da República nº124 – III Série de 30/05/1981.

Esta instituição é composta por um único edifício amplo, com a área total de 1200 m<sup>2</sup>, mas que se encontra dividido por duas valências, cresce (300m<sup>2</sup>) e jardim-de-infância (900m<sup>2</sup>).

A zona onde funciona a cresce é a mais antiga da instituição, que possui um pátio exterior com areia, duas salas, uma WC. para as crianças, um refeitório, a cozinha, duas wc para os adultos, a casa das máquinas, uma dispensa para guardar alimentos, um gabinete administrativo, um hall de entrada, dois corredores, uma arrecadação para guardar materiais de desgaste e materiais de limpeza, e no exterior uma zona de churrasco.

Tem quatro portas de saída para o exterior. Possui uma área total de 2501 m<sup>2</sup> e foi construído no ano de 1987, com o propósito de ser uma instituição para crianças. Actualmente o seu estado de conservação pode ser considerado bastante satisfatório.

As instalações onde funciona o jardim-de-infância é zona mais recente da instituição, construída em 2003, possui uma área total de ...m<sup>2</sup> e foi construída com o propósito de servir crianças em idade pré-escolar, o seu estado de conservação é bastante bom. Tem seis salas, três casas de banho para as crianças, seis arrecadações em cada uma das salas que possuem materiais de desgaste, um refeitório, um palco para festas, um gabinete administrativo, uma sala de apoio educativo, uma sala para a médica, um hall de recepção, duas wc para adultos, um pátio interior que está metade coberto, outra metade

descoberto, dois corredores. No exterior tem um parque infantil, dividido em duas partes.

O espaço interior possui 1200 m<sup>2</sup> e o espaço exterior 1301 m<sup>2</sup>.

A vedação que protege a instituição é feita de grades de ferro verdes que impede as crianças de ultrapassar esse espaço limitado. Através das mesmas as crianças conseguem visualizar o espaço exterior.

Neste jardim-de-infância existe água canalizada, electricidade, sistema de esgotos, gás canalizado, telefone, internet, energia alternativa (painéis solares), câmaras de vigilância e sistema de alarme. Todas as terças-feiras existe uma médica que vai à instituição verificar crianças e adultos, caso necessitem. Para as crianças com necessidades educativas especiais, existem três terapeutas que se deslocam à instituição para as acompanhar. Possui actividades extra curriculares de ginástica e música.

O seu horário de funcionamento divide-se em duas partes que servem a componente lectiva das 9h às 16h, e a componente não lectiva das 7h às 9h e das 16h às 19h, respectivamente. Esta instituição possui duas valências, cresce e jardim-de-infância.

Existem vinte e quatro adultos a trabalhar neste instituição que se dividem pelas seguintes tarefas, três directores, uma coordenadora, sete educadoras, dez auxiliares de acção educativa, uma cozinheira, uma ajudante de cozinheira, uma empregada de limpeza.

As crianças que frequentam a instituição, são 181 e estão distribuídas da seguinte forma:

SALA VALÊNCIA	2 ANOS	3 ANOS	4 ANOS	5 ANOS
CRECHE	<b>30 Crianças</b>	-----	-----	-----
SALA 1	-----	<b>24 Crianças</b>	-----	-----
SALA 2	-----	<b>24 Crianças</b>	-----	-----
SALA 3	-----	-----	-----	<b>25 Crianças</b>
SALA 4	-----	-----	-----	<b>26 Crianças</b>
SALA 5	-----	-----	<b>27 Crianças</b>	-----
SALA 6	-----	-----	<b>26 Crianças</b>	-----

Existem algumas normas de funcionamento da instituição que estão contempladas no regulamento interno que é aprovado em assembleia-geral, onde são todos convocados a participar, anualmente. Este integra algumas regras e normas da própria instituição que são discutidas e aprovadas nessa assembleia (ver regulamento interno em anexo 3).

Todo o seu funcionamento está adequado à legislação em vigor, no que diz respeito a normas de funcionamento e adequação do espaço (ver legislação em anexo 2).

O projecto educativo é elaborado, todos os anos lectivos, conjuntamente com educadoras e coordenadora, onde os temas a trabalhar, em cada ano, são escolhidos por unanimidade e estão feitos com o propósito de servir todas as faixas etárias existentes na instituição (ver projecto educativo em anexo 4).

## ANEXO II - Legislação

– Legislação:

A Lei-quadro da Educação Pré-escolar (Lei nº 5/97) consagra este nível educativo como a primeira etapa da educação básica, definido participativo das famílias, bem como o papel estratégico do Estado, das suas autarquias e da iniciativa particular, cooperativa e social.

A tutela pedagógica claramente assumida pelo Ministério da Educação, facto histórico e desde há vinte e cinco anos atrás por inúmeros grupos de trabalho, personalidades, estudos e especialistas.

Segundo a Lei-quadro os objectivos da educação pré-escolar contemplam as áreas não apenas de desenvolvimento pessoal e social da criança mas também do desenvolvimento intelectual, humano e expressivo. A criança é considerada, já neste nível educativo, como uma futura cidadã, e como tal, devendo fazer desde a mais tenra idade, experiências de vida democrática.

DESPACHO CONJUNTO Nº 268/97 DE 25 DE AGOSTO

Normas e instalações

(...)

2. Podendo a educação pré-escolar ser realizada em estabelecimentos distintos ou incluídos em outro tipo de equipamento escolar ou colectivo manifestamente compatíveis, há que estabelecer normas para edificação destas instalações, que sem prejuízo de outra que vierem a ser propostas e autorizadas pelos serviços competentes, orientem o reordenamento da rede nacional da educação pré-escolar e respectivas modalidades, numa perspectiva global de racionalização e rentabilização do parque existente e de criação de novas unidades.

(...)

4. Os critérios e as regras de associação e integração dimensionamento e interligação dos espaços, bem como as de funcionamento e gestão, serão objecto de regulamentação posterior.

(...)

11. Na concepção das instalações para os estabelecimentos de educação pré-escolar, quer eles se constituam em unidades de equipamento integrado, quer em unidades distintas, deverão ser respeitadas regras de composição e organização funcional, aspectos de conforto ambiental e de carácter construtivo – constantes em diplomas legais aplicáveis e no presente despacho – ponderados que foram os requisitos inerentes ao tipo de utentes a alojar, ao tipo de atendimento preconizado, às compatibilidade e incompatibilidades entre várias funções e actividades, de modo a que a fruição e a partilha dos espaços se faça de forma equilibrada, aprazível e segura.

12. As instalações devem ser concebidas de forma a satisfazer as exigências inerentes às suas funções e a proporcionar boas condições de habitabilidade e de segurança. Para tanto, no acto de implementar, conceber e construir deverão ser observadas as normas e diplomas legais sobre a matéria.

(...)

15. A definição e caracterização dos espaços necessários ao desenvolvimento das actividades que ocorrem nos estabelecimentos adaptados para a educação pré-escolar, o seu dimensionamento e interligação, estão sintetizados e sistematizados nas fichas de caracterização de espaços constantes do anexo I ao presente despacho e que dele faz parte integrante.

(ANEXO Nº 1)

Este espaço destina-se ao desenvolvimento de actividades educativas a realizar pelas crianças, individualmente ou em grupo.

Deve ser concebido de forma a:

- Permitir utilização e visionamento de meios audiovisuais;

- Permitir o obscurecimento parcial e total;
- Permitir o contacto visual com o exterior através de portas ou janelas;
- Permitir a protecção solar;
- Proporcionar o acesso fácil ao exterior;
- Permitir a fixação de parâmetros verticais de expositores e quadros;
- Possuir uma zona de bancada fixa com cuba, ponto de água e esgoto, sempre que possível.

Localização: contígua a outras (s) sala (s) de actividades.

Comunicação fácil com os vestiários das crianças.

Comunicação fácil, ou sempre que possível, directa com o exterior.

Área: 40 a 50 m<sup>2</sup>.

Pé direito: 2,60 a 3m.

Nº de utentes: 20/25 máximo.

Área / Criança: 2m<sup>2</sup>.

# Regulamento Interno

Jardim-de-infância  
Escola do Povo das Mercês

Ano Lectivo 2008/2009

## Aos Pais:

Pretende-se que o Jardim-de-infância seja um local de partilha entre todos os adultos que aí trabalham.

Educadores de Infância, Auxiliares de Acção educativa e outros adultos confrontam no seu dia a dia ideais, projectos, opiniões, soluções, etc... com vista a uma melhoria da qualidade da vida da Instituição.

Reconhecem-se aspectos, como a diferença que há entre todos, valorizando-se ao máximo as qualidades e conhecimentos de cada um, sendo importante o papel de família.

A educação pré-escolar constitui a primeira etapa da educação básica. Para que assegure a democratização de oportunidades e o apoio ao desenvolvimento harmonioso das crianças, tem que ser pautada pela exigência, tanto nos modos de organização como nas práticas educativas.

Por este motivo damos-lhes a partir deste momento **As Boas Vindas** e o seu **Filho** passa a ser o centro das nossas atenções.

### Natureza da Instituição:

Instituição Particular de Solidariedade Social nomeada por I.P.S.S. do tipo associativo e sem fins lucrativos, com 33 anos de existência.



### Valências:

 Creche: 2 Anos










 Jardim-de-infância: 3,4 e 5 anos

## Organização Funcional e Administrativa da Instituição:




### Pessoal Docente:

-  1 Director Pedagógico
-  7 Educadores de Infância

### Pessoal não Docente:

-  1 Médica de Clínica Geral e especializada em Pedopsiquiatria
-  1 Professor de Ginástica
-  1 Professor de Música
-  1 Funcionária Administrativa
-  10 Auxiliares de Acção Educativa
-  1 Cozinheira
-  1 Ajudante de Cozinheira
-  1 Empregada de Limpeza
-  1 Jardineiro

### Direcção:

-  1 Presidente
-  1 Secretário
-  1 Tesoureiro









**Nota:** Qualquer assunto de natureza pedagógica deve ser tratado com o docente da respectiva sala ou com o Director Pedagógico.

## Normas Gerais do Regime Interno da Instituição

### Horário de Funcionamento:

De Segunda a Sexta – Feira das 7.00 às 19.00 horas.

## Período de Encerramento:

-  Durante o mês de Agosto
-  Feriados Nacionais
-  Nos dias 24, 26 e 31 de Dezembro de 2008
-  No dia 2 de Janeiro de 2009
-  Segunda e Terça-feira de Carnaval
-  Quinta e Sexta-feira Santa
-  No dia 29 de Junho Feriado Municipal
-  Outros dias que a Direcção o determinar

## Horário de Entrada:

A entrada das crianças é efectuada até às 9.00 horas e nunca depois desta hora.

O horário lectivo é das 9.00 às 16.00 horas.

Componente não lectiva das 7.00 às 9.00 horas e das 16.00 às 19.00 horas.

A Instituição deverá ser obrigatoriamente avisada até às 9.00 horas, sempre que a criança não venha (seja por razões de saúde ou outras).

Após 3 dias consecutivos de faltas dos educandos, os pais ou encarregados de educação terão que justificar as mesmas através do telefone ou pessoalmente

O horário de saída até às 19.00 horas e nunca após esta hora.

As crianças só serão entregues às pessoas cujo nome conste na ficha de inscrição.

## Pré – Inscrições:

Para admissão de novas crianças há uma pré-inscrição onde é fornecida uma ficha que é devidamente preenchida pelos pais ou encarregados de educação, ficando a aguardar em lista de espera, até ao mês de Abril, altura em que será confirmada ou não a admissão.

## Inscrições:


Para admissão definitiva da criança, torna-se necessário a apresentação da seguinte documentação:

Fotocópia dos recibos de vencimento do casal relativos ao mês anterior da inscrição


 Fotocópia do I.R.S.

 Fotocópia da amortização de casa própria ou recibo de renda


 Fotocópia da cédula pessoal

 Fotocópia do boletim de vacinas

 Fotocópia do cartão de utente (Centro de Saúde)

 Declaração médica em como a criança não sofre de nenhuma doença infecto contagiosa.

 4 Fotografias

 A admissão carece do pagamento da matrícula, da jóia e do seguro escolar no valor de €62.50

Posteriormente será feita uma entrevista entre os Pais ou Encarregados de Educação e a Directora Pedagógica.

A efectivação da inscrição e o direito à frequência, obtém-se através da aceitação das regras constantes neste regulamento.

**Nota:** Sempre que se verificarem alterações dos dados constantes no processo da criança estas devem ser de imediato comunicadas à Instituição.

## Comparticipações

As participações dos utentes, é estabelecida caso a caso, pela Instituição, segundo o resultado da aplicação de percentagens aos rendimentos familiares que constarão da tabela aprovada para o ano lectivo seguinte, de acordo com a legislação em vigor, baseada nos custos médios do ano anterior, tabela esta que será exposta para conhecimento geral e fará parte integrante do regulamento interno.

Para que as participações sejam rigorosamente justas, todos os documentos a apresentar para a capitação, terão que ser credíveis, caso contrário terão que pagar a mensalidade máxima.

## **Pagamentos**

Somente a secretaria recebe e entrega os recibos das mensalidades e trata dos assuntos administrativos.


As mensalidades terão de ser pagas até ao dia 8 de cada mês.


Sempre que as crianças não frequentem a Instituição durante 15 dias consecutivos e que sejam devidamente justificados, será descontado 25 % sobre a mensalidade.


Se a mensalidade for paga através de cheque e se verificar alguma irregularidade no mesmo, fica o encarregado de educação privado de efectuar o pagamento por este meio.


Se alguma criança sair da Instituição, após ter começado o mês, pagará por inteiro a mensalidade.

Se por qualquer motivo imprevisto a criança não puder frequentar a Instituição, devem os encarregados de educação passar pela mesma para liquidar a mensalidade dentro do prazo previsto.

 Sempre que as crianças não frequentem a Instituição durante 30 dias consecutivos, sem aviso prévio e a mensalidade não seja liquidada relativa ao mês em questão, implica o cancelamento da inscrição.

 Mensalidades em atraso poderão sofrer um agravamento conforme a Direcção venha a definir em cada ano lectivo.

 A mensalidade de Agosto será paga, em 11 meses de Setembro a Julho.

 Renovação da inscrição, quota e seguro escolar para o ano lectivo seguinte 50€.

## Tabela de Mensalidades

2008 / 2009

Mensalidade e Duodécimos

1º Escalão 00% até 30% RMM  $112,50 \times 15,0\% = 17,00 + 8,00 = 25,00 \text{ €}$

2º Escalão 30% até 50% RMM  $187,50 \times 22,5\% = 42,12 + 7,87 = 50,00 \text{ €}$

3º Escalão 50% até 70% RMM  $262,50 \times 27,5\% = 72,19 + 12,81 = 85,00 \text{ €}$

4º Escalão 70% até 100% RMM  $375,00 \times 30,0\% = 109,50 + 10,50 = 120,00$

5º Escalão 100% até 150% RMM  $562,50 \times 32,5\% = 177,00 + 13,00 = 190,00$

6º Escalão 150% RMM  $210,00 + 20,00 = 230,00 \text{ €}$

Mensalidade máxima para o ano lectivo de 2008/2009 com alimentação (almoço e lanche) = 230,00 €

Actividades extras - curriculares: Música, ginástica e médico suportadas pela Instituição


### Alimentação


Fornecimento de refeições:


 Almoço

 Lanche


A mensalidade por criança, é fixada em cada ano lectivo e compreende a totalidade das refeições.

 O almoço compõe-se de sopa, um prato de peixe ou carne, fruta ou doce.

 O lanche compõe-se de leite ou iogurte, pão com fiambre, queijo, manteiga, chourição, tulicreme, etc.

 Não é permitido que a criança traga qualquer género alimentício, por este motivo o pequeno-almoço tem que vir tomado de casa.

 A ementa é mensal e está fixada na porta de entrada.

 Havendo alterações na ementa, estas contemplarão sempre valor nutritivo idêntico.


## **Objectos Pessoais**

A Direcção e o pessoal docente e não docente não se responsabilizam pelo desaparecimento de objectos de valor (pulseiras, fios, anéis, brincos de ouro ou prata, etc.), ou de outros de índole pessoal que sejam trazidos para a Instituição sem que tenham sido solicitados.


## **Brinquedos**

A Instituição fornece brinquedos, jogos, material didáctico e de desgaste, havendo necessidade de a criança trazer algum brinquedo, para mais segura se sentir (no início do ano lectivo), poderá excepcionalmente trazê-lo, mas a Direcção não se responsabiliza pelo mesmo.

## **Enxoval para o Jardim-de-infância**

 Haverá 2 bibes que deverão vir identificados de casa. Estes são fornecidos pela Instituição e pagos pelos encarregados de educação. O uso do bibe é obrigatório

 Muda completa de roupa prática.

 As crianças de 2 anos terão que entrar na Instituição sem fralda.

















## **Equipamento de Ginástica**

Para as aulas de ginástica dadas por 1 professor da modalidade as crianças de 3, 4 e 5 anos, têm que estar devidamente equipadas com fato de treino, t-shirt e sapatilhas próprias para a modalidade, todo o equipamento deve estar devidamente identificado.

As crianças de 2 anos terão aulas de ginástica com a respectiva educadora da sala também têm que estar devidamente equipadas.

## **Situação de Doença:**

Serão temporariamente afastadas da instituição, as crianças atingidas pelas doenças transmissíveis classificadas nos termos do Diário da República, 1ª série, nº 56 de 8 de Março de 1997 e que se passa a mencionar:

-  Difteria
-  Escarlatina
-  Febres Tifóide e Para tifóide
-  Hepatite Infecciosa
-  Impetigo
-  Meningite por Meningococcus
-  Parotidite Epidémica (Papeira)
-  Poliomielite
-  Rubéola
-  Sarampo
-  Sarna
-  Tinha
-  Tosse Convulsa
-  Tuberculose
-  Varicela
-  Variola

Serão também afastadas temporariamente da instituição as crianças que coabitem ou tenham contactos com pessoas atingidas por qualquer doença infecto-contagiosa.

Os prazos de afastamento serão o que estão estabelecidos pela lei.

Os pais deverão comunicar à instituição no prazo de 48 horas as doenças previstas nos números anteriores, sempre que as mesmas se verificarem nas crianças ou seus familiares.





**Nota:** A reentrada na instituição far-se-á após a cura clínica devidamente comprovada (declaração do médico assistente).

Em caso de Pedículos (Piolhos), a criança deverá ficar em casa um dia (1) para desparasitação.

## Medicamentos

Os medicamentos só são ministrados na Instituição quando a toma for superior a 2 vezes ao dia. No caso desta ser superior os medicamentos deverão ser

entregues dentro da respectiva embalagem com os seguintes elementos e letra bem legível:

-  Nome da criança
-  Sala a que pertence / Educadora
-  Hora da toma
-  Dosagem

Nota: Antibióticos, ou outros medicamentos que necessitem de frio têm que vir de casa acondicionados devidamente, porque a Instituição não pode ter os mesmos no frigorífico.

## Seguro Escolar

Os encargos com o seguro utente é obrigatório aquando da inscrição e renovação de inscrição, serão suportados pelos pais ou encarregados de educação. Este seguro cobre acidentes ocorridos, durante o tempo em que a criança está á responsabilidade da Instituição, mas não cobre próteses ou óculos.

## Praia

Todos os anos realiza-se a colónia de férias aberta – Praia.

Esta acção é feita no período da manhã com saída ás 9.00 horas e chegada ás 13.00 horas, tendo como ponto de partida e chegada a nossa Instituição.

O transporte das respectivas crianças é assegurado por autocarros de uma empresa de viação, participado pela Instituição

# Projecto Educativo


Jardim-de-infância  
Escola do Povo das Mercês

Ano Lectivo 2008/2009

**A Coordenadora:**

 Manuela

**As Educadoras:**

 Ana Maria

 Anabela

 Carla

 Cláudia

 Marta

 Paula

 Susana

## ÍNDICE:

pág.

### Capítulo I

1 – Introdução	1	
2 – Historial do Jardim-de-infância	4	
3 – O Jardim-de-infância	6	
4 – Perfil Específico de Desempenho Profissional do Educador de Infância	9	
5 – Participação dos Pais no Jardim-de-infância	13	
6 – Características de Desenvolvimento das nossas Crianças		15

### Capítulo II

Tema Principal	22	
Plano Anual de Actividades	26	

### Capítulo III

Animação Sócio Educativa		
1- Introdução	29	
2 – Refeições	30	
3 – Animação Sócio Educativa	31	

# Capítulo I

## 1 – Introdução:

*“ Brincar com as crianças não é perder tempo, é ganha - lho; Se é triste ver meninos sem escola, mais triste ainda é vê-los sentados enfileirados, em salas sem ar com exercícios estéreis, sem valor para a formação do homem”*

(Drummond 1989)

Os pais são os primeiros educadores das crianças antes de iniciarem o pré-escolar, a educação constitui um direito e um dever de cada família e de cada comunidade.

A família tem o direito de orientar a educação dos filhos cabendo ao Estado garantir e efectivar esse mesmo direito, enquanto expressão de liberdade fundamental de aprender e ensinar.

É sabido que as escolas funcionam para servir as crianças que são o seu «público», contudo não devemos menosprezar as necessidades dos pais destas, pois caso contrário estaremos alhearmos-nos das necessidades do meio envolvente em que a escola está inserida.

No plano das relações entre a escola e a família ou a comunidade local, a escola com sistemas centralizados e generalizados pode responder as necessidades locais e ao desejo da participação dos pais.

A importância da educação pré escolar é claramente reconhecida hoje, há já um certo consenso social sobre a importância do atendimento educacional à criança, essa importância é reconhecida nos discursos dos políticos, dos parceiros sociais, dos profissionais do sector, dos formadores de professores e dos investigadores, a própria preocupação pela criança é uma conquista da civilização actual.

A par de um serviço público, a educação pré-escolar deve ser considerada também um serviço social básico: “... É evidente que a educação pré-escolar com serviços de guarda e cuidados infantis se impõe. Passa a ser um serviço social básico. Nesta medida não devemos desvalorizar a dimensão dos cuidados, pois sem ela não se pode construir uma dimensão educativa” (Formosinho 1995).

A educação pré-escolar é a primeira etapa do sistema educativo português e antecede a escolaridade obrigatória, fixada presentemente em nove anos.

De frequência facultativa, abrange as crianças a partir dos três anos até à idade de ingresso no ensino básico.

A educação pré – escolar é o ponto de partida para um percurso de sucesso em educação. A sua frequência tem reflexos positivos na vida futura do cidadão.

A Lei – Quadro da Educação Pré Escolar (Lei nº. 5/97) consagra este nível educativo como a primeira etapa da educação básica, definindo o papel participativo das famílias, bem como o papel estratégico do Estado, das autarquias, da iniciativa particular, cooperativa e social.

Em conformidade, o Estado deve assegurar a existência de iniciativas particulares no domínio da acção educativa.

As unidades de educação pré-escolar enquadradas em Instituições Particulares de Solidariedade Social (I.P.S.S.) estão situadas num contexto institucional completamente diferentes das unidades da rede pública.

Como a designação indica, as I.P.S.S. são instituições de assistência social visando o bem-estar das crianças, dos idosos, dos diminuídos físicos ou mentais, de pessoas carecidas, etc. é natural que este enquadramento promova uma visão assistencial da educação. Mais do que a educação para o desenvolvimento e instrução da criança visar-se-ia a educação para a protecção e socialização da criança. A própria convivência nos mesmos espaços com outros destinatários desta assistência social naturalmente reforça esse elo assistencial.

Este contexto institucional tem, obvias, vantagens relativamente ao jardim-de-infância da rede pública, igualmente na satisfação da dimensão social do atendimento á criança em idade pré-escolar. Satisfaz melhor as necessidades das famílias onde ambos os pais trabalham, pois que a satisfação dessas necessidades é a finalidade principal da instituição, assim estas unidades constituem-se mais claramente como um serviço á família.

As I.P.S.S. são titulares da maioria das unidades de educação pré- escolar, disseminadas pelo País, estruturadas com base na preocupação de proporcionar o pleno acesso de todas as crianças á educação pré - escolar, muito especialmente dos que se mostram desprovidos do meio familiar normal, nomeadamente crianças oriundas de agregados socialmente e economicamente mais carenciados.

A intervenção destas na área da educação pré-escolar parte do pressuposto de que o combate á pobreza e á exclusão social, bem como o caminho do desenvolvimento humano e das comunidades se faz a partir do grupo familiar e inclui a educação dos seus membros designadamente dos juvenis, como um factor decisivo de integração social

Daqui resulta a necessidade de inclusão da resposta específica formativa das crianças, num processo global de acompanhamento e de auxílio ao desempenho familiar particularmente dos agregados com especiais características de vulnerabilidade.

Cada I.P.S.S. na verdade é portadora legítima de um projecto próprio que se materializa em respostas que assumem uma índole predominantemente sócio educativa, na justa medida em que privilegiam e incidem fortemente na vertente de apoio integrado ás famílias e comunidades. Tal especificidade determina e justifica a autonomia da rede solidária da educação pré-escolar, integrada na rede nacional e dotada de um regime jurídico que acolhendo valores, os princípios e os parâmetros legalmente fixados nos estatutos gerais

das I.P.S.S. assegure o direito de definir os programas e os objectivos a prosseguir e a liberdade de escolha e de desenvolvimento dos modelos de actuação a adoptar sem qualquer interferência externa de ordem fisiológica, estética, política ou ideológica.

Sendo este jardim-de-infância uma I.P.S.S. que está vocacionado para os serviços do âmbito da educação pré-escolar e para o atendimento á criança, é também um espaço educativo pensado e organizado em função das crianças e adequado á actividades que nele se desenvolvem.

Como esta instituição é de carácter social, logicamente que as crianças que a frequentam têm hábitos, sabres, culturas e cor diferentes, sendo a cultura interna um dos pontos decisivos para o desenvolvimento intelectual, psicológico e motor das crianças.

## 2 – Historial do Jardim-de-infância

O Jardim-de-infância Escola do Povo das Mercês, situa-se no Concelho de Sintra. Por volta do ano de 1975, a carência de uma Instituição do género na nossa Freguesia, era de uma necessidade absoluta em virtude de até ao momento existir unicamente uma escola de ensino básico, cujas instalações funcionavam numa loja perto dos correios da localidade.

Tudo começou quando um grupo de moradores sensíveis à necessidade imperativa que era a de arranjar instalações para pôr em marcha um plano que fosse de encontro à realização de um “sonho” tornado realidade, conseguiram tal facto com uma estratégia arrojada ocupar uma residência que se encontrava devoluta e dentro dos tramites legais para a época activar a dita residência, informando a população do que se estava a passar e também do propósito de tal acção, será lógico mencionar que grande parte da população aderiu ao projecto com entusiasmo, disponibilizando alguns artigos para a “Instituição”, que começava nesse dia, 5 de Abril de 1975 a dar os primeiros passos, em

conjunto com a Escola básica do localidade que outrora e como já mencionamos carecia também de instalações dignas.

O jardim-de-infância começou a sua actividade como um género de instituição de caridade, pois as crianças não pagavam mensalidade assim como o pessoal encarregado da funcionalidade da instituição também não recebiam qualquer tipo de remuneração. Devido a uma ausência de estratégia inicial ao projecto que começava a despontar, as crianças no período da hora de almoço tinham que ir fazer as refeições a casa, voltando em seguida para o jardim de infância onde se descontraíam de tarde com brincadeiras até chegar a hora de voltarem para casa. Só passado um ano é que as crianças começaram a pagar uma mensalidade no valor de 150\$00, isto deveu-se ao facto de se começar a fazer às necessidades existentes. É nessa altura que o jardim-de-infância começa a receber um subsídio para pagar ao pessoal docente: 2 educadoras de infância do Centro Regional de Segurança Social, quanto ao pessoal auxiliar recebia o restante que sobrasse após honradas as despesas mensais.

Assim o jardim de infância funcionou nestas condições durante 6 anos, com 40 crianças, altura em que celebrou os Estatutos no dia 6 de Abril de 1981, a partir desta data o Centro regional começou a enviar um subsidio por criança e as nossas condições começaram a melhorar.

Em 1 de Outubro de 1987 o jardim-de-infância mudou-se para as actuais instalações, nas quais se verificou melhores condições de trabalho e de espaço. Estas instalações foram mandadas construir pelo jardim-de-infância “ Crianças Felizes “, subsidiadas pelo Centro Regional de Segurança Social de Lisboa em terreno cedido pela Câmara Municipal de Sintra.

Devido ao trabalho de qualidade que os profissionais desta instituição desenvolvem no seu dia a dia, a procura por parte da população local é de tal ordem que em 1998 a Direcção do jardim de infância para satisfazer as necessidades em causa, candidatou-se ao Programa de Desenvolvimento e Expansão da Educação Pré – Escolar do Ministério de Educação, concurso

esse que a nossa instituição ganhou, por este motivo as instalações anexas às existentes foram ampliadas com mais 6 salas para o pré – escolar.

Após o termines das obras em questão, no dia 17 de Novembro de 2003 a nossa instituição abriu as portas do novo espaço infantil. Espaço este que ficou com uma capacidade total de 30 crianças de 2 anos consideradas ainda creche e de 142 crianças em idade pré – escolar com idades compreendidas entre os 3 e os 6 anos.

Pensamos assim estar em condições de dar uma resposta adequada não só às necessidades das crianças, como também às necessidades da população das freguesias onde estamos inseridos.

### **3 - O Jardim-de-infância**

*“ Vemos o envolvimento dos pais como forma de aprofundar a sociedade democrática”*

Dom Davis, 1989

A educação constitui um dos factores fundamentais no processo de socialização de qualquer indivíduo tendo em vista a sua integração no ambiente em que está inserido.

A família e a escola são os dois primeiros ambientes sociais que proporcionam á criança estímulos, ambientes e modelos vitais que servirão de referência para as suas condutas, sendo conseqüentemente este o código com que a criança irá seguir durante o seu crescimento.

A família, espaço educativo por excelência, é vulgarmente considerada o núcleo central do desenvolvimento moral, cognitivo e afectivo, no qual se «cria»

e «educa» as crianças ao proporcionar os contextos educativos indispensáveis para cimentar a tarefa de construção de existência própria.

O jardim-de-infância é outro dos locais em que os pais e a equipa pedagógica podem trabalhar em conjunto, ajudando-se mutuamente os pais podem não só ver os filhos em acção como também podem juntarem-se a estes no ambiente neutro que a escola proporciona.

Uma sala do pré-escolar está programada para a exploração e para o convívio, proporcionando um ambiente em que as crianças, tal como os pais, estão libertas das restrições impostas pela ordem de arrumação existente na habitação dos mesmos.

O contacto com o jardim-de-infância dá também aos pais a oportunidade de moldarem o clima nele existente, de influenciarem directamente os seus objectivos e actividades e de partilharem os seus conhecimentos com a equipa pedagógica.

Para que os pais dêem o seu tempo por bem empregue no programa escolar, precisam de saber que os seus contributos são desejados e necessários, para isso a equipa pedagógica tem de fazer sentir aos pais que além de serem bem vindos deverá fazer sentir que eles são também uma pedra essencial no referido programa escolar.

O programa escolar é facultado aos pais no acto da inscrição sendo informados que além de vários deveres a que estão sujeitos como pais estão inseridos na programação de visitas periódicas a efectuar, tal como em actividades e também almoços e lanches.

Estimular os pais a comparecer na sala de actividades como observadores, trocando com a equipa pedagógica comentários e ideias fornecendo aos docentes matérias que mais tarde será usada e aplicada durante o horário escolar afim de proporcionar aos alunos um bem estar mais qualitativo, de maneira a que os objectivos procurados pelos pais seja aplicado na íntegra.

A matéria fornecida pelos pais, incentiva-os a participarem voluntariamente no programa em questão fazendo com que não sintam excluídos da equipa durante a secção diária de avaliação e programação, tal facto proporciona uma oportunidade importante de troca de informação.

A vida neste jardim-de-infância suscita expectativas positivas em relação ao clima. Quando o conteúdo das actividades e conversas interessam á criança e têm significado para ela os hábitos e normas do jardim de infância inserem-se harmoniosamente na sua vida quotidiana estas constituem uma iniciação cultural que motivará a criança para uma participação activa nas aprendizagens escolares.

Com a vivência no jardim de infância a criança vai compreender em que medida é aceite e valorizada individualmente quer pelos adultos, quer pelas outras crianças e também fora do ambiente familiar, ficando animada quanto as suas próprias capacidades de resolver problemas e corresponder ao que esperam dela.

É bom lembrar que esta primeira experiência de participação contínua num grupo extra familiar, é particularmente significativa no processo de socialização da criança.

### **Jardim-de-infância o que é...**

- O local onde a criança tem oportunidade de:



Aprender a pensar, raciocinar;



A saber estar em grupo;



A conquistar a sua segurança, a sua estima, a sua autonomia.

Tudo isto são coisas importantes, quer para o seu desenvolvimento, quer para as suas futuras aprendizagens escolares.

### **Jardim-de-infância, o que não é...**



Um depósito para deixar os seus filhos;



Um local onde eles se entretêm;




Um local onde começam a ler e a escrever mais cedo;


 Um substituto da Educação Familiar.


### **Jardim-de-infância o que queremos...**

- Que todas as crianças sejam:

 Mais felizes;

 Mais autónomas

 Mais despertas para o que as rodeia;

 Mais aptas a enfrentarem as dificuldades que lhes surgem.

- Ser um complemento da Educação Familiar.

-

## **4 - Perfil Específico de Desempenho Profissional do Educador de Infância**


Na educação Pré- Escolar, o perfil do educador de infância é o perfil geral do educador e dos professores do ensino básico e secundário, aprovado em diploma próprio, com as especificações constantes do presente diploma, as quais têm por base a dimensão de desenvolvimento do ensino e da aprendizagem daquele perfil.


A formação do educador de infância pode, igualmente, capacitar para o desenvolvimento de outras funções educativas, nomeadamente no quadro da educação das crianças com idade inferior a 3 anos.


### **Concepção e Desenvolvimento do Currículo**


Na educação Pré – Escolar, o educador de infância concebe e desenvolve o respectivo currículo, através da planificação, organização e avaliação do ambiente educativo, bem como das actividades e projectos curriculares, com vista á construção de aprendizagens integradas.


No âmbito da organização do ambiente educativo, o educador de infância:


 Organiza o espaço e os materiais, concebendo-os como recursos para o desenvolvimento curricular, de modo a proporcionar às crianças experiências educativas integradas.


 Disponibiliza e utiliza materiais estimulantes e diversificados, incluindo os seleccionados a partir do contexto e das experiências de cada criança.


 Procede a uma organização do tempo de forma flexível e diversificada, proporcionando a apreensão de referências temporais pelas crianças.


 Mobiliza e gere os recursos educativos nomeadamente os ligados às tecnologias da informação e da comunicação.


 Cria e mantém as necessárias condições de segurança, de acompanhamento e de bem-estar das crianças.


 No âmbito da observação, da planificação e da avaliação, o educador de infância:


 Observa cada criança, bem como os pequenos grupos e o grande grupo, com vista a uma planificação de actividades e projectos adequados as necessidades da criança e do grupo e aos objectivos de desenvolvimento e da aprendizagem.


 Tem em conta, na planificação do desenvolvimento do processo de ensino e de aprendizagem, os conhecimentos e as competências de que as crianças são portadoras.


 Planifica a intervenção educativa de forma integrada e flexível, tendo em conta os dados recolhidos na observação e na avaliação, bem como as propostas explícitas ou implícitas das crianças, as temáticas e as situações imprevistas emergentes no processo educativo.


 Planifica actividades que sirvam objectivos abrangentes e transversais, proporcionando aprendizagens nos vários domínios curriculares.

 Avalia, numa perspectiva formativa, a sua intervenção o ambiente e os processos educativos adoptados, bem como o desenvolvimento e as aprendizagens de cada criança e do grupo.


 No âmbito da relação e da acção educativa, o educador de infância:


 Relaciona-se com as crianças de forma a favorecer a necessária segurança afectiva e a promover a sua autonomia.


 Promove o envolvimento da criança em actividades e em projectos da iniciativa desta, do grupo, do educador ou de iniciativa conjunta, desenvolvendo-os individualmente em pequenos grupos e no grande grupo, no âmbito da escola e da comunidade.


 Fomenta a cooperação entre as crianças garantindo que todas se sintam valorizadas integradas no grupo.

 Envolve as famílias e a comunidade nos projectos a desenvolver.

 Apoia e fomenta o desenvolvimento afectivo, emocional e social de cada criança e do grupo.

 Estimula a curiosidade da criança pelo que a rodeia, promovendo a sua capacidade de identificação e resolução de problemas.


 Fomenta nas crianças capacidades de realização de tarefas e disposições para aprender.


 Promove o desenvolvimento pessoal, social e cívico numa perspectiva de educação para a cidadania.


## Integração do Currículo


Na educação Pré- Escolar, o educador de infância mobiliza o conhecimento e as competências necessárias ao desenvolvimento de um currículo integrado, no âmbito da expressão e da comunicação e do conhecimento do Mundo.


No âmbito da expressão e da comunicação, o educador de infância:


 Organiza um ambiente de estimulação comunicativa, proporcionando a cada criança oportunidades específicas de interacção com os adultos e com as outras crianças.


 Promove o desenvolvimento da linguagem oral de todas as crianças, atendendo, de modo particular, às que pertencem a grupos social e linguisticamente minoritários ou desfavorecidos.


 Favorece o aparecimento de comportamentos emergentes de leitura e escrita, através de actividades de exploração de materiais escritos.


 Promove, de forma integrada, diferentes tipos de expressão (plástica, musical, dramática e motora) inserindo-os nas várias experiências de aprendizagem curricular.


 Desenvolve a expressão plástica utilizando linguagens múltiplas, bidimensionais e tridimensionais, enquanto meios de relação, de informação. De fruição estética e de compreensão do mundo

 Desenvolve actividades que permitam á criança produzir sons e ritmos com o corpo, a voz e instrumentos musicais ou outros e possibilita o desenvolvimento das capacidades de escuta de análise e de apreciação musical.


 Organiza actividades e projectos que, nos domínios do jogo simbólico e do jogo dramático, permitam a expressão e o desenvolvimento motor, de forma a desenvolver a capacidade narrativa e a comunicação verbal e a não verbal.


 Promove o recurso a diversas formas de expressão dramática, explorando as possibilidades técnicas de cada uma destas.


 Organiza jogos, com regras progressivamente mais complexas, proporcionando o controlo motor na actividade lúdica, bem como a socialização pelo cumprimento das regras.


 Promove o desenvolvimento da motricidade global das crianças, tendo em conta diferentes formas de locomoção e possibilidades do corpo, da orientação no espaço, bem como da motricidade fina e ampla, permitindo á criança aprender a manipular os objectos.


No âmbito do conhecimento do mundo, o educador de infância:


 Promove actividades exploratórias de observação e descrição de atributos dos materiais, das pessoas e dos acontecimentos.


 Incentiva a observação, a exploração e a descrição de relações entre objectos, pessoas e acontecimentos, com recurso á representação corporal, oral e gráfica.

 Cria oportunidades para a exploração das quantidades, com recurso á comparação e estimativa e á utilização de sistemas convencionais e de processos não convencionais de numeração e medida.

 Estimula, nas crianças, a curiosidade e a capacidade de identificar características das vertentes natural e social da realidade envolvente.

 Promove a capacidade de organização temporal, espacial e lógica de observações, factos e acontecimentos.

 Desperta o interesse pelas tradições da comunidade, organizando actividades adequadas para o efeito.

 Proporciona ocasiões de observação de fenómenos da natureza e de acontecimentos sociais que favoreçam o confronto de interpretações, a inserção da criança no seu contexto, o desenvolvimento de atitudes de rigor e de comportamento de respeito pelo ambiente e pelas identidades culturais.

## 5 - Participação dos Pais no Jardim-de-infância

“ Os Pais devem ser lembrados de que eles são modelos de identificação para os filhos e devem mostrar às crianças que o seu envolvimento na educação é uma prova de que a educação é importante.”

Ann Kahn in “A Escola e os Pais – Como Colaborar?”

As escolas, como instituição, devem estar ao serviço da comunidade, mas infelizmente a maioria continua afastada e ausente do meio onde estão implantadas, por não colaborarem com as famílias e desconhecerem a realidade envolvente.

Uma escola integrada no meio não pode esquecer as características sociais, culturais e económicas, onde está inserida e deve promover os contactos e ajudar, na medida das suas possibilidades, a resolver os problemas dos seus filhos inerentes a essas características.

A Educação da criança é hoje encarada de uma forma global, em que o meio e todas as pessoas com as quais ela se relaciona, exercem influência no seu desenvolvimento. Deste modo, a cooperação entre Escola e Família, deve ser cada mais estreita, para que ambas as partes possam assegurar à criança uma ajuda convergente que a leve a ultrapassar os obstáculos e se construa um cidadão interveniente na sociedade.

Educar é saber modelar o presente em vista do futuro. A criança e o jovem para crescer necessitam de uma relação de assistência, de presença, de estimulação e de lucidez que deverá ser dada pelos pais, como o primeiro elemento de socialização e pela escola. É de crucial importância que a Escola e Pais caminhem de mãos dadas para esta árdua missão que é **Educar**.

De acordo com a Lei de Bases do Sistema Educativo, a finalidade da Escola é a educação no sentido amplo e não só instrução, sendo forçoso admitir que não são só os professores e alunos os intervenientes no processo, mas este é muito mais abrangente.

Existe também um sentimento geral de que as escolas só podem mudar se se desenvolverem laços fortes de colaboração com as famílias, porque ambas partilham responsabilidades pelo sucesso académico dos alunos; sucesso este que está relacionado com o desenvolvimento social, físico e emocional da criança.

A família e a escola são os dois primeiros meios de socialização que proporcionam à criança estímulos e modelos que servirão de referência para as suas condutas, concebendo como socialização, um processo de transformação do ser biológico, no ser social e cultural.

Mas é a família, o espaço educativo por excelência, o espaço histórico e simbólico, no qual se desenvolve a divisão do trabalho, dos espaços e das competências.

A família é um espaço privilegiado de construção social da realidade, através das relações entre os seus membros.

## 6 - Características de Desenvolvimento das nossas crianças

Ao planificar as nossas actividades, temos que conhecer em profundidade as características evolutivas das nossas crianças. Isso vai ajudar-nos a acompanhá-las no seu crescimento. Mesmo havendo variações entre as crianças, há várias características que são comuns àqueles que se encontram em determinado grupo etário.

Por outro lado, é importante ter em conta que todo o crescimento implica um processo pessoal, que é algo paulatino que vai cumprindo etapas, passinhos para a frente e alguns para trás.

### Crianças de 3 anos

👧👦 Gostam do jogo dramático, recriam papéis da vida familiar e animais domésticos. Gostam de se disfarçar.

👧👦 Dão vida própria aos seus brinquedos e fazem já alguma diferença entre o real e o fantástico.

👧👦 Gostam dos jogos de mesa, embora precisem da intervenção do educador para que lhes proporcione modelos de jogo e organize o trabalho.

👧👦 No jogo com blocos, normalmente sobrepõem-nos, empilham-nos e alinham-nos. Também constroem enormes estradas, montanhas ou edifícios. Dá-lhes prazer derrubar as suas construções.

👧👦 Gostam da companhia das outras crianças e partilham um pequeno projecto ou um jogo. Interessam-se pelos outros e pedem os seus brinquedos. Geralmente necessitam do educador para resolver os problemas com os companheiros.

👧👦 Gostam dos jogos com água e areia, de manipular Plasticina, de pintura com os dedos, barro argila, espuma e massa.

👧👦 Têm grande curiosidade por tudo o que os rodeia, o que os leva à constante manipulação e exploração dos objectos.

👧👦 Em geral permanecem pouco tempo em cada actividade.

👧👦 Conseguem fazer algumas coisas sem ou com a ajuda do adulto. Vão sozinhos à casa de banho e necessitam de muito pouca ajuda nesse ponto.

👧👦 Interessam-se pelos órgãos genitais.

👧 Fazem berreiros e birras, geralmente breves. Esta é a idade do negativismo e do protesto, importantes para a sua auto afirmação.

👧 São instáveis, imprevisíveis e mudam constantemente de desejos e decisões.

👧 O seu pensamento é egocêntrico, animista e artificialista.

👧 Têm sentido de humor, gostam do cómico e do disparatado.

👧 Adoram cantar canções e inventá-las.

👧 Interessam-se por livros de imagens e têm preferência pelos desenhos de animais e seus filhotes. Gostam de contos, pedem que lhos repitam muitas vezes.

👧 A linguagem oral começa a ser um meio de comunicação. Empregam orações muito simples. Formulam perguntas. Ainda utilizam os tempos verbais em forma lógica. A articulação e a pronúncia são imperfeitas e evoluem durante o ano.

👧 Divertem-se fazendo garatujas. Em geral enchem a folha de papel variando os seus movimentos, usando cores diferentes e traçando linhas horizontais, verticais ou circulares sem respeitarem, muitas vezes, os limites do papel em que desenham. Ao princípio não há intenção de representar o que quer que seja que se assemelhe à realidade; predomina a experimentação.

👧 Representam a figura humana como um girino que vai evoluindo até chegar ao homem batata. Ao longo do ano começam a por nome aos seus desenhos e estes nomes mudam várias vezes enquanto desenham ou quando terminam.

👧 A sua localização temporal é deficiente. Ainda vivem, acima de tudo, no presente.

👧 Distinguem as cores primárias e algumas secundárias e relacionam-nas com alguns objectos.

👧 Utilizam a totalidade do seu corpo de forma mais coordenada. Têm dificuldade em manejar as coordenações finas, o que irá evoluindo ao longo do ano.

👧 A maioria conta correctamente até três mas ainda não conhece a utilidade dos números como instrumento para resolver problemas quotidianos

## Crianças de 4 anos

👧👦 Interessam-se muito por tudo o que os rodeia e divertem-se aprendendo sobre temas diferentes: a origem das coisas, a natureza, a reprodução e o nascimento, o sexo, Deus e a morte.

👧👦 Gostam de experimentar e procurar diferentes estratégias para chegar ao resultado desejado. Aborrece-lhes o papel de espectador. Conseguem descobrir os pormenores das coisas.

👧👦 Começam a antecipar as suas acções, a criar hipóteses e a testá-las logo. Gostam de criar e repetir coisas já realizadas.

👧👦 Começam a realizar verdadeiros intercâmbios, pelo que, pouco a pouco, têm em conta as ideias e propostas dos outros para enriquecer as próprias. Começam a compreender os sentimentos das outras pessoas.

👧👦 As amizades são cada vez mais importantes. É comum vê-los com um amigo preferido partilhando com este a maior parte das suas actividades. Começam a diferenciar-se os interesses entre meninas e meninos.

👧👦 Passam também por um período de birras e negativismo, mas conseguem falar das suas zangas e exerce um maior controle sobre os seus impulsos e sentimentos.

👧👦 Permanecem muito mais tempo a realizar qualquer actividade e têm gosto em terminar o seu trabalho. Podem realizar tarefas por etapas.

👧👦 Sentem-se mais crescidos, gostam de ter responsabilidades e cuidar dos mais pequenos.

👧👦 Apreciam muito o jogo dramático e os fantoches. Encontram-se na fase do jogo simbólico, socializado e cooperativo e elegem outros para compartilharem dos seus jogos. No jogo, incorporam papéis que não são da vida familiar mas, quase sempre, relacionados com experiências vividas. Adoram disfarçar-se. “Planificam” o jogo distribuindo papéis e atribuindo funções a cada participante.

👧👦 O jogo torna-se mais competitivo. Começam a organizar-se os jogos de grupo, passam a respeitar a vez de cada um e a cumprir algumas regras estabelecidas e, além dessas, criam as próprias.

👧👦 Conversam incessantemente mesmo que ninguém os ouça. A linguagem é um verdadeiro, meio de comunicação, cada vez mais rigoroso, claro e detalhado. Contam histórias misturando ficção e realidade. Etapa rica em fantasias. Apreciam imenso o relato de contos, especialmente os fantasiosos e disparatados, os quais conseguem recriar cada vez com maior precisão. Têm sentido de humor. Gostam do que é divertido e disparatado. Adoram os exageros.

👧👦 Começam a interessar-se cada vez mais pela leitura e pela escrita, com algo para conhecer e investigar. São capazes de reconhecer os seus nomes escritos. Começam a ensaiar escritas próprias.

👧👦 Estão, também, a descobrir os números e a sua utilidade. Pouco a pouco irão relacionando o signo com o seu significado e acabarão por descobrir no número uma ferramenta útil para resolver algumas situações quotidianas.

👧👦 Necessitam que os seus desenhos se pareçam com a realidade; ensaiam vários “esboços” até encontrarem o que mais lhes agrada e tentam estabelecer uma relação com o que querem representar. Os seus desenhos começam a ser mais pormenorizados e reconhecíveis. Põem-lhes nome com intenção. O espaço e a cor são usados emocionalmente, desenham em maior escala aquilo de que mais gostam.

👧👦 A figura humana irá evoluindo. Desenham a cabeça, o tronco, as partes da cara, braços e pernas bem colocados. Já conseguem respeitar os limites da folha em que desenham. Interessa-lhes o destino dos seus produtos e conservar as suas obras.

👧👦 Na modelagem, copiam objectos da vida diária e fazem figuras humanas. Gostam de enriquecer as suas obras com materiais acessórios.

👧👦 Com os blocos, cobrem grandes superfícies com as suas construções. Planeiam algumas construções e convidam outros a participar. Integram mais acessórios e dão-lhes nome.

👧👦 Manejam o lápis, o pincel e a tesoura com facilidade; ainda lhes é difícil recortar figuras pequenas.

👧👦 São capazes de alcançar metas mais precisas propostas pela educadora.

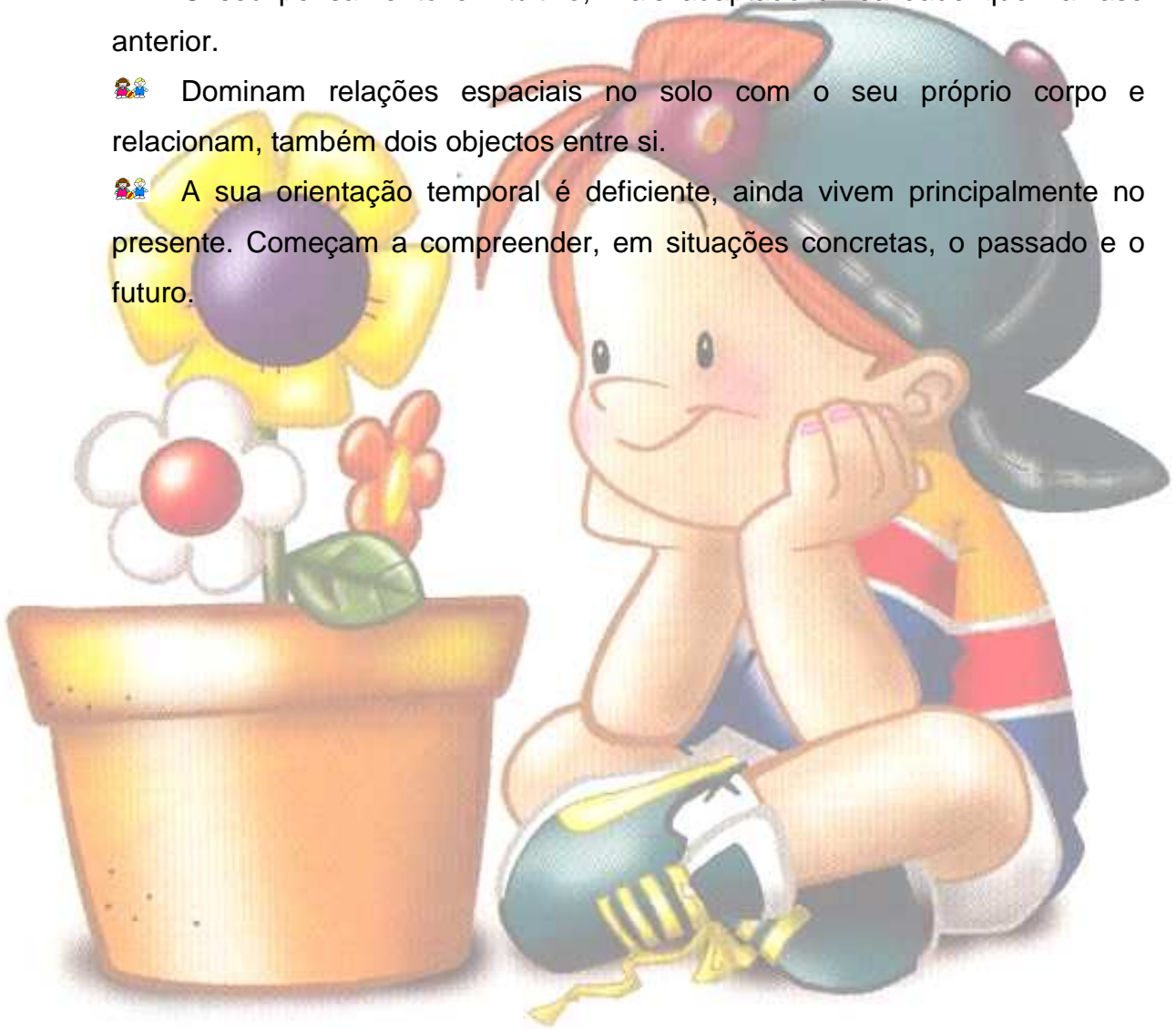
👧👦 Desfrutam do domínio que têm sobre o corpo. Possuem uma maior coordenação manual que lhes permite abotoar, transvazar, encaixar, enfiar.

👧 Reconhecem as diferentes partes da cara, as articulações. Começam a interessar-se pelo corpo, pelo que acontece no seu interior e pelas suas funções.

👧 O seu pensamento é intuitivo, mais adaptado à realidade que na fase anterior.

👧 Dominam relações espaciais no solo com o seu próprio corpo e relacionam, também dois objectos entre si.

👧 A sua orientação temporal é deficiente, ainda vivem principalmente no presente. Começam a compreender, em situações concretas, o passado e o futuro.



## Crianças de 5 anos

👧 Observam com interesse e fazem perguntas sobre tudo o que acontece em seu redor. Interessam-se pela utilidade e origem das coisas e pelos processos biológicos: o conhecimento das plantas, o nascimento dos bebés... Interessam-se pelas aventuras nos mares e por outros países. O seu sentido da realidade evoluiu. Estão a descobrir a diferença entre a realidade e a fantasia.

👧 Esta curiosidade pelo mundo leva-os a questionar-se e a trabalhar com os objectos. Já são capazes de observar as suas reacções e os seus comportamentos. Antecipá-los e, também explicá-los.

👧 Encontram-se na fase do jogo socializado, partilhando a situações de jogo e os materiais, as amizades são cada vez mais importantes e as opiniões e atitudes dos amigos terão influência sobre as suas. Muitas vezes constituem uma “pandilha”.

👧 Preferem a companhia do seu próprio sexo manifestando, por vezes, desagrado perante as actividades ditas “próprias do sexo oposto”.

👧 Divertem-se com os jogos em que é necessário competir e começam a compreender e a aceitar as regras dos mesmos, quer sejam impostas pelo educador, quer criadas por eles próprios.

👧 Agrada-lhes dramatizar. Nos jogos dramatizam acontecimentos familiares e personagens televisivas, geralmente heróis. Dramatizam situações mais complexas e planeiam, previamente, o desenvolvimento da cena. Distribuem os papéis.

👧 Com os jogos de mesa, empenham-se mais na resolução do problema que o material apresenta. Persistem até conseguí-la e, geralmente, não pedem ajuda. Conseguem trabalhar em conjunto durante um tempo bastante prolongado.

👧 O seu pensamento começa a sair do egocentrismo das idades anteriores; começam a ter um pouco mais e conta o ponto de vista dos outros e chegam a acordos que facilitam a convivência.

👧 São capazes de planificar, elaborar um projecto e levá-lo a cabo, ajustando-se ao mesmo e, até, avaliar os resultados. Podem antecipar e prever circunstâncias novas.

👧 De dia para dia podem realizar mais coisas sozinhos e resolver situações que se lhes apresentam sem necessitar da ajuda do adulto. Estão preparados para assumir pequenas responsabilidades.

👧 Já sentem a necessidade de que os seus desenhos sejam reconhecíveis pelo adulto, esmerando-se para que tal aconteça. Antecipam o que vão desenhar, planeando o seu trabalho. Começarão a realizar a linha de base e a guarnição de “céu”. À medida que evoluem nesta etapa, usam a cor com critério mais realista.

👧 A figura humana é mais completa e proporcionada. Há pormenores de vestuário, cabelo, etc. Nesta fase observam-se diferenças entre as produções dos meninos e das meninas.

👧 Na modelagem dominam totalmente o material, acrescentando detalhes com material de sobras, compõem cenas completas e imprimem movimento às figuras.

👧 Conseguem alcançar metas mais precisas determinadas pelo educador e trabalhar em espaços reduzidos e em tempos estipulados.


👧 Utilizam a linguagem oral como um verdadeiro meio de comunicação. Falam para expressar os seus pensamentos, interesses e sentimentos, com relatos cada vez mais claros e pormenorizados. São capazes de esperar e ceder o seu turno cada vez com mais facilidade.


👧 Demonstram muito interesse por contos fantasiosos. Gostam das narrações longas divididas em capítulos; seguem durante dias a trama do mesmo relato.

👧 Começam a interessar-se por aprender a ler e a escrever. Ensaiam escritas próprias e copiam as que encontram à sua volta.


👧 Têm, progressivamente, um domínio mais nítido da concepção do tempo, sempre relacionado com acontecimentos.


👧 Interessam-se pelos números, podem realizar operações simples com material concreto. Utilizam os números como instrumento para resolver problemas quotidianos.


 Alcançaram, já, grande independência e competências nos seus movimentos. Possuem um grande domínio da motricidade fina.

 Iniciam-se no conhecimento de algumas funções do corpo humano e dos seus órgãos. Interessa-lhes “o que não se vê” do corpo. Mostram interesse pelas diferenças sexuais.


 Têm consciência do perigo.

 Entram na transição entre a infância e a idade escolar. O equilíbrio entre a responsabilidade e a brincadeira é, talvez, o aspecto crucial deste ano.

 Discriminam, reconhecem e nomeiam cores primárias e secundárias. Percebem as diferentes gamas.

 Reconhecem posições espaciais em referência ao seu corpo e a objectos entre si.

 Discriminam tamanhos diferentes e podem seriá-los por ordem.

 São capazes de agrupar segundo três critérios: cor, forma e tamanho. Também por texturas, espessuras, temperaturas, etc.

 Conseguem seriar até 10 elementos.

## Capítulo II

O Jardim-de-infância Escola do povo das Mercês, no ano lectivo 2008/2009, tem como tema principal para explorar com as crianças:

### “As Províncias do Nosso Portugal”

Tudo começa aqui, neste país tão pequeno, mas tão rico... tão frágil, mas tão valente... tão sozinho, mas tão cheio de histórias para contar!

É Portugal, o país que este ano lectivo vamos explorar, descobrir e conquistar! Portugal divide-se em 9 províncias cheias de magia e mistérios para nos contar: existem rios e mares, serras e vales, casas e monumentos, flores e frutos, festas e tradições, fatos e músicas, lendas e histórias de encantar...

Queremos conhecer a nossa história, descobrir a nossa grande “família”, a quem chamamos Portugueses. Começamos então com os diferentes poemas dedicados ao nosso cantinho bem lá no cimo têm:

#### **Poema Douro Litoral:**

Eis a terra quente do profundo  
Vale do Douro e dos rios afluentes  
Terras de xisto, terras do Douro  
Quente, onde cresce, amadurece a vinha  
Onde o enorme esforço do  
Homem fez nascer o vinho  
Fino, maravilha maior da criação

#### **Poema de Trás – os – Montes – Mar de Pedras:**

Vê-se primeiro um mar de Pedras...  
Um oceano megalítico... do  
Reino Maravilhoso, com nove meses  
De inverno e três de inferno.  
O mar de pedras irá emprestar-lhe  
O olhar, para conhecer as ondas  
Deste reino de Trás - os – Montes...  
Certamente ninguém lhe ficará indiferente.

#### **Poema das Beiras:**

Cor de granito  
Ou cor de xisto  
Verde de prado  
De mato ou de arvoredos  
Amarelo de centeio  
A policromia  
Das flores silvestres  
Ou das folhas de Outono  
Azul de céu  
Branco de neve  
Cinza de bruma  
Ou translúcido de água  
A claridade dos cumos  
E o escuro dos covões  
Cores de vida  
Tantas estrelas  
Quantas as estações  
E afinal  
Só uma – Beiras

**Poema do Minho:**

É uma linda região  
Que tem alma e coração!  
Quem lá vai  
Encantado de lá vem  
Pois ninguém antes acredita  
E depois, quer que se repita

Tem paisagens e monumentos de outro Mundo

Desde Braga a Valença  
A região é uma pura crença

Se nas ruas deparamo-nos com as  
Senhoras cheias de ouro  
Nas cozinhas, então aí é que  
Está o tesouro

Pois é nesses locais que sai cada iguaria,  
Representando a nossa melhor  
Gastronomia.

**Poema da Estremadura:**

Cidades, rumar e vaivém sem  
Paz nas ruas,  
É vida, suja, hostil, inutilmente gasta,  
Saber que existe o mar e planícies  
Mais vastas  
Que o mais vasto desejo,  
E eu estou em ti fechada e apenas vejo  
Os muros e as paredes, e não vejo  
Nem o crescer do mar, nem  
O mudar das luas.

**Poema do Ribatejo:**

Vida sem touro  
Arenas com taças  
Brindemos homens  
Sorrindo na praça  
Nos olhos do touro  
Meu passado,  
Lutando sem medo  
Dos homens de lei  
Touro é fetiche  
Olé das senhoras  
Madame penteado.

### **Poema do Alentejo:**

Do meu!...  
De Moura onde nasci  
A Beja, santa vitória  
Onde nasceu o meu amor por ele!  
Gosto do meu Alentejo – tragédia!  
Imenso, quente e nu!  
Gosto da sua terra de barro  
Da cor da carne viva!  
Gosto de ouvir dizer  
Chaparro, tarro, seara  
Almeira, restolho,  
Palavras musicais  
Fortes, gostosas  
Que o Alentejo diz arrastando

### **Poema das Ilhas:**

Terra separada  
Da terra  
Porção espalhada  
De sal

Possui todos os temperos  
Aromas  
E trilhos

Portos ausentes  
Abrigo de todos  
Os tempos  
(As intempéries)

Espalham-se os  
(In)ventos  
E todas as direcções  
Apontam para as montanhas  
De sol...

### **Poema do Algarve:**



















Algarve serras mansas onduladas  
Aos poucos aplanando-se em campinas  
Praias de areia e rochas arredadas  
Verdes sapais e manchas de salinas




















E o mar, mais pronto a calmas que a  
Às traineiras levando os pescadores furores





















Peixes brilhando em raras pedreiras  
E o mar, mais pronto a calmas  
Que a furores

Terras vermelhas, hortas afogadas  
N'águas doces de noras e de minas  
E o céu, tonto de sol, pintado a cores  
De inverosímeis, múltiplos fulgores

Capacidades a Desenvolver com as Crianças de 3, 4, 5 Anos

<b>Meses</b>	<b>Temas</b>	<b>Sub- Temas</b>
<b>Setembro</b>	 Regresso/ Boas vindas á Escola  Conversa sobre as estações do ano - O Outono  Introdução do tema “As Províncias do Nosso Portugal”	
<b>Outubro</b>	<b>Douro Litoral</b>  Vindimas  Vinho do Porto  Barcos Rebelo  Armazenamento  Engarrafamento  Dia do “Pão por Deus”	- Uvas, videira, plantação e socalcos -Fabrico do vinho - Transporte do vinho - Pipas/barris, cubas e caves - Garrafões, garrafas - Festa interna da Instituição
<b>Novembro</b>	<b>Trás-os-Montes</b>  Lenda de S. Martinho  Azeite  Arvores de Outono  Carta ao Pai Natal	- Castanheiro, castanhas, vendedor de castanhas e Festa interna da Instituição - Oliveira, azeitona ciclo do azeite - Romãzeira, peras, macieira, aveleira e nogueiras Ida aos Correios
<b>Dezembro</b>	<b>Beiras</b>  Inverno  Serra da Estrela  Pastorícia  Linho  Conhecimento da História de Natal	- Neve - Relevo - Ovelhas e ciclo da lã e do leite - Cultivo, Apanha, fiar e o trabalhar Festa de Natal

<b>Meses</b>	<b>Temas</b>	<b>Sub - Temas</b>
<b>Janeiro</b>	<b>Minho</b>  História dos Reis Magos  Espigueiros  Rios   Sargaceiros	- Festa dos Reis - Espiga e trigo Ciclo dos rios, moinhos de água, pesca e peixes de rio (lampreia, salmão, trutas e sável) - Recolha e transporte de algas
<b>Fevereiro</b>	<b>Estremadura</b>  Moinhos de vento  Feiras e mercados   Cidades e Aldeias  Dia dos Namorados   Carnaval	- Moleiro e ciclo do pão - Compra e venda de produtos regionais  Pregões, cerâmica  Festa interna da Instituição  Desfile de Carnaval
<b>Março</b>	<b>Ribatejo</b>  Festa Brava   Cultura do Arroz   Produtos Hortícolas/ Frutícolas  Dia do Pai  Primavera	- Touros, cavalos, campinos, touradas e feiras de gado - Plantação, orizicultura, recolha e armazenamento - Tomate, melão, melancia, meloa - Prenda - Apicultura, ciclo do mel
<b>Abril</b>	<b>Alentejo</b>  Páscoa  Planícies   Sobreiro  O carvalho  Tapeçaria	- Cultivo de searas, milho, cevada e plantação de girassol - Ciclo da cortiça - Javali e bolota - Tapetes de Arraiolos

<b>Meses</b>	<b>Temas</b>	<b>Sub- Temas</b>
<b>Maio</b>	<b>Ilhas</b>  Dia da Mãe  Madeira  Produtos Regionais   Levadas  Açores  Região vulcânica  Culturas regionais  Animais   Dia da Espiga	-Prenda - Festa das Flores - Bananas, cana do açúcar, loureiro, ervas aromáticas - Cursos de água  - Vulcões, ilhas, furnas, lagoas - Chá, tabaco e ananás - Vaca e ciclo dos lacticínios (queijo da Ilha) - Baleia (espécie protegida)
<b>Junho</b>	<b>Algarve</b>  Dia da Criança  Mar   Salinas  Árvores Regionais   Sistemas de rega  Cestaria  O Verão	- Faróis, pesca de mar, praia, turismo e peixes de mar (sardinha e bacalhau) - Cultura do sal - Laranjeiras, amendoeira, figueira e alfarrobeira - Nora, poço e cisterna - Trabalho de vime - Festa de Fim de Ano Lectivo
<b>Julho</b>	 Praia  Actividades Livres  Encerramento do Ano Lectivo	Colónia Aberta na Praia Grande
<b>Agosto</b>	 Encerramento do Jardim-de-infância	Férias

## Capítulo III

### Animação Sócio Educativa.

#### 1- Introdução:

A evolução do quadro social e familiar tem influenciado as medidas de orientação política, no que diz respeito á educação pré-escolar, já que aquela nos dá conta de alterações na sua organização ao longo dos últimos anos; pai e mãe trabalham fora de casa, o número de elementos na família tende a reduzir e os avós ainda estão empregados ou vivem longe.

Neste sentido, a Lei nº 5/97 de 10 de Fevereiro, Lei Quadro da educação pré-escolar, no seu ponto 1 do artigo 12º determina que “ Os estabelecimentos de educação pré-escolar devem adoptar um horário adequado para o desenvolvimento das actividades pedagógicas no qual se prevejam períodos específicos para actividades educativas de animação e de apoio ás famílias, tendo em conta as necessidades destas “.

Em sequência o Decreto-lei nº 147/97 de 11 de Julho, regulamenta a flexibilidade dos horários nos estabelecimentos de educação pré-escolar de modo a colmatar as dificuldades das famílias.

As actividades de apoio á família integram todos os períodos que estejam para além das 23 horas lectivas e que de acordo com a lei, sejam definidos com os pais no início de cada ano lectivo.

Será nosso dever, não só explicar aos pais como as 23 horas curriculares são suficientes para o desenvolvimento e aprendizagem de crianças com 3, 4 e 5 anos de idade, como também garantir a qualidade de todo o tempo que os pais precisam efectivamente de os ter no estabelecimento de ensino.

Estas actividades sócias educativas abrangem as entradas das crianças, as refeições (almoços e lanches), as saídas das crianças e todos os tempos após as actividades pedagógicas.

## 2 – Refeições.

O serviço de refeições, nomeadamente os almoços, insere-se na componente de apoio á família. A sua organização e dinâmica deverão, por isso, ser cuidadosamente pensadas.

Tempo precioso de prazer e convívio, os almoços são também tempo de múltiplas aprendizagens em que as crianças vão conquistando uma importante competência \_\_ saber estar á mesa de acordo com as regras sociais. Aprender a estar á mesa é um processo longo. Muitas crianças estão habituadas a comer em casa de formas diversas e necessitam de compreender que não está em causa a cultura familiar, mas a necessidade de também saberem de estar á mesa de formas socialmente aceites.

Contudo, este tempo pode com facilidade ser um espaço de conflito e mágoa em que se avoluma o mal-estar entre os adultos e as crianças. Para lidar com todos estes aspectos é necessário gerir a ansiedade e ter presente que, mais importante que a quantidade que a criança come, é o gosto com que o faz. Num momento em que se privilegia o convívio, o envolvimento estético, a qualidade do atendimento e a tranquilidade são ajudas preciosas para que as crianças se sintam acolhidas, respeitadas e valorizadas.

É necessário pensar cuidadosamente a organização das refeições, apoiar os profissionais e encontrar formas de ir aferindo este tempo numa regulação eficaz, que contribua para que sejam um prazer partilhado por adultos e crianças. A qualidade e a variedade são garantias indispensáveis a um serviço de refeições.

O almoço será seguido de um tempo de brincadeira, maior ou menor, consoante a organização da rotina diária. Nesse tempo as crianças brincarão livremente, tendo por companheiros atentos e desafia dores de novas brincadeiras, não só os seus pares, mas também os profissionais que estiverem por elas responsáveis.

Deverá existir a possibilidade de algumas crianças repousarem sempre que necessitem e os pais julgarem conveniente.

### 3 – Animação Sócio – Educativa

A animação sócio – educativa surge como estratégia complementar do sistema educativo e da acção pedagógica e procura reforçar essencialmente o processo de socialização infantil e juvenil.

Talvez seja importante reter o conceito matricial de animação, o que no diz Breda Simões (a animação) só poderá ergue – se de uma relação que pressuponha da parte de animadores e animados \_ disponibilidade, compreensão, afectividade e comunicabilidade situadas».

As actividades de animação sócio – educativa têm como grande objectivo o fruir.

Nestas actividades é muito mais importante o grau de envolvimento e satisfação das crianças do que a existência de um produto. É mais importante o prazer de estar e conviver do que a preocupação com o desenvolvimento e aprendizagem.

Será a emergência do sentido e conteúdo curricular que permitirá distinguir e recriar actividades de animação sócio – educativa diferenciadas na dinâmica e conteúdo das actividades pedagógicas.

O tempo de animação sócio – educativa é mais solta e íntimo, menos estruturado, vocacionalmente mais aberto á informalidade, á ausência de sistematizada e á multiplicidade de respostas.

A mudança de espaço físico é muitíssimo importante. Se ficarem na sala em que levam a cabo as actividades curriculares quer as crianças, quer os adultos serão com muito mais facilidade levada a repetir tudo o que foi feito durante o dia \_ actividades, modo de estar. Mudar de espaço e materiais (Livros, jogos,

brinquedos e outros), permite aos profissionais e as crianças a estarem mais aptos a recriar uma outra dinâmica.

Para equipar este espaço não será necessário material muito sofisticado, mas tão só que favoreça a polivalência e a intimidade, afastando-se das características mais estruturadas da sala de jardim-de-infância. O espaço exterior terá de ser cuidado e, sempre que possível equipado com materiais que permitam a experiências diversificadas. No espaço interior, equipamento para convívio, um colchão para cambalhotas, materiais que permitam a recriação de espaços (pequenos biombos, cordas, panos coloridos, lençóis) livros, música, jogos sociais e tudo quanto favoreça o convívio e a informalidade.

## ANEXO V – Guião de entrevista realizada às educadoras

### - Guião da entrevista às Educadoras

<b>BLOCOS</b>	<b>OBJECTIVOS</b>	<b>ASSUNTOS A ABORDAR</b>
<p><i>A</i></p> <p>Legitimação da Entrevista</p>	<p><i>Legitimar a entrevista e motivar o entrevistado</i></p>	<p>1) Informar o entrevistado acerca do trabalho de pesquisa que se está a desenvolver: no âmbito do Mestrado em Administração e Gestão Educacional, sobre o Impacto Educativo da Organização e Gestão do Espaço Sala em J.I.</p> <p>2) Solicitar ao entrevistado a sua colaboração, explicando que a sua disponibilidade é uma mais valia para toda esta pesquisa.</p>
<p><i>B</i></p> <p>CARACTERIZAÇÃO DA EDUCADORA</p>	<p><i>Recolher dados Pessoais e Profissionais da Educadora</i></p>	<p>1) Questionar sobre os anos de serviço como Educadora;</p> <p>2) Questionar sobre os anos de serviço na Instituição.</p> <p>3) Qual a sala e/ou faixa estaria que serve no presente ano lectivo.</p> <p>4) Saber a opinião sobre a profissão de Educadora tendo em conta os anos de serviço que tem.</p>

<p style="text-align: center;">C</p> <p style="text-align: center;">CARACTERIZAÇÃO DO AMBIENTE EDUCATIVO</p>	<p style="text-align: center;"><i>Recolha de dados sobre o Espaço e o seu Impacto Educativo: Organização e Gestão do Espaço Sala</i></p>	<p>1) Pedir ao entrevistado que faça uma abordagem ao tema da organização do espaço sala, focalizando-se nos seguintes tópicos:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>a) A importância atribuída à organização do espaço sala;</li> <li>b) Quem especifica a sua organização estrutural;</li> <li>c) As razões dessa mesma organização;</li> <li>d) Espaços organizados da sala;</li> <li>e) Importância dada às rotinas diárias da sala;</li> <li>f) Que tipos de actividades são susceptíveis de ser desenvolvidas no espaço sala;</li> <li>g) Como são desenvolvidas essas actividades;</li> <li>h) Opinião sobre o espaço disponível na sala;</li> <li>i) Relação espaço sala e número de crianças.</li> </ul>
--	--	---

**ANEXO VI – Guião de entrevista realizada à Coordenadora Pedagógica**

- Guião da entrevista realizada à Coordenadora Pedagógica

<b>BLOCOS</b>	<b>OBJECTIVOS</b>	<b>ASSUNTOS A ABORDAR</b>
<p style="text-align: center;"><i>A</i></p> <p style="text-align: center;">Legitimação da Entrevista</p>	<p style="text-align: center;"><i>Legitimar a entrevista e motivar o entrevistado</i></p>	<p>1) Informar o entrevistado acerca do trabalho de pesquisa que se está a desenvolver: no âmbito do Mestrado em Administração e Gestão Educacional, sobre o Impacto Educativo da Organização e Gestão do Espaço Sala em J.I.</p> <p>2) Solicitar ao entrevistado a sua colaboração, explicando que a sua disponibilidade é uma mais valia para toda esta pesquisa.</p>
<p style="text-align: center;"><i>B</i></p> <p style="text-align: center;">CARACTERIZAÇÃO DA COORDENADORA PEDAGÓGICA</p>	<p style="text-align: center;"><i>Recolher dados Pessoais e Profissionais da Coordenadora Pedagógica</i></p>	<p>1) Questionar sobre os anos de serviço como Educadora e como Coordenadora;</p> <p>2) Questionar sobre os anos de serviço na Instituição;</p> <p>3) Saber a opinião sobre a profissão de Educadora tendo em conta os anos de serviço que tem e a experiência como Coordenadora Pedagógica.</p>

<p style="text-align: center;">C</p> <p style="text-align: center;">CARACTERIZAÇÃO DO AMBIENTE EDUCATIVO</p>	<p style="text-align: center;"><i>Recolha de dados sobre o Espaço e o seu Impacto Educativo: Organização e Gestão do Espaço Sala</i></p>	<p>1) Pedir ao entrevistado que faça uma abordagem ao tema da organização do espaço sala, focalizando-se nos seguintes tópicos:</p> <ol style="list-style-type: none"> <li>a. A importância atribuída à organização estrutural do espaço sala;</li> <li>b. Quem especifica a gestão e organização das salas;</li> <li>c. As razões dessa mesma organização;</li> <li>d. Espaços organizados nas salas e a legislação em vigor;</li> <li>e. Relação espaço sala e número de crianças.</li> </ol>
--	--	---

## ANEXO VII – Guião de entrevista realizada á Directora

- Guião da entrevista realizada à Directora da instituição

<b>BLOCOS</b>	<b>OBJECTIVOS</b>	<b>ASSUNTOS A ABORDAR</b>
<p style="text-align: center;">A</p> <p style="text-align: center;">Legitimação da Entrevista</p>	<p style="text-align: center;"><i>Legitimar a entrevista e motivar o entrevistado</i></p>	<p>1) Informar o entrevistado acerca do trabalho de pesquisa que se está a desenvolver: no âmbito do Mestrado em Administração e Gestão Educacional, sobre o Impacto Educativo da Organização e Gestão do Espaço Sala em J.I.</p> <p>2) Solicitar ao entrevistado a sua colaboração, explicando que a sua disponibilidade é uma mais valia para toda esta pesquisa.</p>
<p style="text-align: center;">B</p> <p style="text-align: center;">CARACTERIZAÇÃO DA DIRECTORA</p>	<p style="text-align: center;"><i>Recolher dados Pessoais e Profissionais da Educadora</i></p>	<p>1) Saber as funções desempenhadas na instituição, além do cargo que exerce;</p> <p>2) Questionar sobre os anos de serviço na Instituição como directora da mesma</p> <p>3) Saber a opinião sobre a evolução da instituição que gere;</p>
		<p>4) Pedir ao entrevistado que faça uma abordagem ao tema da organização do espaço sala, focalizando-se</p>

<p style="text-align: center;">C</p> <p style="text-align: center;">CARACTERIZAÇÃO DO AMBIENTE EDUCATIVO</p>	<p style="text-align: center;"><i>Recolha de dados sobre o Espaço e o seu Impacto Educativo: Organização e Gestão do Espaço Sala</i></p>	<p>nos seguintes tópicos:</p> <ol style="list-style-type: none"> <li>a. A importância atribuída à organização do espaço das salas;</li> <li>b. Quem especificou a organização estrutural das salas;</li> <li>c. Opinião sobre o espaço disponível nas salas;</li> <li>d. Relação espaço sala e número de crianças.</li> <li>e. Espaços organizados nas salas e a legislação em vigor.</li> </ol>
--	--	--

### ANEXO VIII – Entrevistas realizadas às educadoras

- Entrevista na sala dos Salta-pocinhas (3 anos) – 23-10-2008, às 16 horas.

**Objectivos Gerais:**

- Consciencializar para a importância da gestão e organização do espaço, sala, como condicionante do ambiente de aprendizagem;
- Perceber que critérios poderão servir de apoio à gestão e organização do espaço, numa sala de J.I;
- Relacionar a gestão e organização do espaço com a qualidade em educação.

**Objectivos Específicos:**

Numa tentativa de encontrar algumas linhas orientadoras surgem outros objectivos nesta minha investigação, e são eles:

1. Relacionar a organização de um determinado espaço tendo em conta os recursos e equipamentos existentes;
2. Caracterizar experiências educativas que são proporcionadas às crianças, em função do espaço existente;
3. Enumerar alguns aspectos que caracterizam uma determinada organização.

A – Legitimação da entrevista;

No âmbito do Mestrado em Administração e Gestão Educacional, estou a realizar um estudo, cujo tema é, O Impacto Educativo: a Organização e Gestão do Espaço Sala em Educação Infantil

Gostaria de pedir a sua colaboração para a realização desta entrevista, que é imprescindível, pois visa a recolha de dados pertinentes.

Tendo em conta os objectivos deste estudo, espero que responda a todas as questões de uma forma clara e precisa.

Agradeço, desde já, a sua colaboração, garantindo a confidencialidade dos dados recolhidos.

Obrigado

#### B – Caracterização da Educadora:

**1) Quantos anos de serviço tens como educadora?**

Tenho 14 anos de serviço.

**2) E quanto tens ao serviço desta instituição?**

Tenho 4.

**3) Qual é que é a sala, faixa etária que tens este ano?**

Os 3 anos.

**4) Qual é que é a tua opinião sobre a profissão, tendo em conta os anos de serviço que tu tens?**

Tem vindo a piorar, no início tinha muitas expectativas, porque achava que poderia..., ajudar no desenvolvimento das crianças, ... hoje em dia, acho que ajuda, mas depois tenho os pais, que do outro lado estão a desajudar.

#### C – Caracterização do ambiente Educativo:

1.

**a) Qual é a importância que tu atribuis à organização do espaço sala?**

Muita, é muito importante, mas depois também tem a ver com as idades, acho que é um factor de qualidade, o espaço, pois se a criança tem uma sala pequenina não tem espaço para se poder desenvolver, não poderá ter os

cantinhos que eu acho que são essenciais para o desenvolvimento global da criança.

**b) Quem é que especifica a organização estrutural da sala?**

A organização estrutural é a educadora, o mobiliário, a direcção, pronto, mas depois nós temos também o à vontade para disponibilizar mais uma mesa, menos uma mesa.

**c) E as razões dessa organização?**

Mas, isso depois tem a ver com o trabalho que tu possas, ou queiras fazer com o grupo, e também tem a ver com o espaço físico da sala, se consegues, ou não, por isso, mas normalmente se a instituição permitir a educadora organiza o seu espaço consoante o seu grupo e idade.

**d) E que espaços é que tens, este ano?**

Tenho o da casinha, o espaço da garagem, o espaço dos livros, das histórias, os espaços dos jogos, o espaço do trabalho, ... ah, e o das bonecas.

**e) Qual é que é a importância que tu dás às rotinas diárias?**

Dou muita importância, principalmente, dar segurança à criança, principalmente nesta idade pequenininha, não é, eles gostam de ter tudo certo e saberem que a seguir a isto vão fazer algo.

**f) Que outras actividades, além daquelas que tu desenvolves, nessas áreas ou cantinhos que tu mencionaste, que outras actividades tu fazes naquele espaço que está mais disponível?**

A expressão dramática, por exemplo, as histórias, a dramatização das histórias, que possivelmente são contadas através dos livros, danças de roda, jogos em roda. Sei lá, podemos falar na música, com o professor de música... ah, às vezes faço, para além da ginástica, faço outras actividades físicas dentro da sala, ah, expressão plástica.

**g) E desenvolves isso com o grupo todo, em pequenos grupos...?**

Às vezes faço no grupo todo, pronto, quando é danças de roda, mesmo actividades, trabalhos organizados, mas que o lançamento é feito em roda, ou que para todos eles seja importante presenciarem isso, faço no grande grupo. Depois há outros que é em pequenos grupos, por exemplo, as dramatizações às vezes, não é possível por os miúdos todos a fazer, uns ficam a ver como espectadores e outros participam, e depois trocam, ou naquele dia, ou consoante a disponibilidade.

**h) Qual é que é a tua opinião sobre o espaço que tens disponível na tua sala?**

É assim eu acho que o espaço até é bom, o grupo em si é grande, por causa da faixa etária, tenho 24.

**i) Relaciona isso com o número de crianças que tu tens na sala?**

É grande e nós notámos diferença quando existe menos 2 ou 3 elementos, nota-se logo a diferença. Em termos da sala eu acho que não é um grupo muito grande, para o tamanho da sala que tenho, a única coisa que eu acho, mas secalhar já é pedir muito, era haver um dormitório, percebes? Para fazer a sesta. Pronto a sala, sim senhora, a sala nós organizamos consoante os nossos cantinhos e o trabalho que podemos proporcionar, mas depois haver outro espaço extra, em que houvesse um dormitório, pronto em que não fosse necessário andar sempre a levantar e pró camas, eu acho que isso era importante, mas pronto, não se pode pedir muito, porque as salas até são amplas e a nível de m2 está de acordo com o número de crianças

**- Entrevista na sala das Formiguinhas (3 anos) – 24-10-2008, às 13 horas**

A – Legitimação da entrevista:

No âmbito do Mestrado em Administração e Gestão Educacional, estou a realizar um estudo, cujo tema é, O Impacto Educativo: a Organização e Gestão do Espaço Sala em Educação Infantil

Gostaria de pedir a sua colaboração para a realização desta entrevista, que é imprescindível, pois visa a recolha de dados pertinentes.

Tendo em conta os objectivos deste estudo, espero que responda a todas as questões de uma forma clara e precisa.

Agradeço, desde já, a sua colaboração, garantindo a confidencialidade dos dados recolhidos.

Obrigado

B – Caracterização da Educadora:

**1) Quantos anos de serviço tens como educadora?**

Neste momento tenho 7 anos de serviço.

**2) E os anos de serviço nesta instituição?**

Nesta instituição, este é o 5º ano de serviço.

**3) A faixa etária que tens este ano lectivo?**

Estou com os 3 anos.

**4) Qual a tua opinião sobre a profissão?**

Quando nós saímos é muita teoria e muita ilusão de que tudo é perfeito e depois deparamo-nos que cada dia temos uma evolução, tanto como pessoas, como profissionais e que temos de estar sempre atentos às novas mudanças. O que quer dizer que a profissão de educadora não é estacionária é uma constante evolução e acompanhamento das crianças que a nós nos aparecem.

C – Caracterização do ambiente Educativo:

1.

**a) Qual a importância que tu atribuis à organização do espaço na sala?**

O espaço tem de ser algo que cativa, que ensine, que desenvolva e que também fascine um pouco as crianças, se for num espaço que não se forem criadas, espaços...ah, concretos, definitivos, em que não há alteração, cansa. Esgota a parte da curiosidade por parte do grupo. Convêm ser organizado em pequenos pontos ou em grandes.

**b) És tu que costumavas fazer essa alteração, que organizas a parte estrutural da sala?**

Costumo fazer essa alteração, sou eu que digo as áreas, chamadas cantinhos, a alterar, modificar, consoante o que estamos a prender, consoante o projecto, consoante a necessidade do grupo. É uma constante alteração para, lá está, usufruir do espaço.

**c) Então essas são as razões dessa organização que tu fazes na sala?**

Exactamente, se estamos a estudar um tema que podemos utilizar e criar um novo espaço na sala, então vamos fazê-lo.

**d) E que espaços criaste tu na sala, este ano com o grupo?**

Este ano criei um bocadinho os espaços existentes, devido à sala ser nova, o espaço era novo para os meninos e... temos aquilo que realmente cá existia, no entanto, tentamos alterar de 8 em 8 dias, ou de 15 em 15 dias, depende, mas estamos à espera de introduzir espaços novos, por exemplo, hospital, veterinário, mercearia, todas essas coisinhas, consoante a necessidade do projecto.

**e) Que importância é que dás às rotinas na sala, achas que é importante haver rotinas na sala?**

É assim, o espaço para mim é livre, quer dizer que os meninos usufruem de todo o espaço, consoante as regras desse espaço, consoante aquilo que se quer ensinar nesse espaço e fazer com que elas aprendam. Quer dizer que todos os cantinhos são feitos, ou as áreas, ou... as partes, como se quiser chamar, são divididos e eles sabem como gerir e funcionar naquele lugar, no entanto, quando alguma coisa corre de errado, não são os meninos que erraram, mas foi o espaço que ficou de castigo, a ideia é contrária daquilo que achamos, porque o cantinho não funciona.

**f) Que tipo de actividades desenvolves nesse tal espaço livre, que tipo de coisas?**

Todas as coisas que posso imaginar, pronto, este ano já fizemos a história da cabra Cabrês e da formiguinha Rabica, pronto, ah! Já fomos ao restaurante, já estivemos sentados na biblioteca a perceber o que é ter um livro, o que é uma biblioteca, como é que funciona, o que é que os meninos podem lá fazer, as descobertas, é um espaço utilizado, exactamente, é isso, para complementar toda a parte de trabalho na sala.

**g) E essas actividades são desenvolvidas, em grupo, em pequenos grupos, individualmente?**

Tem essas três variantes, quando nós fazemos um teatro, ou uma dramatização, ou um festival da canção, claro que temos de ter as duas partes, quem observa e quem faz a prática, é rotativo, ou então, temos em pequenos grupos quando surge uma oportunidade para ensinar qualquer coisa nesse determinado espaço. Como por exemplo, em casa, o que é que a mãe faz na cozinha? Então vá, eu hoje vou fazer de Margarida, e tu vais fazer o pai, a mãe, então é isso que nós trabalhamos, só queria acrescentar, este ano da parte da tarde, para quem não conhece a instituição, habitualmente os meninos estão sentados, na rua, ou vêm para a sala e estão sentados, habitualmente a brincar num cantinho, essas actividade faz-se na sala, mas em que o adulto participa nesse cantinho, vai ser um dos objectivos da sala este ano, é que os meninos não brincam na casinha da parte da tarde atirando tudo para o chão, mas a aprender, o fazer a papinha, vão lavar a loiça, vão colocar a comida na mesa, pronto, ensinar a brincar, ou brincar com eles, no entanto, faz-se assim, mas é se eu fizer, eles vão por cópia, imitação, vão acabar por saber brincar e já se tem visto, de manhã na casinha era um sítio onde as coisas habitualmente estavam no chão, pronto, despeja-se tudo para o chão, e pronto, está a brincadeira feita, nesta altura, vê-se, eles vão fazer comer, sentam-se na mesa, já se servem, e acabam por nos imitar, eu sou a Paula e outra é a Elsa.

**h) Qual a tua opinião acerca do espaço que tens disponível?**

É assim, é razoável, claro que o meu ideal era ter um espaço enorme, ou secalhar um pouco maior, digamos, sei lá, mais 2 metros, de maneira a que a sala ficasse... se fosse um grupo mais pequeno.

**i) Achas pequena em relação a este grupo?**

Acho, o ideal para esta sala seria 18/20 crianças no máximo, e tenho 24, quer dizer que aqueles metrinhos que nos faltam, era uma forma de poder explorar, por exemplo, a área da pintura, super importante nestas idades e que não se pode usar, por ter de ter sempre o espaço limitado, porque pode sujar, o espaço do jogo que é limitado, e que é algo que eles podem procurar, e só tenho 3 cadeiras, ah, pronto, podia aproveitar muito mais.

Obrigado pela colaboração.

**- Entrevista na sala do Balão Mágico (4 anos) – 22-10-2008, às 13 horas**

A – Legitimação da entrevista;

No âmbito do Mestrado em Administração e Gestão Educacional, estou a realizar um estudo, cujo tema é, O Impacto Educativo: a Organização e Gestão do Espaço Sala em Educação Infantil

Gostaria de pedir a sua colaboração para a realização desta entrevista, que é imprescindível, pois visa a recolha de dados pertinentes.

Tendo em conta os objectivos deste estudo, espero que responda a todas as questões de uma forma clara e precisa.

Agradeço, desde já, a sua colaboração, garantindo a confidencialidade dos dados recolhidos.

Obrigado

B – Caracterização da Educadora:

**1) Quantos anos de serviço, tens como educadora?**

Tenho 17 anos.

**2) E ao serviço da instituição?**

Tenho 19 anos, aqui.

**3) Qual é que é a faixa etária que estás no presente ano lectivo?**

Os 4 anos.

**4) Qual é que é a tua opinião sobre estes anos como educadora, da tua profissão?**

Em relação aos meninos? Em relação aos pais? Perspectiva geral, em relação às crianças, cada vez têm menos regras, ah cada vez, obedecem menos à figura do adulto....e pais também não incutem isso, mas que nós dizemos, ensinamos umas coisas, mas depois em casa é o inverso, ah, e torna-se às vezes um trabalho ingrato em virtude disso, a gente faz aqui um trabalho, todo muito certinho, de regras, com objectivos e depois em casa é tudo ao contrário, e torna-se um bocado ingrato nisso, mas à parte disso continuo a gostar de ser educadora.

C – Caracterização do ambiente Educativo:

1.

**a) Qual é a importância que tu dás à organização do espaço da sala?**

A importância?... Penso que o espaço tem que ser organizado para eles também se orientarem, se têm 4 anos e ao terem os 4 anos também já têm de ter uma orientação, não podem misturar os carros com as coisas da casinha, os jogos não podem ir para o chão, ah, os desenhos têm de ser feitos num sítio onde esteja luz, com bastante luz, ... tudo em virtude da sua função.

**b) E quem é que especifica essa organização?**

Sou sempre eu, quase sempre, sou eu, ah... tendo em conta já o grupo, primeiro no início do ano, ponho a sala de uma maneira, depois consoante vai correndo o ano lectivo, por vezes vamos mudando, mas quase sempre eu faço a organização da sala.

**c) E as razões dessa organização?**

É..., tem a ver com as necessidades, a parte dos trabalhos de mesa tem sempre em conta o estar próximo das janelas, para ter bastante luz, e as outras de brincadeira estar longe das actividades de mesa para não fazer, tanto..., os outros não se perturbarem tanto, quando estão a fazer trabalhos de concentração. A organização influi na qualidade da aprendizagem das crianças.

**d) Os espaços organizados que tens na sala?**

Ah, tenho a casinha das bonecas tenho a garagem, tenho o cantinho dos jogos, tenho o cantinho da leitura, tenho o cantinho da pintura, e tenho o trabalho de mesa.

**e) Qual é que é a importância que dás às rotinas diárias da sala?**

Tenho rotinas que são diárias, pronto, a importância é que faz parte da rotina que a criança vai incutir no seu dia-a-dia, no futuro tem que ter rotinas, para elas já irem com isso, mas por vezes também fugimos um bocadinho às rotinas, também acho que é bom, eles fugirem um bocadinho. Dão estabilidade, sim, principalmente, àquelas crianças que são muito mais activas, se fugimos muito à regra eles ficam, muito destabilizados, ficam excitadíssimos, e então por vezes, é mesmo bom seguir à regra as rotinas, senão eles desorientam-se.

**f) Que tipos de actividades é que tu desenvolves no espaço além daquelas que nós já sabemos que são desenvolvidas?**

No caso dos 4 anos, jogos de exploração do corpo, jogos com regras, jogos com música, basicamente fora isso, é o que fazemos na sala.

**g) E essas actividades desenvolvidas, são com o grupo todo, individualmente, em pequenos grupos...?**

São em pequenos grupos, vamos fazendo pequenos grupos e os outros vão assistir e vamos rodando sempre, os outros sentam-se numa de observador. Faz mais sentido assim, senão não aproveitamos, metes o grupo todo a funcionar, só se for assim uma actividade de dança, ou assim depois não consegues controlar o grupo.

**h) Qual é que é a tua opinião sobre o espaço disponível na sala?**

Acho que a sala é bastante grande para o número de crianças.

**i) E em relação ao número de crianças, espaço, relação número de crianças?**

Tenho 25 e acho que o espaço para a idade, faixa etária está adequado.

Obrigado pela colaboração.

**- Entrevista na sala dos Cenourinhas (4 anos) – 27-10-2008, às 16 horas**

A – Legitimação da entrevista:

No âmbito do Mestrado em Administração e Gestão Educacional, estou a realizar um estudo, cujo tema é, O Impacto Educativo: a Organização e Gestão do Espaço Sala em Educação Infantil

Gostaria de pedir a sua colaboração para a realização desta entrevista, que é imprescindível, pois visa a recolha de dados pertinentes.

Tendo em conta os objectivos deste estudo, espero que responda a todas as questões de uma forma clara e precisa.

Agradeço, desde já, a sua colaboração, garantindo a confidencialidade dos dados recolhidos.

Obrigado

B – Caracterização da Educadora:

**1) Quantos anos tens de serviço como educadora?**

4 anos, completos neste momento.

**2) E nesta instituição?**

Estou a iniciar o 5º ano. Comecei aqui, e ainda continuo.

**3) Qual a faixa etária que estás neste presente ano lectivo?**

Estou nos 4 anos.

**4) Qual é que é a tua opinião sobre a profissão de educadora?**

A meu ver, eu acho que nós somos a base da criança, porque...pelo menos é a ideia que tenho, é que elas sem nós não têm bases no 1º ciclo, convêm terem pelo menos noções de certas e determinadas coisas, não só ao nível intelectual, cognitivo, é importante.

## C – Caracterização do ambiente Educativo:

1.

### **a) Qual é que é a importância que tu dás à organização do teu espaço na salas?**

Dou uma importância muito grande, porque elas têm que se orientar e saber, deslocar-se dentro do espaço que têm, é muito importante, a sala estar organizada, sem dúvida.

### **b) E quem é que especifica a organização?**

Sou eu que especifico, sou eu que separo as áreas da brincadeira das áreas de trabalho.

### **c) Então e quais são as razões dessa mesma organização?**

As razões têm a ver com aquilo que eu pretendo fazer com o grupo.

### **d) E os espaços que tens organizados na sala?**

Tenho a sala dividida em duas partes, a parte da brincadeira e a parte do trabalho, as mesas funcionam onde eu faço fichas, onde ponho em prática aquilo que planeei, depois tem as áreas da brincadeira, a casinha, a mercearia, o cabeleireiro, ah a biblioteca, a garagem, depois tenho as caixas dos jogos que quando as crianças são mais ponho os jogos no meio da sala. As áreas, algumas já existiam na instituição, outras fui eu que criei, o exemplo do cabeleireiro, a aproveitei... porque na altura tinha, e continuo a ter, muitas crianças, e não podiam estar muitas dentro dos mesmos espaço, então optei por criar mais uma, e como elas são muitas meninas e acham, pronto, e é engraçado elas andarem com os penteados e achei giro. Tem o espelho e eu acho que o espelho é importante na sala, penso isso.

### **e) Que importância atribuis às rotinas diárias da sala?**

Muita, pois é importante que as crianças mantenham rotinas para se habituarem a ter responsabilidades. É importante saberem que tudo na vida tem uma ordem e isso começa na escola, onde aprendem a ter momentos para aprender, para experimentar, para brincar. Tudo tem uma razão de acontecer, e é importante que elas interiorizem essas rotinas de maneira a cumprir rotinas do melhor que o dia tem para lhes dar.

**f) Que tipo de actividades desenvolves na sala, ou seja além das habituais, daquelas que já estão contempladas no espaço?**

De vez em quando faço um jogo, mais didáctico que dê para funcionar com o grupo todo em conjunto, em que eles possam participar por equipas ou sozinhos... materiais que tenho e que vou utilizando consoante os temas que se vão dando.

**g) E essas actividades que desenvolves, são sempre com o grupo, ou às vezes são também individuais?**

Normalmente essas actividades são sempre com o grupo, essas actividades são sempre com o grupo todo, raras excepções são individuais.

**h) A tua opinião sobre o espaço que tens disponível na sala?**

Hum... (Pausa) É pouco, não chega, o espaço é pouco, tem a ver com o número de crianças na sala.

**i) Mas isso tem a ver com o número de crianças que tens na sala?**

Sim, tem, eu tenho... tenho 26 crianças, e é assim elas ocupam espaço e eu acho que elas não têm o espaço suficiente para brincar, porque nem é só para brincar, eu sou da opinião que elas deviam estar, quando estão todos sentados, a fazer um trabalho, deviam estar todos, e isso não acontece, não temos equipamentos para estarem todos sentados ao mesmo tempo. E depois o que acontece é que aqueles que estão a trabalhar e tentam sempre, ah fazer mais rápido, pois querem ir também brincar, acabam por se distrair.

Obrigado pela colaboração.

**- Entrevista na sala dos Pestinhas (5 anos) – 23-10-2008, às 13 horas**

A – Legitimação da entrevista:

No âmbito do Mestrado em Administração e Gestão Educacional, estou a realizar um estudo, cujo tema é, O Impacto Educativo: a Organização e Gestão do Espaço Sala em Educação Infantil

Gostaria de pedir a sua colaboração para a realização desta entrevista, que é imprescindível, pois visa a recolha de dados pertinentes.

Tendo em conta os objectivos deste estudo, espero que responda a todas as questões de uma forma clara e precisa.

Agradeço, desde já, a sua colaboração, garantindo a confidencialidade dos dados recolhidos.

Obrigado

B – Caracterização da Educadora:

**1) Quantos anos de serviço tu tens como educadora?**

Tenho 17 anos

**2) E na instituição?**

Estou nesta instituição desde que acabei o curso, tenho também 17 anos.

**3) Qual é a faixa etária que tens este ano?**

Estou com os 5 anos.

**4) Qual é que é a tua opinião sobre a profissão?**

Ah, eu penso que tem evoluído, a mentalidade das pessoas ao longo destes anos todos, têm evoluído e a opinião que têm sobre nós tem sido diferente, ao principio consideravam-nos tipo amas, e tipo que quem toma conta de crianças, só depósito, agora já não, já nos consideram um bocadinho melhor, já pensam que nós temos uma profissão importante, e que ... fazemos um bom trabalho com os miúdos.

## C – Caracterização do ambiente Educativo:

1.

### **a) Qual é que é a importância que tu atribuis à organização do espaço que tu tens disponível na sala?**

Eu penso que é importante, é assim, tem de haver espaço para eles brincarem, não é, tem de ter um espaço livre para eles circularem e possam andar sem tropeçar nas coisas, depois ah, tenho vários espaços organizados, de maneira a que eles possam estar a brincar sem se atrapalharem uns aos outros, sem estarem em cima uns dos outros, tem que estar tudo numa disposição de tal maneira, que o trabalho seja feito de qualidade.

### **b) E quem é que especifica a organização?**

A organização é feita por mim, as educadoras, ... cada uma faz a sua, neste caso, faço a minha organização.

### **c) E essa organização tens em conta o quê? Isso que já disseste?**

Sim, eu tenho pôr de maneira a que eles possam estar sem se misturarem uns com os outros, é um bocadinho difícil, mas pronto, mas tem de haver uma disposição de maneira a que haja um sítio específico de cada coisa, por exemplo, a casinha das bonecas tem de estar de maneira a que eles possam estar ali, sem estarem a atrapalhar os meninos que estão a fazer jogos, a brincar na garagem, a ler um livro, pronto tem de haver uma disposição, assim mais elaborada.

### **d) Ou seja que espaços tens na sala?**

Tenho a casinha, tenho a garagem, tenho o espaço da leitura, os livros, temos um cantinho para aos jogos, um cantinho para a plasticina, um cantinho para pintura, desenho, um espaço do computador.

### **e) Qual é que é a importância que tu dás às rotinas diárias da sala?**

Tenho rotinas na sala que são importantes, acho que é assim, porque chega uma certa altura que eles têm que ter aqueles... começa rotina que a gente lhes impõe, eles conseguem, eles próprios, já fazer as coisas de tal maneira a que sejam independentes, a que consigam saber que aquilo é a hora de andar a correr e a saltar, e conseguem perceber que naquela hora têm de estar sossegados ou a fazer algo que a gente lhes atribui nessa rotina. Ajuda na qualidade do nosso trabalho e da aprendizagem.

**f) Que actividades é que tu desenvolves no espaço além daquelas que, tendo em conta as áreas, outras actividades que desenvolves no espaço?**

É assim, nós costumamos cantar, fazer umas canções, uns jogos, costumamos fazer uns teatrinhos, assim umas coisas simples, ah, costumamos conversas, isso já fazemos normalmente, sei lá..., ah, aproveito para, por exemplo, fazer jogos em grupo, não costumamos fazer muito mas...

**g) E essas actividades que desenvolves, são sempre feitas com o grupo todo, em pequenos grupos?**

Faço sempre em grupo, às vezes tenho pequenos grupos que quando quero trabalhar algo mais individual, mais concreto, umas fichas ou outras coisas, eu trabalho assim, em pequenos grupos, mas normalmente fazemos em grande grupo, mas assim actividades para todos, quando quero que as coisas sejam assim, mais individuais, tipo fichas, uma aprendizagem mais individual, tenho de fazer em pequenos grupos, ou individualmente, mesmo.

**h) Qual é a tua opinião sobre o espaço que tens disponível na sala?**

Eu penso que o espaço está óptimo, as salas são grandes, os miúdos também, este ano, estão razoáveis, são 25 crianças...

**i) Pois eu ia-te perguntar a relação que tu achas do espaço sala e o número de crianças?**

Este ano está adequado, são 25... eu tenho tido sempre muitas, muito mais crianças e menos espaço, pois as outras salas são mais pequenas, mais crianças e menos espaço. Este ano não, está bom, a sala aguenta 25 crianças, os espaços estão divididos de maneira a que as 25 crianças sejam divididas por esses espaços da sala e que consigam trabalhar e estar a brincar sem se estar a atrapalhar uns aos outros, pronto, quando é salas mais pequenas e mais crianças é muito complicado. Antes em termos de espaço, é assim, nós sempre tivemos espaço lá em baixo a outra escola, a parte antiga, também tem muito espaço e as salas eram muito grandes, maiores que estas, embora a gente tivesse algumas salas divididas, tínhamos menos crianças, percebes, portanto tínhamos 17/18 crianças, enquanto que aquelas salas comportavam para aí uns 30 miúdos, mas a gente dividíamos, por exemplo, 15 de um lado e 15 do outro, e as coisas funcionavam normalmente. Em relação ao espaço, quer dizer, esta escola é mais moderna, o material é diferente, ah, tem mais luz. Evoluiu positivamente, o recreio e tudo. É assim, o que a gente fazia a

nível de educação, as coisas mantêm-se, não é, mas a nível motor, a nível de espaço de recreio, é 5 estrelas.

Obrigado pela colaboração.

## **ANEXO IX – Entrevista realizada à Coordenadora Pedagógica**

- Entrevista à Coordenadora Pedagógica – 28-10-2008, às 17 horas.

### **Objectivos Gerais:**

- Consciencializar para a importância da gestão e organização do espaço, sala, como condicionante do ambiente de aprendizagem;
- Perceber que critérios poderão servir de apoio à gestão e organização do espaço, numa sala de J.I;
- Relacionar a gestão e organização do espaço com a qualidade em educação.

### **Objectivos Específicos:**

Numa tentativa de encontrar algumas linhas orientadoras surgem outros objectivos nesta minha investigação, e são eles:

- 1 .Relacionar a organização de um determinado espaço tendo em conta os recursos e equipamentos existentes;
- 2 Caracterizar experiências educativas que são proporcionadas às crianças, em função do espaço existente;
- 3 Enumerar alguns aspectos que caracterizam uma determinada organização.

A – Legitimação da entrevista:

No âmbito do Mestrado em Administração e Gestão Educacional, estou a realizar um estudo, cujo tema é, O Impacto Educativo: a Organização e Gestão do Espaço Sala em Educação Infantil

Gostaria de pedir a sua colaboração para a realização desta entrevista, que é imprescindível, pois visa a recolha de dados pertinentes.

Tendo em conta os objectivos deste estudo, espero que responda a todas as questões de uma forma clara e precisa.

Agradeço, desde já, a sua colaboração, garantindo a confidencialidade dos dados recolhidos.

Obrigado

B – Caracterização da Coordenadora Pedagógica:

**1) Quantos anos de serviço tem, como educadora e como coordenadora?**

Ora como educadora 20 anos, como coordenadora 8 anos.

**2) E ao serviço da instituição?**

27anos ao serviço desta instituição, porque...ah, eu pronto tive durante 6 meses a trabalhar noutra instituição, ao todo tenho 28 anos de serviço.

**3) Qual é que é a sua opinião sobre a profissão de educadora, tendo em conta os anos de serviço que tem? E agora a sua função de coordenadora?**

Claro que as coisas evoluem, há 20 anos atrás, não era nada como agora, e ainda bem que as coisas evoluem e para bem, ah... pronto, quando eu vim para aqui trabalhar, claro que era um espaço muito mais pequeno do que é agora, e não trabalhávamos em equipa, como trabalhamos agora, nem pensar, quando éramos só 3, não é, pronto, e quando mudámos para ali, para aquele espaço, ali em baixo, portanto à 20 anos, há 21 anos, ali para aquele espaço, agora claro, que eu acho que agora as coisas estão muito melhores e evoluíram de uma maneira positiva e claro que agora trabalha-se em equipa, é uma experiência diferente de

educadora, não tem nada a ver, o trabalho é diferente e é gratificante, mas não é descanso, é mais dor de cabeça.

### C – Caracterização do ambiente Educativo:

1.

**a) Qual é que é a importância que atribui, ou atribuiu, à organização estrutural do espaço das salas, quando isto foi ampliado, as salas novas, fez parte dessa organização, da opinião sobre como é que seria o material e de como é que seriam salas?**

O material para as salas foi em função da faixa etária, pronto..., para os 3 anos pensei, em conjunto com a direcção, comprar um determinado material mobiliário, embora o material seja todo igual, para as salas todas, pronto, os 3 anos têm um tipo de mobiliário e os 4 e 5 anos, têm outro, específico para a faixa etária.

**b) Ou seja fez parte dessa gestão e organização das salas, juntamente com a direcção?**

Sim fiz parte da gestão e organização do mobiliário das salas quando se construiu a parte nova. A direcção pediu uma opinião e eu claro que dei.

**c) As razões dessa organização?**

Tivemos em conta a faixa etária das crianças, exactamente, e o espaço das respectivas salas.

**d) Os espaços organizados nas salas e a legislação em vigor, ou seja nessa organização tiveram em conta a legislação... o mobiliário, obedece a normas da legislação?**

O mobiliário penso que não tem legislação, não é...mas, pronto foi comprado e adquirido a pensar, realmente no tamanho das salas e na faixa etária que têm.

**e) As salas acha que foram bem construídas, tem um espaço bom, luminosidade..., esses aspectos?**

Nem todas as salas têm os mesmos tamanhos, as 6 salas têm tamanhos diferentes, embora andem todas na casa dos 50 m<sup>2</sup>, portanto, algumas tem mais, umas têm 52m<sup>2</sup>, aquelas duas, as maiores têm 56 m<sup>2</sup>, e as outras 2 54m<sup>2</sup>, agora a nível de espaço luminosidade, acho que todas são realmente bem construídas.

**f) E a relação do espaço número de crianças?**

Isso é que obedeceu realmente à legislação, espaço em função do número de crianças, tivemos em conta a legislação.

Obrigado pela colaboração.

## **ANEXO X – Entrevista realizada à Directora**

- Entrevista à Directora – 28-10-2008, às 10 horas.

### **Objectivos Gerais:**

- Consciencializar para a importância da gestão e organização do espaço, sala, como condicionante do ambiente de aprendizagem;
- Perceber que critérios poderão servir de apoio à gestão e organização do espaço, numa sala de J.I;
- Relacionar a gestão e organização do espaço com a qualidade em educação.

### **Objectivos Específicos:**

Numa tentativa de encontrar algumas linhas orientadoras surgem outros objectivos nesta minha investigação, e são eles:

- 1 .Relacionar a organização de um determinado espaço tendo em conta os recursos e equipamentos existentes;
- 2 Caracterizar experiências educativas que são proporcionadas às crianças, em função do espaço existente;
- 3 Enumerar alguns aspectos que caracterizam uma determinada organização.

A – Legitimação da entrevista:

No âmbito do Mestrado em Administração e Gestão Educacional, estou a realizar um estudo, cujo tema é, O Impacto Educativo: a Organização e Gestão do Espaço Sala em Educação Infantil

Gostaria de pedir a sua colaboração para a realização desta entrevista, que é imprescindível, pois visa a recolha de dados pertinentes.

Tendo em conta os objectivos deste estudo, espero que responda a todas as questões de uma forma clara e precisa.

Agradeço, desde já, a sua colaboração, garantindo a confidencialidade dos dados recolhidos.

Obrigado

B – Caracterização da Directora:

**1) Quais são as funções que desempenha, além do cargo que exerce como directora?**

Como a Marta sabe eu faço todo o tipo de funções, mas a minha designação na segurança social, além do cargo de directora, é como chefe de compras.

**2) Os anos de serviço na instituição como directora?**

Desde sempre, são 33 anos.

**3) Qual é que é a sua opinião sobre a evolução disto tudo?**

A minha opinião é boa, só pode ser, nós construímos aquele edificio daquele lado, ah, depois conseguimos este terreno deste lado, como sabe, fizemos um projecto dentro das nossas possibilidades, dentro daquilo que nós queríamos, construímos esta casa, que eu acho que está maravilhosa, tem salas dentro daquilo que nós ambicionávamos, tem a metragem normal para cada criança, que são 2m2 por cada criança, são salas, mais ou menos dentro disso. Ao inicio começámos num espaço pequenino, que era naquela moradia que tinha salas muito pequeninas, só tínhamos 40 crianças, praticamente estávamos numa sala, às vezes dividia-se em duas, consoante... que aquilo ara uma casa de habitação, eram quartos e dentro dos quartos a gente fazia, só havia uma maior que era a sala, e a cozinha

era uma cozinha, pronto, era uma casa de habitação, e você sabe, o que é uma casa de habitação, tem uma sala maior e 2 quartos, e portanto limitámos, só ter ali 40 crianças que era o que podíamos ter. Quando fizemos aquela já fomos até aos 70, já era uma casa feita de raiz, também com 2m2 por criança, pronto, já tinha outros espaço suficientes, pronto já fomos aos 70, depois quando fizemos esta, deste lado, já foi a pensar nas necessidades.

### C – Caracterização do ambiente Educativo:

1.

#### **a) Ou seja já tiveram mais em conta a organização do espaço, das salas...?**

Tivemos mais em conta a organização do espaço, até já naquela daquele lado, também já foi porque é assim, as salas tem uma média de 50 m2 e estava previsto mais ou menos 25 crianças por cada uma, nem aprovavam sem ter os 2m2 por criança. Já foi aprovado, lá no Ministério da Educação consoante o que tinha de ser. Como a deste lado é a mesma coisa, eu acho que temos salas suficientes.

#### **b) Quando foi elaborado o projecto tiveram em conta isso mesmo, o espaço, os m2...?**

Nós dissemos o que queríamos, veio cá o projectista, nós dissemos o que queríamos x de salas, trocámos impressões com ele, queremos x de salas com este tamanho assim, assim, depois ele é que fez o esboço para a gente ver o que estava, e concordámos e estamos satisfeitos com aquilo que a gente tem.

#### **C) E a sua opinião sobre o espaço que têm disponível?**

Pronto, eu gosto do que nós cá temos, temos espaços suficientes e gosto porque foi feito ao nosso gosto, além do mais é funcional.

#### **d) Então acha que o espaço que têm, em relação ao número de crianças, está adequado?**

Eu julgo que está adequado, eu julgo que sim, nem nos aprovavam o projecto.

#### **e) Os espaços têm em conta a legislação em vigor?**

Nesta casa está tudo de acordo com as exigências do Ministério da Segurança Social.

Obrigado pela Colaboração.

## ANEXO XI – Ficha nº 1 – Observação da Organização do espaço sala

### 11 - Ficha Nº 1 – Observação da Organização do Espaço Sala

Tendo em conta os trabalhos realizados por Estrela, A. (1990) e Esteves, M. (2002) passo a descrever os itens que especifiquei:

- 1- Nome do J.I.;
- 2- Identificação da sala;
- 3- Organização da zona/área:
  - 3.1- *Localização*, indica-nos a zona/área considerada, relativamente às outras zonas/áreas organizadas, tendo em conta a cor que está identificada na planta da sala;
  - 3.2- *Identificação da zona/área* existente na sala, ou seja, identificar qual a área/zona que essa sala contempla;
  - 3.3- Recursos:
    - 3.3.1 – Físicos existentes na sala, abrange o mobiliário existente (ex: mesas, cadeiras, quadro, etc.);
    - 3.3.2 – Materiais abrange todo o tipo de materiais que servem para o uso e/ou consumo (ex: cestos, caixotes, etc.);
    - 3.3.3 – Painéis, indicar se existe, ou não, algum local propício à colocação de trabalhos elaborados pelas crianças;
    - 3.3.4 – Materiais de uso e consumo, designam-se por todos os tipos de recursos destinados ao diário por parte das crianças (ex: plasticina, canetas, lápis);
  - 3.4 – Acessos da sala para o exterior.

4 - *Configuração*, onde se procederá à elaboração da planta da sala que facilitará a visualização de, uma forma sintética, do espaço existente

## FICHA Nº 1

### Observação da Organização do Espaço Sala

**1 – Jardim-de-infância:**

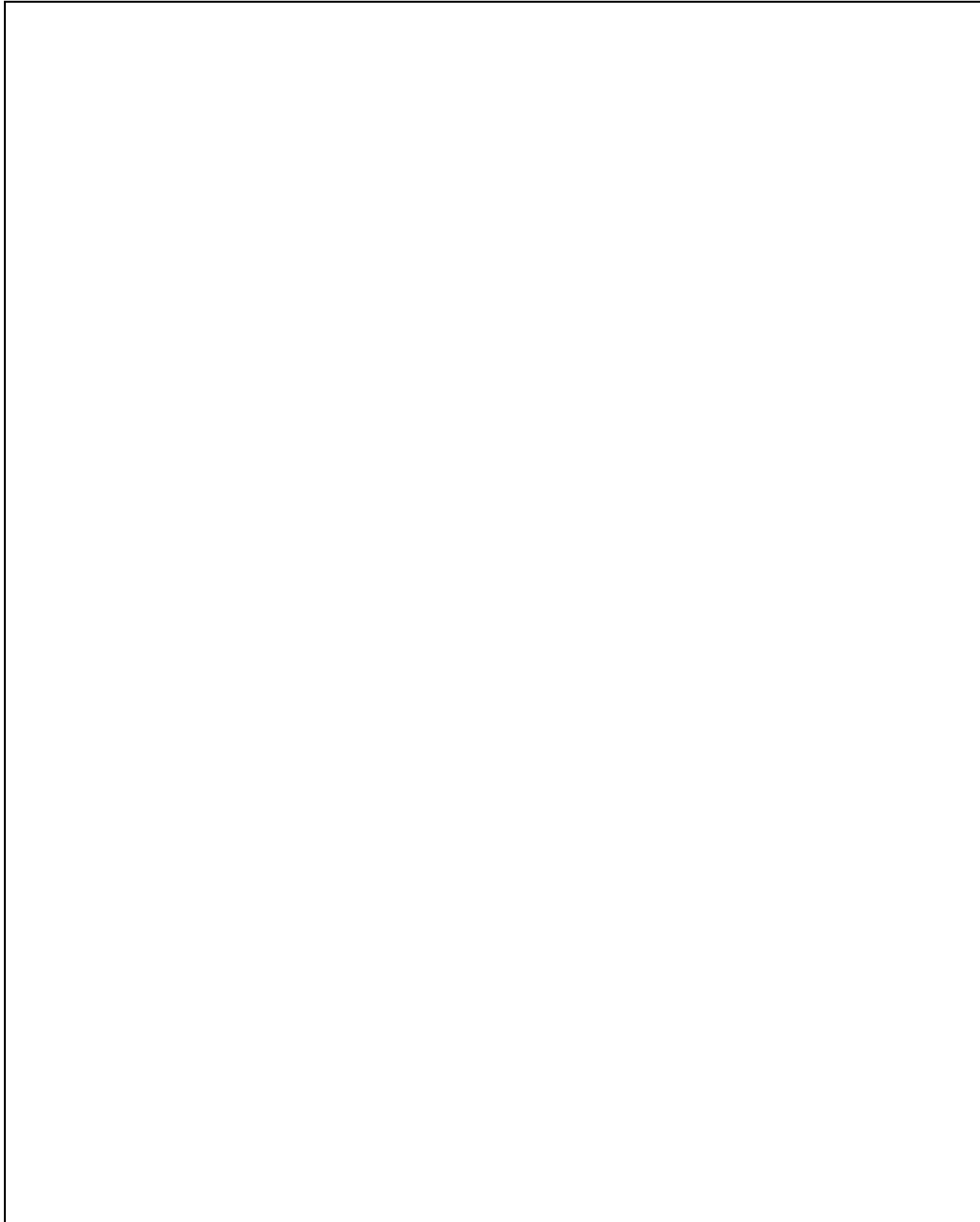
**2 – Sala:**

**3 – Organização do espaço:**

<b>ZONAS ÁREAS</b>	Área da casinha	Área da garagem	Área da cozinha	Área da mercearia	Jogos de mesa	Biblioteca	Mesa de actividades	Outros espaços a contemplar no espaço disponível:
<b>3.1 LOCALIZAÇÃO</b>								
<b>3.2 IDENTIFICAÇÃO DA ZON/ÁREA</b>								
<b>3.3- RECURSOS:</b>								
<b>3.3.1 FÍSICOS:</b>								
<b>3.3.2 MATERIAIS</b>								
<b>3.3.3 -PAINEIS</b>								
<b>3.3.4 MATERIAIS DE USO/CONSUMO</b>								

**4 – Acessos da sala para o exterior**

**5– Planta da sala:**



## ANEXO XII – Observação da Organização do Espaço das salas








### FICHA Nº 1

#### Observação da Organização do Espaço Sala

– Jardim-de-infância: Escola do Povo das Mercês

– Sala: 3 anos (Salta pocinhas)

– Organização do espaço:

ZONAS-ÁREAS	Área da casinha	Área da garagem e construção	Área da cozinha	Área da mercearia	Jogos de mesa	Manta (biblioteca)	Mesa de actividades	Outros espaços a contemplar no espaço disponível: Zona p/dormir
<b>3.1 LOCALIZAÇÃO</b>								
<b>3.2 IDENTIFICAÇÃO DA ZON/ÁREA</b>	X	X	X		X	X	X	X
<b>3.3- RECURSOS:</b> <b>3.3.1 FÍSICOS:</b>			 - 1 móvel com forno e lavatório e forno; - 1 mesinha; - 2 bancos.		 - 1 mesa; - 3 jogos.	 - 1 móvel.	 - 2 armários para guardar materiais de uso e consumo; - 1 mesa; - 6 cadeiras; - 1 quadro.	 - 24 camas (que são colocadas pela sala na hora da sesta). - 24 cabides que servem para colocar as coisas pessoais de cada criança, que estão dentro da sala.
<b>3.3.2 MATERIAIS</b>	-1 tapete/manta; - 2 caixas com roupas de bonecas. - bonecos; - 1 cama.	- 1 tapete de plástico; - 1 caixa de brinquedos; - 1 caixa de legos; - 1 caixa de carros.	- louças e panelas de plástico; - talheres de plástico.		- jogos de encaixe; - jogos de lógica; - puzzles.	- 1 tapete manta; - 24 almofadas. - livros; - jogos.	- jogos.	
<b>3.3.3 -PAINEIS</b>	X				X			
<b>3.3.4 MATERIAIS DE USO/CONSUMO</b>							- folhas; - canetas de feltro; - lápis de cor; - tesouras; - colas; - giz; - apagador; - tintas guaches; - pincéis.	










## FICHA Nº 1

### Observação da Organização do Espaço Sala

– **Jardim-de-infância:** Escola do Povo das Mercês

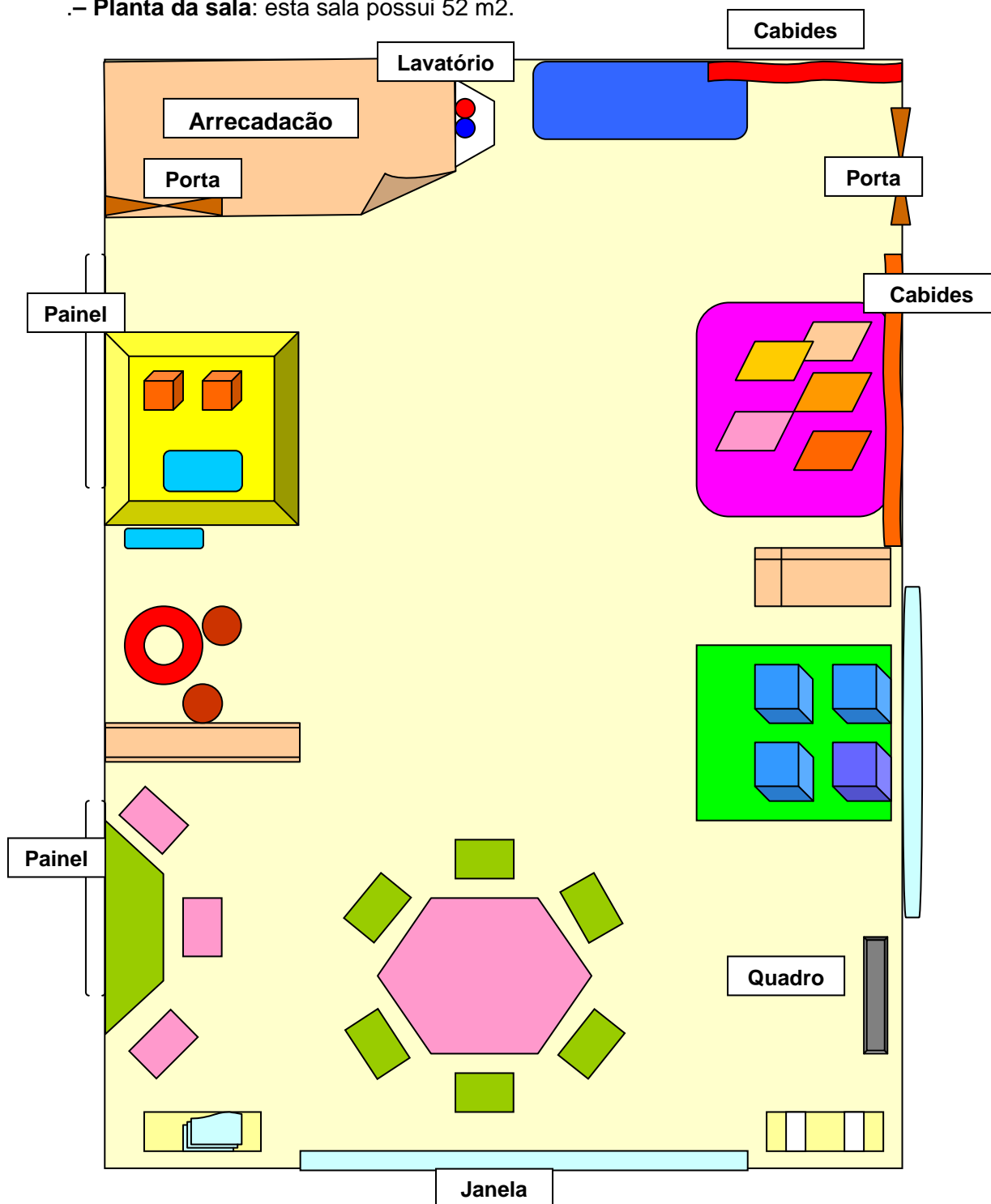
– **Sala:** 3 anos (As formiguinhas)

– **Organização do espaço:**

ZONAS-ÁREAS	Área da casinha	Área da garagem e construção	Área da cozinha	Área da mercearia	Jogos de mesa	Manta (biblioteca)	Mesa de actividades	Outros espaços a contemplar no espaço disponível: Zona p/dormir
<b>3.1 LOCALIZAÇÃO</b>								
<b>3.2 IDENTIFICAÇÃO DA ZON/ÁREA</b>	X	X	X		X	X	X	X
<b>3.3- RECURSOS:</b> <b>3.3.1 FÍSICOS:</b>			- 1 móvel com fogão, lavatório e forno; - 1 mesinha; - 2 bancos.		- 1 mesa; - 3 cadeiras	- 1 móvel .	- 2 armários para guardar material de uso e consumo; - 1 mesa; - 6 cadeiras; - 1 quadro	- 24 camas (que são colocadas pela sala na hora da sesta). - 24 cabides que servem para colocar as coisas pessoais de cada criança, que estão dentro da sala.
<b>3.3.2 MATERIAIS</b>	- 1 manta; - 1 cama; - 1 cesto com roupa; - 1 caixa com utensílios dos bonecos; - 1 tábua p/ passar a ferro; - corda da roupa; - molas p/ roupa; - bonecos.	- 1 tapete de plástico; - 1 caixa de brinquedos; - 1 caixa de legos; - 1 caixa de brinquedos de madeira; - 1 caixa com puzzle gigante.	- louças e panelas de plástico; - talheres de plástico.		- jogos de encaixe; - jogos de lógica; - puzzles.	- 1 tapete manta; - 24 almofadas. - livros; - jogos.	- jogos.	
<b>3.3.3 -PAINEIS</b>	X				X			
<b>3.3.4 MATERIAIS DE USO/CONSUMO</b>							- folhas; - canetas de feltro; - lápis de cor; - tesouras; - colas; - giz; - apagador; - tintas guaches; - pincéis.	

– **Acessos da sala para o exterior:** existe uma porta de entrada e saída para o espaço interno do colégio, e uma janela/porta de entrada e saída para o espaço externo do colégio, nomeadamente, para o parque da instituição

.– **Planta da sala:** esta sala possui 52 m<sup>2</sup>.











## FICHA Nº 1

### Observação da Organização do Espaço Sala

– Jardim-de-infância: Escola do Povo das Mercês

– Sala: 4 anos (O balão Mágico)

– Organização do espaço:

ZONAS-ÁREAS	Área da casinha	Área da garagem e construção	Área da cozinha	Área da mercearia	Jogos de mesa	Manta (biblioteca)	Mesa de actividades	Outros espaços a contemplar no espaço disponível: Zona p/dormir
<b>3.1 LOCALIZAÇÃO</b>								
<b>3.2 IDENTIFICAÇÃO DA ZON/ÁREA</b>	X	X	X	X	X	X	X	X
<b>3.3- RECURSOS:</b> <b>3.3.1 FÍSICOS:</b>	- 1 roupeiro;		- 1 móvel com fogão, lavatório e forno; - 1 mesinha; - 2 bancos;	- 1 mercearia	- 1 mesa; - 3 cadeiras	- 1 móvel .	- 2 armários para guardar material de uso e consumo; - 3 prateleiras p/jogos da criança autista; - 2 mesas; - 15 cadeiras; - 1 quadro; - 1 mesa de actividades p/ a criança autista da sala;	- 27 camas (que são colocadas pela sala na hora da sesta).
<b>3.3.2 MATERIAIS</b>	- 1 manta; - 1 cama; - 1 carrinho de bonecas; - 1 cesto com roupa; - cabides; - malas; - bonecos.	- 1 tapete de plástico; - 1 caixa de carros; - 1 caixa de legos; - 1 caixa de jogos de madeira;	- louças e panelas de plástico; - talheres de plástico;	- embalagens vazias de iogurtes, cereais, champôs.	- jogos de encaixe; - jogos de lógica; - puzzles;	- 1 tapete manta; - 24 almofadas. - livros; - jogos.	- jogos de raciocínio lógico; - jogos destinados à criança autista;	
<b>3.3.3 -PAINEIS</b>	X	X						
<b>3.3.4 MATERIAIS DE USO/CONSUMO</b>							- folhas; - canetas de feltro; - lápis de cor; - tesouras; - colas; - giz; - apagador; - tintas guaches; - pincéis; - plasticina; - fita cola; - agrafador; - furador; - lápis de cera.	











## FICHA Nº 1

### - Observação da Organização do Espaço Sala

- **Jardim-de-infância:** Escola do Povo das Mercês

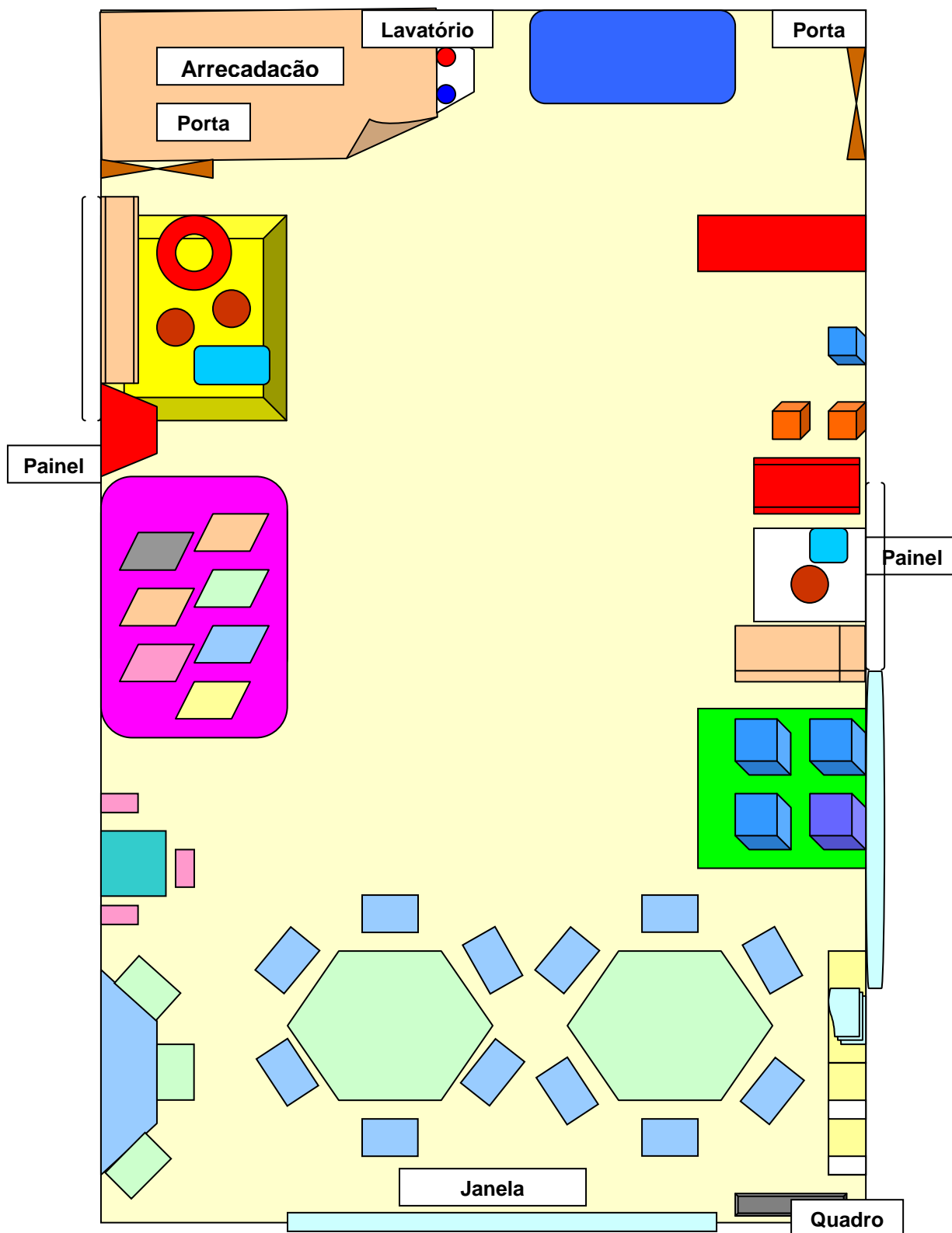
- **Sala:** 4 anos (Os cenourinhas)

- **Organização do espaço:**

ZONAS-ÁREAS	Área da casinha e cozinha	Área da garagem e construção	Área do cabeleireiro	Área da mercearia	Jogos de mesa	Manta (biblioteca)	Mesa de actividades	Outros espaços a contemplar no espaço disponível: Zona p/dormir
<b>3.1 LOCALIZAÇÃO</b>								
<b>3.2 IDENTIFICAÇÃO DA ZON/ÁREA</b>	X	X	X	X	X	X	X	X
<b>3.3- RECURSOS:</b> <b>3.3.1 FÍSICOS:</b>	- 1 móvel com fogão, lavatório e forno; - 1 mesinha; - 2 bancos;		-1 banco; -1 mesa; -1 espelho de parede; -1 roupeiro;	- 1 mercearia	- 1 mesa; - 3 cadeiras	- 1 móvel .	- 2 armários para guardar material de uso e consumo; - 3 prateleiras p/jogos da criança autista; - 2 mesas; - 15 cadeiras; - 1 quadro;	- 27 camas (que são colocadas pela sala na hora da sesta).
<b>3.3.2 MATERIAIS</b>	- 1 manta; - 1 cama; - 1 carrinho de bonecas; - 1 cesto com roupa; - bonecos; - louças e panelas de plástico; - talheres de plástico;	- 1 tapete de plástico; - 1 caixa de carros; - 1 caixa de legos; - 2 caixas com brinquedos.	- cabides; -malas; - 1 caixa com utensílios de cabeleireiros (ganchos, pentes, molas); -1 secador do cabelo.	-embalagens vazias de iogurtes, cereais, champôs.	- jogos de encaixe; - jogos de lógica; - puzzles;	- 1 tapete manta; - 24 almofadas. - livros; -jogos.	- jogos de raciocínio lógico; - jogos destinados à criança autista;	
<b>3.3.3 -PAINEIS</b>			X			X		
<b>3.3.4 MATERIAIS DE USO/CONSUMO</b>							- folhas; - canetas de feltro; - lápis de cor; - tesouras; - colas; - giz; - apagador; - tintas guaches; - pincéis; -plasticina; - fita cola;	

								- agrafador; - furador; - lápis de cera.	
--	--	--	--	--	--	--	--	--	--

- **Acessos da sala para o exterior:** existe uma porta de entrada e saída para o espaço interno do colégio, e uma janela para o espaço externo do colégio.
- **Planta da sala:** esta sala possui 54 m2.











## FICHA Nº1

### - Observação da Organização do Espaço Sala

- **Jardim-de-infância:** Escola do Povo das Mercês

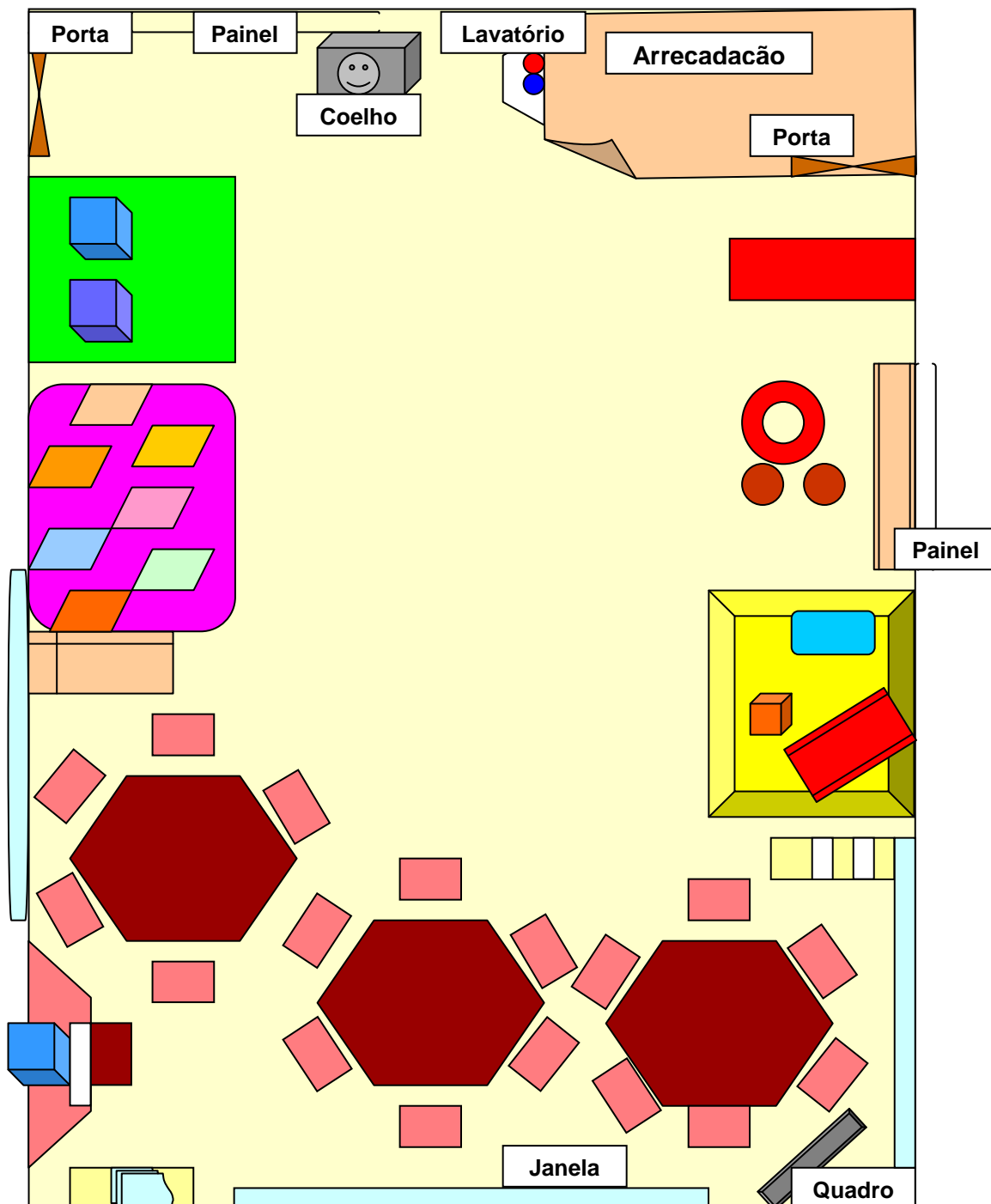
- **Sala:** 5 anos (Pestinhas)

- **Organização do espaço:**

ZONAS-ÁREAS	Área da casinha	Área da garagem e construção	Área da cozinha	Área da mercearia	Jogos de mesa	Manta (biblioteca)	Mesa de actividades	Outros espaços a contemplar no espaço disponível: Zona do coelho
<b>3.1 LOCALIZAÇÃO</b>								
<b>3.2 IDENTIFICAÇÃO DA ZON/ÁREA</b>	X	X	X	X	X	X	X	X
<b>3.3- RECURSOS:</b> <b>3.3.1 FÍSICOS:</b>	- 1 roupeiro;		- 1 móvel com fogão, lavatório e forno; - 1 mesinha; - 2 bancos;	- 1 mercearia	- 1 mesa; - 6 cadeiras	- 1 móvel .	- 2 armários para guardar material de uso e consumo; - 2 mesas; - 12 cadeiras; - 1 quadro; - 1 mesa p/ computador.	- 1 gaiola.
<b>3.3.2 MATERIAIS</b>	- 1 manta; - 1 cama; - 1 cadeira de transporte p/bonecos ; - 1 cesto com roupa; - cabides; - malas; - bonecos.	- 1 tapete de plástico; - 1 caixa de carros; - 1 caixa de legos; - 1 caixa de brinquedos.	- louças e panelas de plástico; - talheres de plástico;	-embalagens vazias de iogurtes, cereais, champôs.	- jogos de encaixe; - jogos de lógica; - puzzles;	- 1 tapete manta; - 24 almofadas. - livros; - jogos.	- jogos de raciocínio lógico; - 1 computador; - 1 impressora.	-1 coelho; - comida p/coelho.
<b>3.3.3 -PAINEIS</b>			X					X
<b>3.3.4 MATERIAIS DE USO/CONSUMO</b>							- folhas; - canetas de feltro; - lápis de cor; - tesouras; - colas; - giz; - apagador; - tintas guaches; - plasticina; - fitas-cola; - agrafadora; - furador; - lápis de cera; - pincéis.	

– **Acessos da sala para o exterior:** existe uma porta de entrada e saída para o espaço interno do colégio, e uma janela/porta de entrada e saída para o espaço externo do colégio, nomeadamente, para o parque da instituição.

– **Planta da sala:** esta sala possui 56 m2.



## **ANEXO XIII – A Observação da utilização de um espaço da sala (descritivo)**

– A observação da utilização de um espaço da sala (descritivo):

Seguidamente apresento especificados os itens, que considere, para esta técnica:

- a) Recursos temporais: tempo; a indicação, através de registos, da duração de uma actividade desenvolvida (em minutos);
- b) Recursos espaciais: zonas/áreas, no que diz respeito ao interesse manifestado nessa dada área;
- c) Recursos humanos: intervenientes, indicar o número de intervenientes numa determinada acção (nº de crianças, nº de adultos);
- d) Recursos técnicos: actividades, que tipo de acções são utilizadas em toda esta envolvência (actividades livres, actividades direccionadas, actividades impostas).

**- Descritivo da observação da utilização de uma área específica existente na Sala dos Salta-pocinhas (3 anos) no dia 13 de Outubro de 2008:**

Área da garagem:

**9H47m**

- As 5 crianças brincaram na garagem, eram 3 meninas e 2 meninos, pegaram na caixa dos bonecos e dos carros, e despejaram-na no centro da manta da garagem. Um dos meninos perguntou se queriam brincar com as pistas existentes no chão, mas só apenas um concordou, iniciaram, então, a brincadeira. As 2 meninas e o outro menino preferiram brincar com os bonecos existentes e iniciaram, também, a sua brincadeira, longe do espaço dos outros 2.

**9H56m**

- A auxiliar alertou para o facto de estarem a sair fora do espaço que está destinado àquela área, visto que, estavam quase no espaço da casinha das bonecas. Entretanto saiu 1 menina e 1 menino da brincadeira com os bonecos e entrou 2 rapazes, então aí deixaram de lado os bonecos e brincaram os 5 com as pistas existentes.

**10H06m**

- Durante a brincadeira 2 crianças entraram em conflito pois queriam as 2, o mesmo carro, a educadora interveio e estabeleceu um diálogo com vista a resolverem a situação. As crianças que foram saindo em entrando quiseram brincar com as pistas dos carros pois tornou-se, nesse dia, uma brincadeira que lhes suscitou interesse.

**10H30m**

- Quando a educadora pediu para as crianças arrumarem, elas próprias foram buscar as caixas, dos respectivos materiais, e procederam à sua arrumação. A auxiliar veio ajudá-los a fechar as caixas e verificou se estava tudo em ordem.

**- Descritivo da observação da utilização de uma área específica existente na Sala das Formiguinhas (3 anos) no dia 14 de Outubro de 2008:**

Área da casinha:

**9H43m**

- As 5 crianças foram brincar na casinha das bonecas, eram 3 meninas e 2 meninos. A brincadeira começou com a exploração do espaço, como tal, começaram por tirar as loiças do armário e pôr na mesa. Entre si decidiram quem era o pai e a mãe, e quem eram os filhos, colocaram os 2 filhos sentados nos bancos e o outro, a ajudar a colocar a mesa com os pais.

**9H50m**

- A brincadeira decorria à medida que iam chegando outras crianças para a casinha, e que substituíram aquelas que lá estavam. Isto porque, as crianças iam saindo da mesa de actividades, houve uma troca de pais e os filhos na brincadeira. A auxiliar lembrou as crianças que a loiça não devia estar espalhada no chão, pois no final seria mais difícil de colocar tudo no lugar.

**10H10m**

- Durante a brincadeira 2 crianças decidiram que já não queriam brincar naquele espaço e pediram à educadora que os trocasse. A educadora direccionou as crianças para outra área, entraram 2 meninas no grupo.

**10H22m**

- Quando acabou a actividade dirigida pela educadora, ficaram 4 meninas e 1 menino, nesta área. As meninas lideraram a brincadeira, enquanto o menino fazia de bebé.

**10H45m**

- Quando a educadora pediu para as crianças arrumarem, elas começaram a recolher a loiça que estava espalhada em cima das mesas e colocaram-na nos seus lugares. Visto que se encontravam 5 crianças nesta área, e a arrumar estava-se a gerar muita confusão, a educadora decidiu que apenas 2 meninas

o iam fazer. Os restantes sentaram-se na manta, a pedido da educadora, à espera que estivesse tudo arrumado na sala.

**- Descritivo da observação da utilização de uma área específica existente na Sala do Balão Mágico (4 anos) no dia 15 de Outubro de 2008:**

Área dos jogos de mesa:

**10H02m**

- Na área dos jogos de mesa sentaram-se 3 crianças com 1 puzzle grande na mão, decidiram que iam construí-lo conjuntamente. Estavam 2 meninos e 1 menina, mas foi 1 dos meninos que decidiu distribuir as peças.

**10H16m**

- Quando acabaram de construir o puzzle verificaram que faltava duas peças. Chamaram a auxiliar para lhe comunicar, a auxiliar procurou as peças e verificou que estavam caídas no chão. Acabaram de construir o puzzle e comunicaram à educadora que iam trocar de jogo. Todos arrumaram o puzzle, mas só 1 menino foi guardá-lo no armário. Nesse instante a educadora trocou as 3 crianças dessa área com aquelas que estavam na actividade de mesa. Quando as crianças se sentaram na mesa decidiram que iam brincar com os legos pequenos, e 1 delas levantou-se para ir buscar a caixa. Ao chegar, novamente, à mesa despejou a caixa, espalhando assim as peças. Cada uma das crianças criou formas diferentes com os legos, mas todas elas interagiram entre si, nas brincadeiras.

**10H42m**

- Quando a educadora pediu para as crianças arrumarem, 1 delas foi buscar a caixa dos legos e todas juntas procederam à recolha dos legos que estavam em cima da mesa, assim como, aquelas que estavam no chão. No final arrumaram as cadeiras e guardaram a caixa no lugar respectivo. A educadora foi verificar se não haviam peças no chão.

**- Descritivo da observação da utilização de uma área específica existente na Sala dos Cenourinhas (4 anos) no dia 16 de Outubro de 2008:**

Área do cabeleireiro:

**9H45m**

- Na área do cabeleireiro juntaram-se 2 meninas. Iniciaram a sua brincadeira decidindo quem ia ser a cabeleireira e quem ia ser a cliente. Uma das meninas sentou-se no banco que estava disponível nesta área enquanto a outra começou por retirar do armário o material para a pentear. Quando a menina que estava sentada já estava penteada, inverteram os papéis na sua brincadeira, a que era cliente passou ser a cabeleireira.

**9H55m**

- As 2 meninas que estavam nesta área tinham de sair para poderem ir fazer a actividade que a educadora estava a dirigir na área das mesas de actividades. Entram, então, 1 menino e 1 menina para esta área, pois pediram à educadora se podiam ir para essa área. O menino queria ser o cabeleireiro, e começou por pentear a menina ao mesmo tempo que lhe perguntava o que ela queria fazer ao cabelo.

**10H12m**

- Saíram, novamente, essas crianças dessa área, pelo mesmo motivo acima descrito, e entram 2 meninas. Desta vez a brincadeira delas foi diferente, pois pediram à educadora que as deixasse ir à área da casinha buscar 2 bonecas, para que cada uma pudesse pentear a sua. A educadora respondeu afirmativamente, mas foi ela que foi escolher as bonecas para elas pentearem. As crianças sentaram as bonecas, uma de cada vez, no banco e iniciaram a brincadeira, onde elas eram as mães e as bonecas as filhas.

**10H32m**

- As crianças pediram à educadora para sair desta área. A educadora perguntou às crianças da sala se havia alguém que queira substituir as colegas, mas não houve nenhuma criança que quis voltar para lá. A educadora questionou-as para onde queriam ir e colocou-as no local que elas elegeram.

Antes de saírem desta área, procederam à arrumação de todos os materiais, quando terminam, a auxiliar foi verificar se estava tudo no local certo.

#### **10H41m**

-Neste dia encerrou, a esta hora, esta área durante o período da manhã.

#### **- Descritivo da observação da utilização de uma área específica existente na Sala dos Pestinhas (5 anos) no dia 17 de Outubro de 2008:**

##### Área da biblioteca:

#### **10H**

- 3 Crianças foram para esta área, 2 meninos e 1 menina. A menina dirigia a brincadeira e decidiu que ela ia fazer de educadora da sala enquanto os outros meninos seriam o grupo (brincar ao faz-de-conta). Ela começou por mandá-los sentar nas almofadas e retirou um livro da prateleira. Pegou no livro e iniciou a brincadeira da conversa da manhã, contou a história, exactamente, como faz a educadora no acolhimento.

#### **10H27m**

- Um dos meninos decidiu quer seria ele o educador, mas a menina não deixou e tiveram um pequeno conflito. A educadora veio verificar o que se passava, e fê-los entrar num acordo, mas o menino pediu à educadora para sair dali para ir para outra área. A educadora perguntou ao grupo quem queria trocar com aquele menino, e houve 1 menina quem trocou com ele.

#### **10H40m**

- A brincadeira continuou, mas numa certa altura, as crianças resolverem tirar todos os livros da prateleira e colocá-los no chão. A educadora que estava atenta ao que se estava a passar veio ver que brincadeira era aquela. As crianças responderam que estavam a pensar arrumar os livros todos, visto que, estava tudo mal arrumado. A educadora pediu-lhes que o fizessem sem estragar os livros, explicando-lhes que os livros têm de ser manuseados com

cuidado para não se estragarem. As crianças foram arrumando-os consoante os tamanhos dos mesmos, ou seja, de uma forma hierarquizada.

### **11H02m**

- Quando terminaram de os arrumar cada uma das crianças pegou apenas num livro e sentaram-se, calmamente, a desfolhá-lo, vendo as imagens e as letras que continham.

### **11H17m**

- Terminou a brincadeira nesta área e as crianças procederam à arrumação, correcta, dos livros que foram utilizando. Uma das crianças foi chamar a educadora para verificar se ela achava que estava tudo bem arrumado. A educadora elogiou o trabalho das crianças.

## **ANEXO XIV: Deslocações da educadora e das crianças, no espaço sala (descritivo)**

### – Deslocações da Educadora e das crianças, no espaço sala (descritivo)

Este registo será feito de acordo com a seguinte interpretação:

- As deslocações: deve-se registar as deslocações feitas dentro da sala (educadoras e crianças);
- O espaço (zona/área): especificar o local de permanência (educadora e crianças);
- O tempo: em que momentos ocorrem estas mesmas deslocações;
- Em que actividades: que atitudes toma a educadora no decorrer das suas deslocações, e como agem as crianças perante a diversidade de instrumentos existente na sala;
- Modo de trabalhar: prática interventiva das educadoras no desenrolar do trabalho pedagógico. Ou seja, como a educadora conduz a sua intervenção no espaço pedagógico. E como as crianças reagem perante as actividades propostas.

**- DESCRITIVO: Sala dos Salta-pocinhas (3 anos) no dia 13 de Outubro de 2008:**

**9 Horas:**

- A educadora sentou-se na frente das crianças que estavam na área da manta, sentadas em grande grupo, e iniciou a conversa da manhã, onde se estabeleceu uma interacção adulto-criança, criança-criança. Seguidamente, procedeu à marcação das presenças da sala, e estas respondiam quando ouvia o seu nome, nesse dia estavam presentes apenas 22 crianças, das 24 existentes. A educadora contou uma história que uma menina trouxe. A educadora fez a distribuição das bolachas pelas crianças, e foi neste espaço que a educadora iniciou a explicação da actividade que iam realizar.

**9 H 45 m:**

- A educadora levantou-se e escolheu 5 crianças para a área das mesas de actividades, para realizarem a actividade de construção de barcos, devido ao tema do projecto indicado para o mês de Outubro. A educadora distribuiu as outras crianças pelas outras áreas, respectivamente: 2 na biblioteca, 4 na área da casinha das bonecas, 3 na área dos jogos de mesa, 4 na área da cozinha e 4 na área da garagem, esta escolha foi feita pela educadora. Nestas áreas as crianças interagiram umas com as outras brincando livremente com os materiais que faziam parte das mesmas, a auxiliar foi controlando as brincadeiras das crianças que estavam nas áreas. A actividade de mesa foi dirigida pela educadora, e é esta que ia buscar o material necessário para a realização dos barcos, pincéis, cola, tintas e cartão. As crianças elaboraram a actividade e consoante iam terminando, levantavam-se para lavar as mãos, faziam-no com o apoio da auxiliar que os ia encaminhando para o lavatório existente na sala. As crianças foram rodando pelas áreas, visto que, à medida que iam terminando a actividade de mesa, a educadora ia chamando outras crianças para virem realizar, também, a actividade dirigida.

**10H30m:**

- A actividade dirigida terminou, a educadora deixou as últimas crianças que realizavam a actividade nas mesas e colocou plasticina para elas brincarem, as crianças pegaram alegremente na mesma e procederam ao seu manuseamento. A educadora, juntamente com a auxiliar, deslocou-se ao lavatório para lavar o material utilizado na actividade de mesa.

**10H55m:**

- Terminam as brincadeiras e a educadora pediu às crianças que procedessem à arrumação dos materiais das respectivas áreas. A educadora e a auxiliar da sala deram o apoio necessário às crianças para que tudo ficasse arrumado no sítio correcto. Durante este processo algumas crianças disseram que estava muito barulho na sala e incitaram os colegas para se calar.

**11H05m:**

- As crianças foram em fila para o WC para realizar a sua higiene, e fizeram-no com o apoio da auxiliar e da educadora. Quando terminaram foram em conjunto para o refeitório.

**11H50m:**

- Quando todos terminaram de almoçar foram, novamente em fila, para WC.

**12H00:**

- A educadora levou as crianças para o pátio coberto, brincar.

**- DESCRITIVO: Sala das formiguinhas (3 anos) no dia 14 de Outubro de 2008:****9 Horas:**

- A educadora sentou-se na frente das crianças que estavam na área da manta, sentadas em grande grupo, e iniciou a conversa da manhã, onde se estabeleceu uma interacção adulto-criança, criança-criança. Seguidamente, procedeu à distribuição das bolachas que, segundo a educadora, é uma forma

de eles ficarem mais calmos. A educadora pegou no registo de presenças e iniciou a chamada, estavam presentes nesse dia, 21 crianças na sala. A educadora contou uma história que trouxe para esse dia, que falava sobre como se faz o pão. Foi neste tempo que se deu o início do tema do dia, e a explicação da actividade dirigida.

#### **9 H 40m:**

- A educadora levantou-se e procedeu à distribuição do grupo pelas áreas existentes na sala. Sentou 3 crianças na área dos jogos de mesa, 5 crianças na área da garagem, 3 crianças na biblioteca, 4 crianças na casinha e sentou 3 meninas e 3 meninos na mesa de actividades. Esta escolha para as crianças realizarem a actividade dirigida é feita pela educadora que tem sempre o cuidado de sentar meninos com meninas. Ela fá-lo pois alega que nesta faixa etária as meninas conseguem “puxar” pelos meninos e isso é benéfico para eles, visto que os ajuda a desenvolver-se. A actividade a realizar consistia em fazer um saco para colocar o pão, feito com cartolina e papel crepe cortado aos bocadinhos. A educadora foi buscar os materiais necessários, cola, cartolina, papel crepe às cores, papel de lustro, papel autocolante, folhas coloridas e pincéis. O molde do saco ia para as crianças já cortado, visto que, a auxiliar é que estava incumbida de realizar essa tarefa, por parte da educadora. As crianças punham a cola e colocavam os papelinhos no espaço destinado, no centro do molde do saco, a educadora deu opção de escolha às crianças para que pudessem decidir qual o material que queriam usar para preencher o saco. Visto que ainda são crianças pequenas, a educadora tinha de os incentivar a preencher os espaços vazios. As crianças, à medida que iam acabando, iam trocando de lugar com as outras que estavam distribuídas pelas outras áreas, a educadora fazia esta troca, perguntando quem queria ir realizar a actividade, visto que haviam x lugares disponíveis. Nas outras áreas as crianças deslocavam-se com confiança manuseando os materiais respectivos, com à vontade.

**10H50m:**

- A actividade dirigida terminou, a educadora pediu às crianças da sala para arrumarem. As crianças procedem à arrumação da sala com a ajuda da educadora e da auxiliar.

**11H10m:**

- As crianças foram em fila com a educadora e auxiliar para o WC para realizar a sua higiene e fizeram-no sempre com a ajuda da educadora e da auxiliar

**11H15m:**

- À medida que se foram despachando, a educadora levou-os para o refeitório, enquanto a auxiliar ficou no WC a ajudar os que ainda lá estavam. Quando todos terminaram a auxiliar juntou-se ao grupo, e à educadora, no refeitório.

**11H45m:**

-Terminaram de almoçar e foram, novamente, em fila para o WC, acompanhadas pela educadora e auxiliar.

**12H00:**

- A educadora levou as crianças para o pátio coberto, brincar.

**- DESCRITIVO: Sala do Balão Mágico (4 anos) no dia 15 de Outubro de 2008:****9 Horas:**

- A educadora sentou-se em roda, no chão, com as crianças. Iniciou o dia com a marcação das presenças, estavam 23 crianças na sala, faltaram 2. Uma das meninas disse à educadora que tinha trazido a história que a educadora tinha pedido, previamente, sobre Portugal. A educadora pediu a duas crianças que fizessem a distribuição das bolachas, uma das crianças pegou na caixa e a outra deu-as às crianças que estavam sentadas na roda. Quando terminaram, a educadora cantou uma canção, e iniciou a história, contando-a às crianças de uma forma muito mimada. No final da história as crianças fizeram perguntas sobre algumas coisas que foram contadas e a educadora mostrou-se sempre

disponível para responder às questões. Gerou-se uma boa interacção adulto-criança, criança-criança. A educadora aproveitou a história para dar início à explicação do tema para a actividade diária.

#### **10Horas:**

- A educadora dirigiu as crianças para as áreas e distribuiu-as da seguinte forma: 5 na área da casinha, 3 na área da garagem, 3 na área dos jogos de mesa e 12 na mesa de actividades. A educadora referiu que a escolha das crianças para a actividade dirigida é sempre feita tendo em conta as dificuldades de algumas crianças do grupo, ou seja, ela coloca as crianças que são mais distraídas com aquelas que são mais aplicadas, a realizar a actividade. Nesse dia as crianças fizeram uma colagem no mapa de Portugal, a educadora colocou na mesa um mapa para cada criança e cada uma delas tinha de colar diferentes cores nas diferentes regiões do país. A educadora foi ao armário buscar os diversos materiais, cola, pincéis, lãs, cortiça, papel crepe, papel de lustro, folhas coloridas, papel autocolante e tesouras. As crianças escolheram os materiais que quiseram colar nas suas regiões com a ajuda da auxiliar, que ficou a dirigir uma das mesas, e da educadora, que ficou a dirigir a outra. As outras crianças que estavam a brincar nas outras áreas deslocavam-se no espaço de um forma confiante e permaneciam nos locais restritos. Manuseavam os materiais das respectivas áreas com conhecimento e segurança. Sempre que necessitavam de algum tipo de ajuda chamavam a educadora para os orientar.

#### **10H50m:**

- A actividade dirigida terminou, a educadora pediu às crianças da sala para arrumarem as áreas respectivas, as crianças fizeram-no com facilidade e no final a educadora verificou se estava tudo arrumado.

#### **11H10m:**

- As crianças foram em fila com a educadora e auxiliar para o WC para realizar a sua higiene e fizeram-no sob o supervisionamento da educadora e da auxiliar.

**11H15m:**

- A educadora levou-os para o refeitório, juntamente com a auxiliar.

**11H45m:**

-Terminaram de almoçar e foram, novamente, em fila para o WC, acompanhadas pela educadora e auxiliar.

**12H00:**

- A educadora levou as crianças para o pátio coberto, brincar.

**- DESCRITIVO: Sala dos Cenourinhas (4 anos) no dia 16 de Outubro de 2008:****9 Horas:**

- A educadora sentou-se em roda, no chão, com as crianças. Iniciou o dia com uma canção do coelho Alberto, as crianças acalmaram-se e então a educadora procedeu à marcação das presenças, estavam 25 crianças na sala, faltava apenas 1. A educadora distribuiu as bolachas. A criança autista, foi com a terapeuta para a sala que há na instituição para a terapia ocupacional. As outras crianças contaram novidades e ouviram a história que a educadora contou, era sobre a bela adormecida, que tinha sido uma menina que a trouxe, nesse dia, para a sala. A educadora fez a introdução à actividade dirigida.

**10Horas:**

- A educadora disse para as crianças se deixarem estar sentadas pois iam proceder ao engarrafamento do vinho que tinham estado, na outra semana, a pisar. A educadora foi buscar os materiais, as garrafas, as tampas, e a auxiliar foi buscar o funil, um coador, um jarro, o alguidar com o vinho e uma toalha de plástico para forrar o chão. Colocaram uma cadeira no centro da roda e os respectivos materiais. A educadora despejou o vinho do alguidar para o jarro e foi chamando as crianças, uma a uma, para engarrafar o seu vinho. A criança pegou no jarro, com a ajuda da educadora, e despejou o vinho para dentro da sua garrafa no final tapou-a com uma tampa de plástico que havia para o efeito. Todas as crianças fizeram este processo. Quando terminavam iam com

a auxiliar lavar as mãos no lavatório da sala. Depois das garrafas estarem todas engarrafadas algumas crianças quiseram colocar o dedo no vinho que sobrou no alguidar e provar, algumas gostaram, outras nem por isso. Este processo foi demorado, mas as crianças tiveram sempre muito atentas a todo este processo.

**11H30m:**

- O engarrafamento do vinho terminou e a educadora resolveu ir com as crianças para o pátio exterior visto que estava bom tempo e as crianças tinham estado muito tempo na sala a ver engarrafar o vinho. A educadora pediu a uma menina que fosse buscar o cesto dos chapéus, quando ela o trouxe deu-o à educadora que distribuiu um por cada uma das crianças. A auxiliar ficou a arrumar e limpar a sala, enquanto as crianças e a educadora, foram em comboio para o pátio.

**12Horas:**

- As crianças saíram do pátio e tiraram os chapéus colocando-os dentro do respectivo cesto. Seguidamente, foram em fila, com a educadora e auxiliar, para o WC para realizar a sua higiene e fizeram-no sob o supervisionamento da educadora e da auxiliar.

**12H10m:**

- A educadora levou-os para o refeitório, juntamente com a auxiliar.

**12H45m:**

-Terminaram de almoçar e foram, novamente, em fila para o WC, acompanhadas pela educadora e auxiliar.

**12H00:**

- A educadora levou as crianças para o pátio coberto, brincar.

## **- DESCRITIVO: Sala dos Pestinhas (5 anos) no dia 17 de Outubro de 2008:**

### **9 Horas:**

- A educadora sentou-se em roda, no chão, com as crianças. A educadora iniciou o dia com a conversa da manhã que, segundo ela, todos os dias se realiza para que as crianças se possam expressar livremente. Os temas foram os mais variados, mas o principal foi a visita que tinham feito no dia anterior à padaria do pai de 1 dos meninos na sala. Posteriormente, a educadora procedeu à marcação das presenças, estavam 22 crianças na sala, faltavam 3. Cantou-se os parabéns a 1 menino que fazia anos nesse dia. A distribuição das bolachas foi feita por 2 crianças que pegaram na caixa e foram-nas distribuindo pelo grupo. A educadora contou uma história cujo título era: É um segredo. Neste espaço foi decidido que nesse dia a actividade dirigida seria fazer um desenho sobre a visita à padaria. A educadora escreveu a data no quadro e as crianças foram, uma de cada vez, colocar o cartão que as identifica nas áreas, ou seja, existe um espaço em cada área que é destinado à colocação de um cartão que serve para as crianças escolherem a área para onde desejam ir.

### **10Horas:**

- As crianças estavam já estavam distribuídas pelas áreas que elegeram, mas 12 crianças foram para a área da actividade de mesa para eu pudesse realizar o desenho sobre a visita à padaria. Segundo a educadora, visto que esta actividade não requer tanta orientação, ela e a auxiliar foram arrumando do armário os trabalhos já realizados pelas crianças durante os dias anteriores. Algumas crianças iam chamando a educadora para fazer questões sobre dúvidas que iam surgindo, à medida que iam acabando a educadora perguntava quem queria trocar, e deste modo, todas as crianças fizeram a actividade. Os desenhos acabados a auxiliar ia-os colocando no placard.

### **11H35m:**

- Quando todos terminaram a educadora propôs que se sentassem todos em roda para proceder à explicação dos desenhos e ao registo de informações sobre os mesmos. As crianças arrumaram as áreas onde estavam a brincar, com bastante facilidade e conhecimento. Uma das crianças foi buscar a caixa

dos marcadores e entregou-a à educadora, a auxiliar foi à arrecadação buscar uma cartolina. Nesta interacção as crianças foram relatando factos que estavam descritos nos desenhos que fizeram. Quando terminaram a educadora colocou a cartolina do registo no placard ao pé dos desenhos que as crianças tinham já feito. A educadora pediu que fizessem todos um comboio à porta da sala.

**12Horas:**

- As crianças foram para o WC com a educadora e a auxiliar, para realizarem a sua higiene. Fizeram-no com o visionamento dos adultos da sala.

**12H10m:**

- A educadora levou-os para o refeitório, juntamente com a auxiliar.

**12H45m:**

-Terminaram de almoçar e foram, novamente, em fila para o WC, acompanhadas pela educadora e auxiliar.

**12H00:**

- A educadora levou as crianças para o pátio coberto, brincar.

**ANEXO XV – autorização da instituição para a realização da  
investigação**

Mercês, 15 de Abril de 2010

### Autorização

Como representante desta instituição, Jardim-de-infância Escola do Povo das Mercês, venho por este meio autorizar que, no âmbito do Mestrado em administração e Gestão Educacional, seja efectuado um estudo de carácter qualitativo, cujo tema é: O espaço e o seu Impacto Educativo: a importância da gestão e organização do espaço sala em educação infantil.

Foi-nos solicitado por Marta Sofia Carreiro Filgueiras, educadora de infância nesta instituição, a permissão para a recolha de dados sobre toda a dinâmica envolvente do espaço sala, e de todos outros dados, que de alguma forma, poderão ser relevantes para esta investigação. Passo a citar seguidamente:

- A elaboração de um descritivo sobre toda a caracterização desta instituição;
- Durante o mês de Outubro do ano 2008, foi feita uma observação directa em todas as salas de jardim-de-infância, nomeadamente, às crianças e educadoras, com vista á obtenção de dados sobre as suas deslocações na sala. Esta observação foi realizada no período da manhã, em horário lectivo;
- A elaboração de entrevistas a todas as educadoras, excepto na creche, à coordenadora pedagógica e a um dos elementos representativos da direcção, também durante o mês de Outubro do ano 2008, em horário não lectivo.
- Toda a recolha de outros dados, imprescindíveis, para a realização deste estudo, legislação, projecto educativo e regulamento interno.

O uso que irá ser dados a toda esta recolha de dados fornecidos, servirá, apenas, e exclusivamente, para o fim que foi solicitado.

Sem outro assunto de momento, subscrevemo-nos atenciosamente.

A Coordenadora Pedagógica

Maria Manuela Lança

